



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE VITÓRIA

SAMINE DE ALMEIDA BENFICA

VITÓRIA
2016

SAMINE DE ALMEIDA BENFICA

A CONCORDÂNCIA VERBAL NA FALA DE VITÓRIA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Marta Pereira Scherre.

VITÓRIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Naturais,
da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

B465c Benfica, Samine de Almeida, 1992-
A concordância verbal na fala de Vitória / Samine de Almeida Benfica. – 2016.
111 f. : il.

Orientadora: Maria Marta Pereira Scherre

Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Linguística. 2. Sociolinguística – Vitória (ES). 3. Língua portuguesa – Concordâncias. 4. Língua portuguesa – Verbos. 5. Língua portuguesa – Português falado – Vitória (ES). I. Scherre, Maria Marta. II. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho resulta de uma longa jornada de dedicação à pesquisa e de vivência no meio acadêmico, durante a qual contei com o apoio de muitas pessoas. Primeiramente, agradeço aos meus pais por sempre terem acreditado no meu potencial para o estudo e por terem apoiado todas as minhas escolhas. Ao meu irmão, Mateus, por ser o elo mais forte do nosso cotidiano em família. Agradeço também aos demais familiares, que sempre me estimularam a seguir com minha formação acadêmica e demonstraram orgulho com minhas conquistas.

Agradeço a Marta Scherre, por ter me guiado ao longo de todo esse percurso. Agradeço por seu profissionalismo em desempenhar a função de orientadora, e por seu carinho e bom humor ao se relacionar com os pares. Obrigada por me acompanhar em todos esses anos e por participar do meu amadurecimento como pesquisadora e como pessoa.

As amigas tiveram papel fundamental em meu dia a dia e, por isso, agradeço a Nayara, pelo apoio incondicional e pela amizade fiel, mesmo quando estive tão longe. Agradeço a Francielli, por ter sido luz durante todos esses anos, e por ter permanecido ao meu lado em todas as lutas, também construindo lutas. Agradeço a Nastassia, por compartilhar comigo das “dores e delícias” de uma pós-graduação. Agradeço a Anna Karoline, Mariana, Letícia e Thays, pelas noites de dança e risadas; foi assim que construímos (ou fortalecemos) nossos laços!

Agradeço a Daniel, Karina, Nastassia, Janny, Diana e Marianne pela parceria na organização do III Congresso Nacional de Estudos Linguísticos, na Ufes. Também aos professores Penha Lins, Rivaldo Capistrano, Micheline Tomazi, Lucia Helena Peyroton, Carmelita Minelio e Luciano Vidon. Nossa ciência precisa de nós não só como pesquisadores, mas também como realizadores de eventos como esse, para se manter viva e atualizada.

Agradeço ao Movimento Estudantil de Letras, e aos colegas de todo o Brasil que deste também foram membros, por me estimularem a adotar uma postura menos passiva diante de tudo, especialmente no que tange a nossa área de estudo e atuação. O debate por uma educação pública, gratuita e de qualidade não deve cessar na graduação, na pós e, principalmente, na escola básica, que é para onde agora retorno, como professora.

Agradeço aos professores de Linguística da Ufes, por seus conhecimentos compartilhados e construídos junto a nós, alunos, e por sua incansável luta dedicada à obtenção do curso de doutorado em Linguística na Ufes para o ano de 2016.

Agradeço a Lilian Yacovenco e Rosane Berlinck, membros da banca, pela leitura atenciosa do meu texto na qualificação e na defesa e por sua generosa contribuição para o desenvolvimento desta pesquisa. Pelas mesmas razões, agradeço também a Leila Tesch, membro suplente da banca.

Agradeço aos membros do grupo Portvix, tanto às professoras Leila Tesch, Lilian Yacovenco e Marta Scherre quanto aos alunos de iniciação científica e mestrado, por tornarem possíveis os Seminários de Sociolinguística. Admiro a todos pelo empenho individual e coletivo em tornar esse grupo de pesquisa cada vez mais sólido.

Agradeço a Marta Scherre, Anthony Naro, Camila Foeger e Shirley Mattos pela parceria na realização dos trabalhos para os congressos internacionais, especialmente a Marta Scherre e Anthony Naro, que tomaram a dianteira nas fases de elaboração e viajaram para o exterior para apresentá-los.

Agradeço a Elba Calmon por compartilhar o material de fala casual produzido durante seu mestrado. Essa troca de “figurinhas” é importante para que nossas pesquisas se desenvolvam e avancem.

Agradeço a Capes pela bolsa de mestrado, que me permitiu me dedicar exclusivamente aos estudos.

A todos esses e aos demais que cruzaram o meu caminho e somaram na minha vida, meu muito obrigada!

Ai! Se Sêsse!...

Se um dia nós se gostasse;
Se um dia nós se querêsse;
Se nós dois se impareásse;
Se juntinho nós dois vivesse!
Se juntinho nós dois morásse;
Se juntinho nós dois drumisse;
Se juntinho nós dois morrêsse;
Se pró céu nós assubisse!?
Mas porém se acontecêsse,
Qui São Pêdo não abrisse
As porta do céu e fôsse,
Te dizê quarqué toulíce?
E se eu me arriminásse
E tu cum eu insistisse,
Pra qui eu me arresorvêsse
E a minha faca puchásse,
E o buxo do céu furasse?...
Tarvez qui nós dois ficásse,
Tarvez qui nós dois caísse,
E o céu furado arriásse
E as Virge toda fugisse!!!

Poeta Zé da Luz

RESUMO

A proposta central desta pesquisa é analisar o fenômeno concordância verbal em primeira e terceira pessoa do plural no português falado na cidade de Vitória – ES. Para tanto, utilizaremos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), a qual também é referência para inúmeros trabalhos sobre a concordância verbal variável nas mais diversas comunidades de fala do Brasil e do mundo. Os linguistas dessa área consideram que a língua é heterogênea e que há fatores de ordem linguística e social atuando sobre ela, o que faz com que ela manifeste tantas variações. É interesse nosso identificar estes fatores e compreender sua sistematização no que diz respeito a este fenômeno fortemente estereotipado. O desenvolvimento dessa pesquisa, a qual tem caráter quantitativo e qualitativo, se deu a partir da análise de entrevistas, extraídas de duas amostras de fala do português de Vitória: a primeira, de fala mais monitorada, é o Português falado na cidade de Vitória (Portvix), composto por 46 entrevistas tipicamente labovianas (YACOVENCO, 2009; 2012); a segunda, de fala casual, composta por três gravações (CALMON, 2010). Nossas análises estão mais focadas nas entrevistas de fala mais monitorada. Trataremos separadamente da concordância verbal variável em primeira e em terceira pessoa do plural, por considerarmos que são duas variáveis dependentes com propriedades distintas, mas também com algumas semelhanças. Para o tratamento estatístico dos dados de nossos corpora, utilizamos o programa *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). De um total global de 3616 ocorrências verbais, 521 são de primeira pessoa, apresentando 90,4% de casos com marcação de plural e 3095 são de terceira pessoa, apresentando 78,8% de casos com marcação de plural. Em geral, nossas análises reforçam a ideia de que terceira pessoa e primeira pessoa do plural são variáveis dependentes distintas, o que se justifica, principalmente, por três razões: índice de incidência na fala, percentual global de concordância e significado social de cada uma. Mesmo assim, em ambas variáveis, os resultados apontam para uma mudança em direção à variante padrão, com maior incidência de concordância na fala dos mais jovens e mais escolarizados.

Palavras-Chave: Concordância verbal. Terceira pessoa do plural. Primeira pessoa do plural. Fala de Vitória.

ABSTRACT

The central purpose of this research is to analyze the phenomenon verb agreement in first and third person plural in Portuguese spoken in Vitória - ES. Therefore, we will use the theoretical assumptions of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]), which is also a reference to numerous studies about the verbal agreement variable in several communities in Brazil and in the world. Linguists in this area believe that the language is heterogeneous and that there are factors of linguistic and social order acting on it, which makes it manifest so many variations. It is our interest to identify these factors and understand their systematization of this strongly stereotyped phenomenon. The development of this research, which has a quantitative and qualitative character, occurred through the analysis of interviews, drawn from two samples of Portuguese spoken in Vitória: the first, a more careful speech, is the “Português falado na cidade de Vitória” (Portvix), comprising typically 46 labovian interviews (YACOVENCO, 2009; 2012); the second, in casual speech, composed of three recordings (CALMON, 2010). Our analyzes are more focused on the more careful speech. We treat separately the variable verbal agreement in first person plural and in third person plural, because we believe that these are two dependent variables with different properties, but also with a few similarities. For the statistical treatment of the data from our corpus, we use the *Goldvarb X* program (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Of a global total of 3616 verbal occurrences, 521 are in first person plural, with 90,4% of tokens with plural marking, and 3095 are in third person plural, with 78,8% of tokens with plural marking. In general, our analysis reinforces the idea that the third person plural and first person plural are different dependent variables, which is justified, mainly, for three reasons: incidence rate in speech, overall agreement and social significance of each. Still, in both variables, the results indicate a shift toward standard variant, with the highest incidence of agreement in the speech of younger and more educated.

Keywords: Verbal Agreement. Third person plural. First person plural. Speech of Vitória.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Índices gerais de concordância em terceira pessoa do plural em cinco localidades	42
Tabela 2 – Efeito da saliência fônica na concordância em terceira pessoa do plural na amostra Portvix	48
Tabela 3 – Efeito da saliência fônica na concordância em terceira pessoa do plural na amostra Portvix com amalgamação dos níveis	49
Tabela 4 – Comparação dos efeitos da saliência fônica na concordância em terceira pessoa do plural entre a amostra Portvix e outras amostras	50
Tabela 5 – Efeito do paralelismo oracional na concordância em terceira pessoa do plural na amostra Portvix.....	52
Tabela 6 – Comparação dos efeitos do paralelismo oracional na concordância em terceira pessoa do plural entre a amostra Portvix e outras amostras	52
Tabela 7 – Efeito do traço humano do sujeito na concordância em terceira pessoa do plural na amostra Portvix.....	55
Tabela 8 – Comparação dos efeitos do traço humano do sujeito com amalgamação dos fatores na concordância em terceira pessoa do plural entre a amostra Portvix e outras amostras	56
Tabela 9 – Efeito da posição do sujeito na concordância em terceira pessoa na amostra Portvix	58
Tabela 10 – Comparação dos efeitos da posição do sujeito na concordância em terceira pessoa do plural entre a amostra Portvix e outras amostras.....	59
Tabela 11 – Efeito da variável escolarização na concordância em terceira pessoa do plural na amostra Portvix.....	61
Tabela 12 – Comparação dos efeitos da escolaridade na concordância em terceira pessoa do plural entre a amostra Portvix e outras amostras.....	62
Tabela 13 – Efeito da faixa etária na concordância em terceira pessoa do plural na amostra Portvix	64
Tabela 14 – Comparação dos efeitos da faixa etária na concordância em terceira pessoa do plural entre a amostra Portvix e outras amostras.....	65
Tabela 15 – Efeito do gênero/sexo na concordância em terceira pessoa do plural na amostra Portvix	68
Tabela 16 – Efeitos do cruzamento de gênero/sexo com faixa etária e gênero/sexo com escolarização na concordância em terceira pessoa na amostra Portvix.....	69

Tabela 17 – Comparação dos efeitos do gênero/sexo na concordância em terceira pessoa do plural entre a amostra Portvix e outras amostras.....	70
Tabela 18 – Índices gerais de concordância na primeira pessoa do plural em quatro localidades.....	77
Tabela 19 – Efeito do tempo verbal na concordância em primeira pessoa do plural na amostra Portvix.....	79
Tabela 20 – Comparação dos efeitos do tempo verbal na concordância em primeira pessoa do plural entre a amostra Portvix outras amostras.....	81
Tabela 21 – Efeito da variável explicitude do sujeito na concordância em primeira pessoa do plural na amostra Portvix.....	82
Tabela 22 – Efeito das variáveis sociais na concordância em primeira pessoa do plural na amostra Portvix.....	83
Tabela 23 – Resultados gerais para o paralelismo discursivo em primeira e terceira pessoa do plural na amostra Portvix.....	91
Tabela 24 – Resultados para o paralelismo discursivo em primeira e terceira pessoa do plural na amostra Portvix com controle da pessoa do elemento precedente.....	92
Tabela 25 – Índices gerais de concordância em primeira pessoa do plural e terceira pessoa do plural na amostra de fala casual e na amostra Portvix.....	94
Tabela 26 – Resultados de diversos fatores da concordância em terceira pessoa do plural na amostra de fala casual.....	95

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS.....	16
2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	16
2.2 DISCUTINDO ESTEREÓTIPO, CATEGORIZAÇÃO, PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA.....	18
2.3 VARIAÇÃO ESTILÍSTICA.....	25
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	28
3.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	28
3.2 A COMUNIDADE DE FALA DE VITÓRIA.....	28
3.3 AS AMOSTRAS.....	31
3.3.1 Portvix	31
3.3.2 Fala Casual	33
3.4 VARIÁVEIS DEPENDENTES ANALISADAS	34
3.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO.....	36
4. ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA NA AMOSTRA PORTVIX.....	39
4.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	39
4.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	40
4.3 AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	45
4.3.1 Saliência Fônica	45
4.3.2 Paralelismo Oracional	50
4.3.3 Traço humano do sujeito	54
4.3.4 Posição e explicitude do sujeito	56
4.4 AS VARIÁVEIS SOCIAIS	59
4.4.1 Escolarização.....	59
4.4.2 Faixa Etária	63

4.4.3 Gênero/sexo.....	66
5. ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA EM PRIMEIRA PESSOA NA AMOSTRA PORTVIX.....	73
5.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	73
5.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	74
5.3 AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS	78
5.3.1 Tempo verbal	78
5.3.2 Explicitude do sujeito.....	82
5.4 AS VARIÁVEIS SOCIAIS	83
6. PARALELISMO DISCURSIVO	85
6.1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	85
6.2. REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA.....	86
6.3. DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL.....	87
6.4. RESULTADOS	91
7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO ESTILÍSTICA	94
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	98
REFERÊNCIAS	102
ANEXO A – NORMAS DE TRANSCRIÇÕES DOS EXEMPLOS E SIGNIFICADOS DAS ABREVIACÕES DOS INFORMANTES.....	109

1. INTRODUÇÃO

O objetivo central desta pesquisa é descrever o quadro variável que a Concordância Verbal (daqui em diante, CV) constitui na fala de Vitória/Espírito Santo. Salientamos já que o fenômeno CV será aqui abordado com duas variáveis dependentes: a concordância em terceira pessoa do plural (daqui em diante, 3PP) e em primeira pessoa do plural (daqui em diante, 1PP), cada uma com seus respectivos fatores condicionantes. Estas duas variáveis são tratadas como binárias, podendo coexistir duas formas variantes de cada uma no português brasileiro: com a presença da desinência de plural nos verbos e com a ausência desta desinência. No exemplo (1a), temos as duas variantes em 3PP, e, no exemplo (1b), as duas variantes em 1PP¹.

(1a) “Inf – não sei como que eles **CONSEGUE** chegar lá no final... cara eles **BEBEM** em TO::dos os bares até o caminho da romaria... todos têm bar pra caramba até lá [[risos]] eles **SAEM** assim:: três horas antes e **CHEGA** lá... junto com o pessoal muito massa” MASC/UNI/15-25

(1b) “Inf – aí nós **PEGAMOS** o barco de noite... tava na época do caranguejo... **FOMOS** lá no [Suamerão]... aí nós **TAVA** desse lado de cá... já tinha dois saco de caranguejo já dentro do dentro do barco... [...] aí na hora que nós **ENTRAMOS** pra dentro do do... do mangue assi::m **BOTAMOS** o barco assim na beirada do barra::nco... **COMEÇAMOS** a pegar caranguejo é muito mesmo...” MASC/FUN/26-49

Os estudos sistemáticos da variação linguística são relativamente recentes, se iniciaram na década de 60, com William Labov. De lá para cá, muitos pesquisadores realizaram trabalhos sobre a concordância verbal em diversas localidades do Brasil. Tendo em mente o *Paradoxo Cumulativo* de Labov (2008, p. 236), que preconiza que quanto mais se sabe sobre uma língua, mais se pode descobrir sobre ela, realizamos esta pesquisa sobre este fenômeno variável.

Apesar de já existirem bastantes pesquisas sobre a CV, o tema não se esgota: há muito por se investigar e comparar com resultados de outras amostras sobre a concordância na 3PP, muito por se descobrir sobre a concordância na 1PP e, ainda, uma inteira comunidade para se desbravar e para dar a merecida visibilidade no mapa de estudos linguísticos do Brasil. A localidade escolhida para este estudo é a cidade de Vitória, capital do Espírito Santo. Neste

¹ As formas verbais analisadas estão em caixa alta e negrito nesses e nos demais exemplos dessa dissertação. Encontram-se no ANEXO A as normas de transcrição utilizadas nos exemplos dessa dissertação, bem como os significados das abreviações utilizadas para caracterização dos informantes.

trabalho, não utilizamos a expressão *capixaba* para fazer referência à *comunidade de fala* de Vitória, pois ainda não é de comum acordo entre os cidadãos espírito-santenses o significado que esse nome abrange: uns o utilizam para se referir ao indivíduo natural da capital, outros, ao natural do estado.

Servimo-nos de duas amostras para realizar este estudo sobre a fala de Vitória: a primeira é o Português falado na cidade de Vitória (Portvix), uma amostra com 46 entrevistas labovianas de fala monitorada; a segunda é uma amostra de fala casual gravada por Calmon (2010). No capítulo 3, apresentamos detalhadamente a composição dessas amostras.

Sabemos que o uso da língua é objeto constante de avaliação social, havendo forte desaprovação de algumas variantes, tais como a variante sem marcação de plural nos verbos no fenômeno concordância verbal. Da mesma forma que existe o preconceito racial, religioso e de gênero, existe o preconceito contra a forma de falar de determinados grupos, seja em função de sua escolarização (que pode remeter à estratificação social), seja em função de sua localidade geográfica. No capítulo 2, discutimos os conceitos de *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos* de Labov (1994; 2001a; 2008 [1972]) e Meyerhoff (2006) e de *preconceito*, *intolerância* e *categorização* (LEITE, 2008; PEREIRA, 2002; 2008) para discutir, em linhas gerais, sobre como esse fenômeno é percebido e avaliado socialmente.

Pesquisas apontam que, na zona urbana, o índice de marcação de plural nos verbos 3PP é consideravelmente mais elevado que o índice de não marcação, conforme veremos no capítulo 4 deste trabalho, nos resultados da fala de Vitória e também em pesquisas sobre as comunidades de fala do Rio de Janeiro (RJ), Florianópolis (SC), São José do Rio Preto (SP) e João Pessoa (PB). Por essa razão, quando um cidadão utiliza a forma não padrão de concordância, ou seja, com marca zero de plural, é comum que se pense estar diante de uma pessoa sem letramento, desconhecadora da norma prestigiada em sua comunidade.

Em relação à concordância em 1PP, sabe-se que o não uso da desinência de plural *-mos* também é bastante estigmatizado, até mais que na concordância em 3PP. Entretanto, em algumas comunidades de fala específicas, principalmente quando não são capitais, a forma não padrão (sem concordância) pode ser natural, destacando a identidade linguística de um grupo, por exemplo, em Goiás, com os mais jovens e as mulheres apresentando índices menores de marcação do *-mos*, segundo Mattos (2013, p. 99). Em um cenário mais amplo, esse grupo vai na contramão do que se convencionou como “bom português”. No capítulo 5, apresentamos com mais detalhes os grupos de fatores linguísticos e sociais escolhidos para

analisar a concordância em 1PP na amostra Portvix, também em comparação com amostras de outras localidades: São José do Rio Preto (SP), Baixada Cuiabana (MT), Santa Leopoldina (ES) e Goiás (GO).

A tradição gramatical estabelece a regra quase categórica de que o verbo se flexiona em número e pessoa em função do sujeito da oração, ou seja, se o sujeito se encontra no singular, o verbo permanece no singular e se o sujeito se encontra o plural, o verbo é flexionado no plural. Há registros de estruturas com verbos invariáveis (em expressões de tempo, em casos com o verbo haver e etc.), assim como há casos de estruturas com o verbo passível de variação (com sujeitos compostos, pospostos, expressões partitivas, construções predicativas e etc.) (CARVALHO, 2007, p. 406; CEGALLA, 2008, p. 438; 450; CUNHA; CINTRA, 2008, p. 510; ROCHA LIMA, 2013, p. 472-473). Essas exceções não serão exploradas nesta pesquisa, pois elas merecem uma análise diferenciada. Entram em nosso escopo apenas os casos da regra geral.

No capítulo 6, as duas variáveis dependentes aqui comentadas (3PP e 1PP) serão testadas em conjunto em uma variável linguística que leva em conta o contexto discursivo (paralelismo discursivo). Não há registros de um teste desta natureza, unindo dados das duas naturezas, em outras pesquisas. Essa experiência consiste em mais uma forma de confrontar essas duas variáveis dependentes, a fim de averiguar seus pontos convergentes e divergentes.

No último capítulo de análise, capítulo 7, apresentaremos os resultados obtidos na amostra de fala casual em comparação aos resultados da amostra Portvix. Desde já frisamos que não há consenso entre os linguistas sobre a forma mais eficaz de se captar a variação estilística, e que a análise aqui realizada partiu de um número pequeno de dados, embora relativamente ilustrativo, da variação de concordância verbal.

2. FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A teoria aqui adotada é a Sociolinguística Variacionista, difundida por William Labov. Para entender esta perspectiva e sua importância, é necessário lembrar brevemente os estudos que havia antes da sua consolidação no campo da Linguística: o Estruturalismo, de Ferdinand de Saussure, e o Gerativismo, de Noam Chomsky.

No início do século XX, Saussure distinguiu as concepções de língua e linguagem, atribuindo à Linguística exclusivamente o estudo da língua. Para o teórico, a língua constitui algo adquirido e convencional; é a partir dela que se realiza o exercício da faculdade da linguagem, sendo que “tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios” (SAUSSURE, 2006, p. 17). Percebe-se que Saussure não negava a existência da variação nas línguas, ele apenas não a incluía no escopo da Linguística da língua.

Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua, assim delimitada, é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união de sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas. (SAUSSURE, 2006, p. 23)

Na década de 50, Noam Chomsky inaugura outra perspectiva de análise formalista, conhecida como Gerativismo. Os gerativistas buscam o que há de interno na linguagem (competência); não focalizam a complexidade do uso dessa linguagem (desempenho). Para esses estudiosos, “no sentido técnico, a teoria linguística é mentalista, uma vez que se preocupa com a descoberta de uma realidade mental subjacente ao comportamento real.” (CHOMSKY, 1965, p. 5)². A língua é compreendida como uma gramática interna, capaz de gerar um número infinito de expressões.

Evidentemente, cada língua é o resultado da ação recíproca de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Podemos imaginar o estado inicial como um ‘dispositivo de aquisição de língua’ que toma a experiência como

² Cf. no original: “in the technical sense, linguistic theory is mentalistic, since it is concerned with discovering a mental reality underlying actual behavior.”

‘dado de entrada’ e fornece a língua como um ‘dado de saída’ que é internamente representado na mente/cérebro (CHOMSKY, 1998, p. 19).

Esse estado inicial da faculdade da linguagem é o que Chomsky chama de gramática universal. Em outras palavras, os falantes possuem a capacidade interna de gerar um conjunto infinito de expressões em sua língua, as quais fornecem instruções para os sistemas que externarão aquilo que se pretende dizer.

Essa abordagem que enfoca o que há de universal na linguagem passou a ser questionada por diversos linguistas, aos quais Chomsky responde afirmando que as diferentes perspectivas de análise linguística não conflitam entre si, pois “cada abordagem define o objeto de sua investigação à luz de suas preocupações especiais; e cada uma deveria tentar aprender o que pode com as outras.” (CHOMSKY, 1998, p. 20). As novas correntes linguísticas, a partir da década de 60, passaram a não excluir de seus estudos o que é variável e mutável dentro da língua; e mais, a Sociolinguística faz exatamente disso o foco de seus estudos. O principal ponto do Gerativismo a ser contraposto pelos novos estudiosos é seu o objeto de estudo abstrato.

A Teoria linguística está preocupada principalmente com um falante-ouvinte ideal, em uma comunidade de fala completamente homogênea, que conhece a sua língua perfeitamente e não é afetado por condições gramaticalmente irrelevantes como limitações de memória, distrações, desvios de atenção e interesse, e erros (aleatórios ou característicos) ao aplicar o seu conhecimento da língua no desempenho real. (CHOMSKY, 1965, p. 3)³

Para os variacionistas, a língua é um sistema heterogêneo, mas não caótico; a Sociolinguística assume a coexistência de variantes de um mesmo fenômeno, que não ocorrem aleatoriamente, mas podem ser compreendidas e sistematizadas a partir de restrições linguísticas e sociais que governam a variação e a mudança. Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 35) concebem a língua como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada, sendo que esta pode ser identificada nos estudos das comunidades de fala, aqui compreendidas como grupos de pessoas que compartilham traços linguísticos comuns e que reagem de maneira uniforme ao seu uso, mesmo que não haja consciência disso (LABOV [1972] 2008, p. 211).

³ Cf. no original: “Linguistic theory is concerned primarily with an ideal speaker-listener, in a completely homogeneous speech-community, who knows its language perfectly and is unaffected by such grammatically irrelevant conditions as memory limitations, distractions, shifts of attention and interest, and errors (random or characteristic) in applying his knowledge of the language in actual performance.”

Labov considerou indissociáveis as concepções de língua e linguagem, nos termos de Saussure, nos estudos linguísticos; para o teórico, é redundante o nome de Sociolinguística a uma vertente específica da Linguística, uma vez que, para o autor, o fator social jamais pode ser separado dos estudos da língua (LABOV, 2008 [1972], p. 15).

A Sociolinguística Variacionista é também o que se convencionou chamar de Sociolinguística Quantitativa, pois opera com números e tratamento estatístico dos dados coletados. Guy (2007, p. 19) assevera que, “para desvelar tanto a estrutura linguística quanto a estrutura social, devemos, necessariamente, coletar grande quantidade de dados de muitos indivíduos”. O elevado número de dados se faz necessário para que as hipóteses do pesquisador acerca do seu respectivo fenômeno em análise sejam mais consistentes, apontando características mais verossímeis da comunidade de fala, ou mesmo do indivíduo, cuja fala se investiga. Cabe apontar que, graças ao desenvolvimento de novas tecnologias, a Sociolinguística ganhou espaço dentro dos estudos da ciência da linguagem. Naro (2015a, p. 17) salienta que, na análise quantitativa, é importante que se considerem as diversas categorias relevantes que atuam sobre o fenômeno estudado, de maneira que não isole ou meça separadamente o efeito de um fator. “Precisamos de uma hipótese que defina a força de atuação conjunta de categorias presentes num dado contexto, de modo a reproduzir o efeito global que se verifica nos dados empíricos.” (NARO, 2015a, p. 19)

2.2 DISCUTINDO ESTEREÓTIPO, CATEGORIZAÇÃO, PRECONCEITO E INTOLERÂNCIA

O uso da expressão *estereótipo* em contextos acadêmicos pode ser ambíguo quando não especificado o autor que propõe o conceito empregado. Aqui, discutimos o conceito proposto pela Sociolinguística Variacionista e pela Psicologia Social.

É sabido que existe o significado mais popular, que seria este primeiro “**Estereótipo** são **generalizações** que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros. Estereótipo significa **impressão sólida**, e pode ser sobre a aparência,

roupas, comportamento, cultura etc.” (Wikipédia, acesso em 2 dez. 2015, grifos no original).⁴ O [Dicionário Houaiss da língua portuguesa](#) coloca, também, esta segunda acepção, mas reforça, principalmente, esta primeira acepção, de que estereótipo é

3 algo que se adequa a um padrão fixo ou geral <A *Vênus de Willendorf* é um e. da mulher na arte paleolítica> 3.1 esse próprio padrão, ger. formado de ideias preconcebidas e alimentado pela falta de conhecimento real sobre o assunto em questão <o e. do amante latino> 3.2 ideia ou convicção preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativas, hábitos de julgamento ou falsas generalizações 4 aquilo que é falto de originalidade; banalidade, lugar-comum, modelo, padrão básico (HOUAISS, 2009, grifos no original)

Ainda segundo a Wikipedia, “a palavra nasceu no mundo da impressão e refere-se à placa metálica criada para a impressão em si, em vez da prensa de tipos móveis”. Por analogia, esta palavra adquiriu a nova acepção, mais metafórica, voltada para o campo social, não material, significando *uma ideia que é reproduzida mecanicamente*, assim como o material da imprensa.

No campo da Sociolinguística, [Labov](#) (1994, p. 78; 2001a, p. 196) e [Meyerhoff](#) (2006, p. 22) se apropriam do termo *estereótipo* – e ainda acrescentam dois outros conceitos – para correlacionar os fenômenos linguísticos com o grau de consciência que as comunidades de fala têm sobre eles, como já mencionado anteriormente na Introdução. São as categorias *indicadores*, *marcadores* e *estereótipos*.

Segundo os autores acima citados, alguns fenômenos variáveis existem, mas os falantes não têm consciência sobre eles. Esses se enquadram na categoria *indicadores*, e podem apontar para a mudança abaixo do nível da consciência (*change from below*). Como exemplos no português brasileiro, podemos citar o uso variável do artigo diante dos pronomes possessivos ou de nomes próprios (*Dormi na casa de Mariana/Dormi na casa da Mariana*), assim como o uso variável da perífrase *ir + infinitivo* para indicar futuro (*vou falar/falarei*)⁵. Há outros fenômenos variáveis cuja existência também não é percebida, mas seu uso é subconscientemente sistematizado conforme o estilo (formal ou informal) da interlocução: são esses os *marcadores*. Como exemplo, podemos citar o uso variável da preposição nas orações

⁴ Cf. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Estere%C3%B3tipo>. A consulta à Wikipédia se deveu ao fato de esta ser uma plataforma virtual popularmente consultada para pesquisas breves. Ela, quase sempre, aparece entre as primeiras fontes de uma pesquisa virtual de verbetes, figuras públicas, fatos históricos, regiões geográficas, etc.

⁵ Cf., para a fala de Vitória, [Yacovenco et al. \(2012, p. 781; 800-802\)](#).

relativas (*O livro que eu te falei está em cima da mesa/O livro de que eu te falei está em cima da mesa*).⁶ Já no caso dos *estereótipos*, os falantes conseguem perceber as formas variantes em concorrência. Nas palavras de Meyerhoff (2006, p. 22) “estereótipos são coisas sobre as quais as pessoas sabem comentar e discutir e, geralmente, têm opiniões muito positivas ou negativas sobre elas.”⁷ (p. 22). Entre essas três categorias, damos destaque ao estereótipo, pois, em linhas gerais, é nesse conceito em que se enquadra a maioria de ocorrências em 3PP e, especialmente, em 1PP.

Na perspectiva Psicossocial, segundo Pereira (2002, p. 43), quando o conceito chegou às ciências sociais passou ser “[...] utilizado para fazer referência à imagem por demais generalizada que se possui de um grupo ou dos indivíduos que pertencem a um grupo”. Os estereótipos nos fazem criar expectativas sobre determinados grupos e influenciam em nossa impressão e julgamento sobre esses grupos.

Pereira (2008, p. 280) traz o conceito de categorização, que seria um processo complexo de criação de rótulos verbais para elementos do mundo físico, mental e social – mas não necessariamente com a conotação difamatória que carregam os estereótipos. “Sem a categorização, seria necessário redefinir a todo e qualquer momento os esquemas de conhecimento sobre o mundo, o que, possivelmente, estenderia ao extremo os limites cognitivos.”

A fixidez dessas categorias impede que se rompam alguns paradigmas – e estereótipos – em decorrência não só dos limites cognitivos humanos, como também do **preconceito** consequente dessa “incapacidade” de pensar, característica do processo de categorização. Podemos citar como exemplo uma situação pela qual passou um entregador de pizza, que, ao ser atendido por uma senhora negra, à porta de uma residência em um bairro de classe média, em Vila Velha – ES, solicitou que a mesma chamasse a patroa para receber a pizza e fazer o pagamento. Ele não cogitou que essa senhora negra pudesse ser a proprietária do apartamento – e ela era.⁸ Um exemplo recente, da mesma natureza que este, é o manifesto da atriz Solange Couto, através da campanha “Senti na Pele”, feita nas redes sociais virtuais no mês da Consciência Negra (novembro/2015).

⁶ Cf. Corrêa (1998).

⁷ Cf. no original: “these stereotypes are things people can comment on and discuss, and they often have very strong positive or negative opinions about them”.

⁸ Esse exemplo foi um relato pessoal feito ao fim da palestra “Gênero, Família e Trabalho”, no Encontro Nacional do GTGênero no Espírito Santo, no dia 20 de novembro de 2014, por uma senhora que estava na plateia.

FIGURA 1 – FOTOGRAFIA DE PROTESTO DA ATRIZ SOLANGE COUTO PARA A CAMPANHA “SENTI NA PELE”



Fonte: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/11/solange-couto-depois-de-interpretar-25-empregadas-domesticas-denuncia-racismo/>. Fotografia de Ernesto Xavier.

Até época de publicação desta dissertação (março/2016), é bastante claro o padrão social capixaba: é categórico (no sentido psicossocial do termo) que as proprietárias de apartamentos em bairros de classe média sejam brancas e que as suas diaristas sejam negras. Quando a expectativa sobre uma categoria como essa é quebrada, o ser humano ou pode rejeitar a possibilidade de estar surgindo um novo padrão, ou pode aceitar a possibilidade de estar surgindo um novo padrão, ou, ainda, pode considerar aquele caso específico uma fuga à regra geral. Sua reação depende do conjunto de crenças compartilhadas e vividas por seus pares ao longo de sua vida.

Esta concepção mantém uma relação muito clara com um modelo antropológico que compreende o ser humano como um ente regido por princípios de economia cognitiva, no qual permanece subentendido que as pessoas procuram manter intactos ou preservar os seus sistemas de crenças, negligenciando ou mesmo desconsiderando as informações que porventura possam vir a abalá-los. (PEREIRA, 2008, p. 284)

A mesma dinâmica de categorização existe no uso da língua. Ao ouvir algumas variantes específicas, o ser humano se remete a determinados grupos sociais. Ao ouvir um /S/ chiado, lembra-se, em geral, dos cariocas; ao ouvir vogais abertas em pré-tônicas, lembra-se, em geral, dos nordestinos; ao ouvir um /r/ retroflexo, lembra-se, em geral, ou dos paulistas, ou da variedade caipira, ou mineira, ou goiana. Em se tratando da concordância verbal em 1PP, ao

ouvir uma forma sem a marcação de plural, associa-se, em geral, ao dialeto caipira ou a classes sociais mais baixas, que são, normalmente, com menor grau de escolarização. No caso da concordância em 3PP, ao ouvir uma forma sem a marcação de plural com verbo mais saliente ou em posição canônica na oração (SVO)⁹, pensa-se tratar de um indivíduo de classe social mais baixa, também com menor grau de escolarização.

Esse processo de categorização aplicado ao fenômeno concordância verbal desencadeia uma impressão negativa sobre o falante da variante sem prestígio e torna legítimo o estereótipo do “pobre ou caipira que não sabe falar português”. Essa impressão negativa é o que aqui consideramos como preconceito. Em estudo sobre o preconceito e a intolerância na linguagem, Leite (2008, p. 20) nos traz que o preconceito “não leva o sujeito à construção de um discurso acusatório sobre a diferença, porque o *preconceito* pode construir-se sobre o que nem foi pensado, mas apenas assimilado culturalmente ou plasmado em irracionalidade, emoções e sentimentos.” (grifos no original). Em outras palavras, associando as ideias de Pereira (2008) e Leite (2008), o preconceito é a ideia negativa resultante de um processo de categorização, sendo este uma herança cultural que nem sempre é questionada pelos indivíduos que convivem socialmente. Quando este preconceito se manifesta de alguma forma no comportamento, temos, então, um caso de intolerância (LEITE, 2008, p. 20).

No caso das variedades linguísticas, a autora explica:

O *preconceito* é a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do *outro*: é um *não-gostar*, um achar-feio ou achar-errado um *uso* (ou uma língua), sem discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser bonito ou correto. É um não-gostar sem ação discursiva clara sobre o fato rejeitado. A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta por um discurso metalinguístico calcado em dicotomias, em contrários, como, por exemplo, *tradição x modernidade*, *saber x não-saber* e outras congêneres. (LEITE, 2008, p. 24-25, grifos no original).

Na atual organização social ocidental, estão no topo da pirâmide social os indivíduos mais ricos, cujos comportamentos, bens materiais, cultura e linguagem recebem maior status. E, para que essa ordem seja mantida, a base da pirâmide, de menor poder aquisitivo e de características opostas – ou simplesmente distintas –, é subjugada. Em se tratando da linguagem, os indivíduos dessa base têm suas formas linguísticas consideradas “erradas” e,

⁹ No capítulo 4, a análise dos fatores linguísticos saliência fônica e posição do sujeito na oração apresentará o sistema por trás dessas duas variáveis linguísticas em Vitória e em outras regiões do Brasil.

frequentemente, são alvo de deboche e recriminação. O caráter essencialmente estático das categorizações perpetua essa realidade de preconceito e intolerância, a qual, de todo modo, deve ser incansavelmente combatida.

Podemos considerar a mídia uma das instituições mantenedoras dessa configuração social, inclusive no que diz respeito à língua. Em 2001, um jornalista da revista *Veja* publicou uma matéria na qual criticava a categoria de acadêmicos que relativiza o que, supostamente, é “erro” incontestável. Em resposta, [Scherre \(2005\)](#) se valeu das pesquisas com a expressão do imperativo e da concordância de número para apresentar evidências de que as formas julgadas como “erradas” se correlacionam fortemente com a divisão de classes sociais, e de que muitos de nós, considerados letrados, fazemos uso dessas mesmas formas na fala espontânea e na escrita revisada.

A variação na concordância de número em português – ora denominada de *erro*, ora denominada de *casos especiais* – obedece a padrões estruturais e sociais de riqueza ímpar, que precisamos aprender a enxergar, a entender e a conservar, como deveríamos fazer com toda a biodiversidade que nos cerca. ([SCHERRE, 2005](#), p. 137, grifos no original)

No ano de 2011, criou-se uma polêmica em torno de uma abordagem variacionista de ensino da língua: foi o caso do livro *Por uma vida melhor*, de [Ramos \(2011\)](#). Em seu capítulo “Escrever é diferente de falar”, a autora apresentou alguns casos de uso da língua seguindo a norma padrão e também trouxe exemplos de casos variáveis em que se prevê concordância pela tradição gramatical, acrescentando uma discussão sobre preconceito linguístico. Os exemplos de variação de concordância causaram grande discussão na comunidade acadêmica e em diversos outros setores da sociedade brasileira urbana – uma vez que a mídia criou alarde e julgamento negativo sobre o caso –, justamente pelo fato de a ausência de marca de concordância ser uma variante muito saliente, muito estereotipada (em todos os sentidos aqui tratados).

FIGURA 2 – EXCERTO DO LIVRO DIDÁTICO *POR UMA VIDA MELHOR*, DE HELOÍSA RAMOS

Na variedade popular, contudo, é comum a concordância funcionar de outra forma. Há ocorrências como:

Nós pega o peixe.

nós → 1.^a pessoa, plural

pega → 3.^a pessoa, singular

Os menino pega o peixe.

menino → 3.^a pessoa, ideia de plural (por causa do “os”)

pega → 3.^a pessoa, singular

Nos dois exemplos, apesar de o verbo estar no singular, quem ouve a frase sabe que há mais de uma pessoa envolvida na ação de pegar o peixe. Mais uma vez, é importante que o falante de português domine as duas variedades e escolha a que julgar adequada à sua situação de fala.

Fonte: RAMOS (2011, p. 16).

As reações foram as mais diversas por parte de jornalistas televisivos e articulistas de veículos de comunicação de grande circulação: em sua maioria, rechaçando a abordagem sociolinguística da concordância de número no livro didático. Inúmeros linguistas responderam às manifestações de intolerância midiáticas em jornais, blogs pessoais, sites de universidades e revistas, em defesa da valorização das variedades linguísticas. São palavras de Marcos Bagno, uma das principais referências quando se fala de preconceito linguístico:

Somente com uma abordagem assim as alunas e os alunos provenientes das chamadas “classes populares” poderão se reconhecer no material didático e não se sentir alvo de zombaria e preconceito. E, é claro, com a chegada ao magistério de docentes provenientes cada vez mais dessas mesmas “classes populares”, esses mesmos profissionais entenderão que seu modo de falar, e o de seus aprendizes, não é feio, nem errado, nem tosco, é apenas uma língua diferente daquela – devidamente fossilizada e conservada em formol – que a tradição normativa tenta preservar a ferro e fogo, principalmente nos últimos tempos, com a chegada aos novos meios de comunicação de pseudoespecialistas que, amparados em tecnologias inovadoras, tentam vender um peixe gramatiquero para lá de podre. (BAGNO, 2011, s/p.)¹⁰

¹⁰ BAGNO, Marcos. *Polêmica ou ignorância?* 2011. Texto divulgado pela internet em diversos sites.

Faz parte da agenda dos professores da linha analítico-descritiva da língua a apresentação aos discentes (de ensino fundamental, médio ou superior) das pesquisas que apontam para a alta sistematicidade subjacente à língua e a fomentação de debates que os levem a valorizar – ou, minimamente, a respeitar – a riqueza cultural presente em todas as variedades linguísticas. Scherre (2013) e Scherre e Naro (2013) publicaram dois textos em que discutem amplamente estas questões: “Verdadeiro respeito pela fala do outro: realidade possível?” e “Sociolinguistic correlates of negative evaluation: Variable concord in Rio de Janeiro”. Pela amplitude que tem tomado, esse discurso já tem ecoado nos estúdios televisivos. Em julho de 2015, ocorreu no Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP) o 63º Seminário do GEL. Uma das mesas-redondas que compunha a programação tinha como tema “A Linguística e a Mídia”¹¹, sendo que o episódio com o livro didático *Por uma vida melhor* foi um dos motivadores da abordagem desse tema. Os membros da mesa fizeram coro às críticas aqui trazidas e, ainda, elencaram as tentativas da Rede Globo de dar voz às variáveis vozes presentes no Brasil. Foi dado destaque à série “Sotaques do Brasil”¹², com quatro episódios apresentando as variações lexicais e fonético-fonológicas regionais e ao formato mais informal de apresentações de telejornais como *Jornal Hoje* e *Jornal Nacional*.

Apesar de reconhecermos a importância desse tipo de iniciativa das redes de comunicação, sabemos que não é de interesse da mídia denunciar a intolerância linguística decorrente da estratificação social, a qual, arriscamos dizer, é a forma mais alarmante e desumana de expressão do preconceito linguístico.

2.3 VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Apresentamos neste tópico a perspectiva de análise de Labov (2008 [1972]) sobre a variação estilística. O autor sugere que as pessoas prestam mais ou menos atenção à própria fala, conforme o contexto em que estão inseridas. Essa interpretação se difere da proposta de Allan

¹¹ Participaram desta mesa Valéria Paz (doutora em Letras pela USP e consultora linguística da Rede Globo/SP), Tereza Garcia (mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP e editora chefe do *Jornal Hoje*) e Ataliba Castilho (USP, UNICAMP e Museu da Língua Portuguesa).

¹² Cf. <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>. Último acesso em 9 jan. 2016.

Bell (2001), que sugere que o falante tem sempre um público em mente e adapta seu discurso para esse público.

Para compreendermos a principal diferença entre a proposta de Labov e a proposta de Bell, é fundamental que saibamos diferenciar os conceitos de variação interfalante (*interspeaker variation*) e variação intrafalante (*intraspeaker variation*). O modelo elaborado por Labov diz respeito principalmente à variação estilística do falante dentro da entrevista sociolinguística. O autor acredita que, na própria entrevista, existam diferentes níveis de formalidade que permitem avaliar as mudanças de estilo do entrevistado. Em outras palavras, ao longo da entrevista, o falante varia de acordo com o tópico que está em pauta (*intraspeaker variation*). Labov atesta:

A organização de estilos contextuais ao longo do eixo de atenção que se presta à fala [Labov, 1966a] não foi concebida como uma descrição geral de como a mudança de estilo é produzida e organizada nos discursos do dia-a-dia, mas sim como uma forma de organizar e usar a variação interna ao falante que ocorre na entrevista. (LABOV, 2001b, p. 87).¹³

Durante a situação de entrevista formal, com o entrevistador demarcando o tempo, portando um gravador, a expectativa é de que o discurso do falante seja mais monitorado. É o que Labov chama de fala monitorada (*careful speech*). Entretanto, para o autor, existem estratégias para que o entrevistado preste menos atenção à própria fala, alcançando o que Labov chama de fala espontânea (*spontaneous speech*). O entrevistador deve introduzir assuntos voltados para hábitos de infância do falante; deve questioná-lo sobre situações de “perigo de morte”; deve controlar a fala com uma terceira pessoa além do entrevistador; deve se atentar para falas que não estão relacionadas às questões estabelecidas na entrevista. Presume-se que essas situações desviem a atenção do falante em relação à própria fala.

É imprescindível que se esclareça a diferenciação que Labov (2008 [1972]) faz entre os conceitos de fala casual (*casual speech*) e a fala espontânea (*spontaneous speech*), uma vez que elas se situam em contextos distintos.

Por *fala casual*, em sentido estrito, entendemos a fala cotidiana usada em situações informais, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem. Já *fala espontânea* se refere ao padrão usado na fala excitada, carregada de emoção, quando os constrangimentos de uma situação formal são abandonados. Esquemáticamente:

¹³ Cf. no original: “The organization of contextual styles along the axis of attention paid to speech (Labov 1966a) was not intended as a general description of how style-shifting is produced and organized in every-day speech, but rather as a way of organizing and using the intra-speaker variation that occurs in the interview.”

Contexto: Informal Formal
estilo: Casual Monitorado/Espontâneo (LABOV, 2008
[1972], p. 111).

Nesta pesquisa, temos controlados os contextos de formalidade e informalidade, mas não os estilos monitorado/espontâneo, nos termos de Labov. A amostra Portvix contempla o contexto formal, com a fala monitorada/espontânea dos entrevistados, mas não codificamos cada um desses estilos dentro dessa amostra. A amostra de fala casual contempla o contexto informal. Mais detalhes sobre essas amostras estão presentes no próximo capítulo.

[Eckert e Rickford \(2001\)](#) apontam que são várias as razões pelas quais o modelo de análise da variação estilística laboviana não foi foco de muitas pesquisas na área, apesar da relevância de seu trabalho. A dificuldade operacional para identificar os níveis de gradação do estilo dentro da entrevista sociolinguística, segundo os parâmetros do teórico, foi um dos motivos para essa metodologia não ter alavancado. Outra razão foi o destaque que se deu, na época, aos estudos sobre os fatores sociais e linguísticos.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Neste capítulo, tratamos dos procedimentos realizados para chegar aos resultados da pesquisa. Além disso, traçamos um panorama geral sobre a história da colonização e povoamento do estado do Espírito Santo para caracterizar a comunidade de fala de Vitória. Foi seguida a metodologia laboviana, sistematizada nas palavras de [Tarallo \(1986\)](#) desta forma:

- 1) um levantamento exaustivo de dados de língua falada, para fins de análise, dados estes que refletem mais fielmente o vernáculo da comunidade;
- 2) descrição detalhada da variável, acompanhada de um perfil completo das variantes que a constituem;
- 3) análise dos possíveis fatores condicionantes (linguísticos e não linguísticos) que favorecem o uso de uma variante sobre a(s) outra(s);
- 4) encaixamento da variável no sistema lingüístico social da comunidade: em que nível lingüístico e social da comunidade a variável pode ser colocada;
- 5) projeção histórica da variável no sistema sociolingüístico da comunidade. ([TARALLO, 1986](#), p. 11)

Acompanhando a sequência do excerto acima, podemos dizer que o levantamento dos dados (1) foi iniciado no ano de 2011, no começo da Iniciação Científica, sob a orientação da professora Marta Scherre. Nesta mesma época, fizemos uma descrição detalhada da variável e de seus fatores condicionantes (2). Para este novo momento, no mestrado, nos aprofundaremos ainda mais no fenômeno escolhido, elencando outros fatores linguísticos para serem explorados e inserindo o fator estilístico no escopo deste trabalho, com o acréscimo de uma amostra de fala casual. As etapas (3), (4) e (5) são os resultados deste trabalho, que poderão ser lidos nos capítulos seguintes.

3.2 A COMUNIDADE DE FALA DE VITÓRIA

A variedade linguística da cidade de Vitória é conhecida (ou, poderíamos dizer desconhecida?) por não ser marcada, por não possuir um traço forte que a faz se identificar

facilmente quando um alguém de Vitória viaja para outro estado. Na região Sudeste, já se criou o senso comum de que o carioca usa o /S/ chiado em coda silábica, que o paulista usa o /R/ retroflexo em coda silábica, que o mineiro da capital não faz ditongação em palavras como *arroz* e *três*. Mesmo que restritas e alvos de estereotipação, essas características configuram uma identidade linguística do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais que faz com que se reconheçam nativos desses locais em vários cantos do Brasil.

Um dos objetivos desta pesquisa é investigar essa variedade não marcada, buscando compreender a dinâmica sociolinguística na capital do Espírito Santo. Acreditamos que a história de formação dessa localidade possa trazer alguns apontamentos importantes para o entendimento da identidade linguística de Vitória. Utilizamos como referência para essa síntese histórica o percurso feito por [Simão \(2006\)](#).

Em 23 de maio de 1535, Vasco Fernandes Coutinho, o português donatário da capitania do Espírito Santo, chegou ao litoral capixaba, mais especificamente na região de Vila Velha. A capitania ganhou este nome por coincidir com a data de comemoração do dia do Divino Espírito Santo pelos cristãos europeus. A região de Vitória só seria conquistada pelos colonos no ano de 1551, após vencerem uma batalha contra os índios pela ocupação do espaço. Alguns historiadores apontam que o primeiro nome desta região, Vila Nova da Vitória, se justifica pela vitória dos portugueses sobre os nativos.

A história da formação do estado do Espírito Santo é lembrada pela lentidão – e, até mesmo, em alguns momentos, pela estagnação – de seu desenvolvimento. Os primeiros anos de colonização foram marcados pela resistência indígena à colonização portuguesa e pela tentativa de cultura da cana-de-açúcar nos arredores de Vitória. É certo que estes foram dois fatores que limitaram o desenvolvimento da capitania, que, para muitos, foi considerada não próspera. O sonho português do enriquecimento rápido encontrando pedras preciosas e o desdém pelo trabalho braçal desviaram a atenção da produção de cana de açúcar, cuja exportação, nesta época, rendia muito para a economia das capitanias. Além disso, a falta de recursos do donatário para investir em um sistema portuário mais complexo eliminou o Espírito Santo da rota de comércio de cana-de-açúcar e dificultou a obtenção de escravos para trabalho na lavoura.

Nos séculos XVI e XVII, os colonos se fixaram, majoritariamente, no litoral de todo o Brasil, a fim de facilitar o escoamento da produção para comércio exterior, o que lhes rendeu referências como “civilização carangueja”. Entretanto, com a crise do ciclo da cana,

iniciaram-se as expedições para o interior do Brasil. No século XVIII, foi descoberta outra fonte de riquezas, que fragilizaria ainda mais as relações comerciais da Capitania do Espírito Santo: foi dado início ao Ciclo da Mineração.

O Espírito Santo sofreu um êxodo bastante intenso, que diminuiu drasticamente sua população. A Coroa Portuguesa acreditava que, se algum país tentasse invadir o Brasil para chegar à região mineradora, seria pelo litoral capixaba. Por isso, proibiu a construção de estradas que ligassem o Espírito Santo ao interior, proibiu a navegação no Rio Doce, ordenou que fossem reformados os fortes já existentes e que outros fossem construídos. Por essa razão, a região se tornou uma verdadeira “Barreira Verde”, conhecida também como “Estado Tampão”.

Apenas nos séculos XIX e XX, após o ciclo da mineração, houve preocupação com o desenvolvimento local. Antônio Pires da Silva Pontes foi o governador que impediu que Minas Gerais agregasse o Espírito Santo ao seu território. Ele criou um acordo, o “Auto de 1800”, que estabeleceu os limites geográficos para essas duas regiões.

Ao fim do século XIX, a produção de café aqueceu a economia do estado e tornou a balança comercial favorável, rendendo recursos para investimento local. O sul capixaba foi um dos pólos de produção cafeeicultora e, conseqüentemente, a região mais povoada, especialmente por negros. Em meio ao processo abolicionista ao longo do século XIX, o Espírito Santo incentivou a vinda de imigrantes para trabalharem nas grandes fazendas por todo o interior capixaba. Predominou-se a presença de italianos e alemães, mas chegaram também belgas, suíços, luxemburgueses, tirolezes, austríacos, holandeses, poloneses e libaneses. Nas palavras de Moraes (2002, p. 239), outra historiadora, “O resultado final foi uma mistura étnico-cultural que, juntamente com os portugueses, negros e índios, ensejou a formação do **Homem Capixaba**” (grifos no original).

A partir da segunda metade do século XX, a instalação da Companhia Vale do Rio Doce e do Porto de Tubarão aumentou o fluxo migratório para a cidade de Vitória, reconfigurando sua infraestrutura e economia em amplas proporções.

Os economistas confirmam que o complexo industrial formado pela CVRD e o Porto de Tubarão exerceram uma polarização que o café jamais faria, além de massa salarial proveniente dessas instituições terem gerado uma verdadeira explosão imobiliária e grandes transformações no setor de serviços de Vitória, ampliando gradualmente a oferta de empregos, atraindo pessoas de diversos lugares do Brasil. (SIMÃO, 2006, p. 104).

Muitas das etnias mencionadas passaram por Vitória antes de se estabelecerem em suas respectivas regiões: os negros, ao sul, em decorrência da produção de café; europeus, nos interiores, em decorrência da demanda pelo trabalho na lavoura, e também, da identificação com as áreas cujos climas se assemelhavam ao de seus países na Europa. Os índios se situavam em diversas regiões do estado, sendo que algumas tribos eram nômades.

Por ser, ou apesar de ser, a capital dessa “Babel”, Vitória possui uma variedade linguística não marcada, que se diferencia de diversas comunidades brasileiras. Sendo a capital e situando-se no litoral, com grandes polos industriais e comerciais, Vitória fala a língua de todos. “(...) a configuração etnográfica do ES pode ter contribuído para que em Vitória houvesse uma variedade não marcada. Aliado a esse fator, o isolamento da cidade, durante séculos, também pode ter contribuído para essa característica.” (YACOVENCO et al, 2012, p. 776). É a variedade linguística dessa cidade, de colonização descontínua e local de passagem das mais diversas culturas, que pretendemos investigar um pouco mais.

Diversos outros fenômenos já foram estudados em pesquisas realizadas sobre o português de Vitória. São eles: alternância entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito (TESCH, 2007); expressão variável do futuro do presente (BRAGANÇA, 2008; TESCH, 2011); usos do gerúndio (BASÍLIO, 2011); variação sintática das orações adverbiais finais (DEOCLÉCIO, 2011); alternância *nós/a gente* (MENDONÇA, 2010); expressão gramatical do imperativo (EVANGELISTA, 2010); alternância indicativo/subjuntivo (BARBOSA, 2011); a expressão do objeto direto anafórico (BERBERT, 2015); concordância nominal (SILVA; SCHERRE, 2013; SCARDUA, 2014); alternância *você/cê/ocê* (CALMON, 2010); ausência/presença de artigo diante de antropônimos e de possessivos (CAMPOS JÚNIOR, 2011).

3.3 AS AMOSTRAS

3.3.1 Portvix

Até o início da década de 2000, a cidade de Vitória não possuía um registro sistemático de sua fala, fato que motivou a iniciativa da professora Lilian Yacovenco de criar um banco de dados sociolinguístico, entre 2001 e 2003, a fim de compreender e registrar a variedade da capital. Surge, então, o projeto Portvix (YACOVENCO et al, 2012, p. 776).

O Portvix é composto por quarenta e seis entrevistas, feitas com informantes nascidos em Vitória, estratificados segundo seu gênero, sua faixa etária e sua escolarização. O Quadro 1 apresenta a composição dessa amostra.

QUADRO 1 – DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DA AMOSTRA PORTVIX

	07-14		15-25		26-49		50 ou mais		Total de falantes
Sexo/gênero	<i>H</i>	<i>M</i>	<i>H</i>	<i>M</i>	<i>H</i>	<i>M</i>	<i>H</i>	<i>M</i>	
Escolarização									
<i>Ensino Fundamental (1-8 anos)</i>	4	4	2	2	2	2	2	2	20
<i>Ensino Médio (9-11 anos)</i>	-	-	3	3	2	2	2	2	14
<i>Ensino Superior (mais de 11 anos)</i>	-	-	2	2	2	2	2	2	12
Número total de falantes entrevistados									46

Os entrevistadores do projeto PortVix foram treinados para a elaboração da amostra tendo em mente o axioma laboviano *sobre o grau de atenção prestada à fala*: se o objetivo é captar o vernáculo dos falantes, estes devem prestar o mínimo possível de atenção à própria fala (LABOV, 2008 [1972], p. 243). Entretanto, isso nos leva ao que Labov se refere como *paradoxo do observador*, uma vez que os dados de fala só podem ser obtidos por meio de uma observação sistemática, na qual é provável que o monitoramento da própria fala seja maior, especialmente se o entrevistador estiver portando um gravador situado bem próximo ao falante. Sendo assim, o linguista propõe estratégias – as quais foram adotadas pelos entrevistadores do Projeto Portvix – que visam à superação desse paradoxo, rompendo com os possíveis constrangimentos no momento da entrevista. “Também podemos envolver a pessoa com perguntas e assuntos que recriem emoções fortes que ela experimentou no passado, ou envolvê-la em outros contextos” (LABOV, 2008 [1972], p. 245).

Como já visto no capítulo anterior, a esse estilo de fala que compõe a amostra Portvix, Labov dá o nome de *fala monitorada (careful speech)*. Com vistas a buscar outras circunstâncias em que o vernáculo, de fato, emerja, partimos para a análise de uma amostra de conversa não monitorada, cujos membros não sabiam que estavam sendo gravados. A esse estilo de fala, Labov dá o nome de *fala casual (casual speech)* (LABOV, 2008 [1972], p. 102). Veremos a seguir a constituição desse *corpus*.

3.3.2 Fala Casual

Calmon (2010) fez duas gravações de conversas casuais, caracterizadas em termos de atenção que se presta à fala. As pessoas presentes não sabiam da presença do gravador. Segundo a pesquisadora, “nas duas situações de captação de fala, teve-se o cuidado de trabalhar somente com pessoas que fossem bem próximas do âmbito familiar e com pessoas da própria família da pesquisadora” (p. 74).

A utilização de gravações de conversas casuais é um recurso de grande importância para a pesquisa sociolinguística, por não haver a preocupação com o paradoxo do observador. É uma forma de se captar uma amostra de fala menos susceptível ao monitoramento, especialmente quando se trata de uma variação fortemente estigmatizada. Entretanto, esse método de captação de dados gera controvérsias, pois esbarra nos princípios éticos que devem guiar as pesquisas com seres humanos. É importante salientar que, ao fim de cada gravação, os participantes foram avisados sobre o registro oral realizado e sobre sua finalidade acadêmica. Todos autorizaram a utilização desse material para pesquisa.

Nessas duas gravações, há um total de oito informantes interagindo, sendo sete deles naturais de Vitória. Apenas um, a pesquisadora, que participou das conversas das duas gravações, não nasceu na cidade, apesar de residir na capital capixaba há 39 anos (contados até o dia da gravação dessa amostra). Ela é natural de Resende (RJ), mas, aos 20 dias de vida, mudou-se para Governador Valadares (MG), onde morou por 11 anos, até se mudar para Vitória.

QUADRO 2 – DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES DA AMOSTRA DE FALA CASUAL

Idade	07-14		15-25		26-49		50 ou mais		Total de falantes
	H	M	H	M	H	M	H	M	
Sexo/gênero									
Escolarização									
<i>Ensino Fundamental (1-8 anos)</i>	-	1	-	-	1	-	-	1	3
<i>Ensino Médio (9-11 anos)</i>	-	-	-	-	2	2	-	-	4
<i>Ensino Superior (mais de 11 anos)</i>	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Número total de falantes entrevistados									8

Acreditamos que essa amostra ilustre de forma satisfatória a diferença estilística sobre o fenômeno escolhido pela análise, mesmo que não apresentando o mesmo equilíbrio em

relação ao número de informantes, horas de gravação e, conseqüentemente, número de dados do Portvix. Será uma oportunidade de atestar os pressupostos de Labov sobre a variável estilo.

3.4 VARIÁVEIS DEPENDENTES ANALISADAS

Como já falado, nesta pesquisa dividimos a concordância verbal em duas variáveis dependentes distintas: em primeira pessoa do plural e em terceira pessoa do plural. Tanto para 1PP quanto para 3PP, temos duas variantes: verbos com concordância e verbos sem concordância. São consideradas sem concordância as ocorrências em que o morfema de plural verbal não é realizado, que, portanto, coincidem com a forma de terceira pessoa do singular (nós/eles *tava, fez, quer* etc.). São consideradas com concordância em 1PP as realizações *-mos, -mo, -um, -mus*, e, em 3PP, diversas realizações morfofonológicas que serão explicitadas no subcapítulo Saliência Fônica.

A seguir, trazemos dois grandes exemplos para apresentar as duas variáveis dependentes com suas respectivas variantes, com base na noção de *super token*, ou “super-dado”, que [Tagliamonte \(2012, p. 111\)](#) propõe. Segundo a autora, *super tokens* são os melhores exemplos para ilustrar um fenômeno: eles devem trazer as formas variantes dentro de um mesmo contexto de fala, de um mesmo informante e, se possível, com os mesmos itens lexicais ocorrendo paralelamente. Devem apresentar contexto de fala suficiente para se compreenderem as funções de cada variante e as relações discursivo-pragmáticas.¹⁴

(2a) “Inf - tem pessoas que não **ACEITAM** porque se já tá assi:m... num estado muito né? parece que eles não **ACREDITAM** muito em Deus porque **TÃO** sofrendo demais né? mas mesmo assim a gente FAla né? da palavra de Deus né? [...] se a pessoas **QUISER** bem se não **QUISER** não é obrigada né?... mas a gente entra nos qua:rtos pede licença as visi:tas... quem tiver visitando né? se quer ouvir a palavra de De:us e o a pessoa que tá doente tem pés/ muitas pessoas que **TÁ** ca:rente mesmo da palavra de Deus né? **GO:STA** de ouvir::... e que a gente lê a Bíblia volta sempre volta mais eles **PEDE** né?” FEM/FUN/50 ou mais

(2b) “Inf - pois é! ... minha filha nós **ACHAMOS** graça... né? nós **FICAMOS** assim “ai meu De:us papai fez i::sso” pra nós aqu:ilo era uma coisa né? mas ele tinha razão trabalhava... ele ia às vezes pra pra:ia... de ônibus... ou de bo::nde porque naquele tempo tinha bo::nde... aí: ele levantava cedinho já

¹⁴ Cf. citação da autora no original: “The best examples are super tokens [...] namely variant forms from the same speaker in the same stretch of discourse, and if possible with the same lexical items or in parallel constructions [...]. If not, find a context that is parallel. Show at least two variants. Show enough context to establish common function across variants. This especially important with discourse-pragmatic features, where variant functions prevail.”

deixava até o café pronto... quando nós **LEVANTA::VA**... ela ia trabalhar eu ficava em casa costurando que eu costurava né?...” FEM/FUN/50 ou mais

Nos Quadros 3 e 4, apresentamos as variáveis independentes escolhidas para analisar a concordância em 3PP e 1PP, em sua ordem de significância estatística, feita pelo programa *Goldvarb X*.

QUADRO 3 – VARIÁVEIS PARA ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA VERBAL EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL

ORDEM	VARIÁVEL INDEPENDENTE	FORMAS VARIÁVEIS	RANGE
1	Saliência fônica	· Três níveis de menor diferenciação fônica · Três níveis de maior diferenciação fônica	453
2	Paralelismo discursivo	· Verbo precedido de concordância · Verbo isolado · Verbo precedido de não concordância	363
3	Paralelismo oracional	· Sujeitos expressos antepostos ao verbo com marca de plural no último elemento · Sujeitos expressos antepostos ao verbo sem marca de plural no último elemento	365
4	Escolarização	· Fundamental [1-8 anos] · Médio [9-11 anos] · Superior [mais de 11 anos]	437
5	Posição e explicitude do sujeito	· Sujeito anteposto ao verbo · Sujeito posposto ao verbo · Sujeito nulo	420
6	Faixa etária	· 7-14 anos · 15-25 anos · 26-49 anos · 50 anos ou mais	314
7	Traço humano do sujeito	· [-humano] [+animado] · [-humano] [- animado] · [+humano] [+coletivo] · [+humano] [-coletivo]	268
*	Gênero/Sexo	· Masculino · Feminino	-

QUADRO 4 – VARIÁVEIS PARA ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA VERBAL EM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

ORDEM	VARIÁVEL INDEPENDENTE	FORMAS VARIÁVEIS	RANGE
1	Tempo e paradigma verbal	<ul style="list-style-type: none"> · Pretérito perfeito com a mesma forma do presente · Presente com a mesma forma do pretérito perfeito · Pretérito perfeito com forma diferente do presente · Presente com forma diferente do pretérito perfeito · Imperfeito 	788
2	Escolarização	<ul style="list-style-type: none"> · Fundamental [1-8 anos] · Médio [9-11 anos] · Superior [mais de 11 anos] 	582
3	Paralelismo discursivo	<ul style="list-style-type: none"> · Sintagma verbal precedido de concordância · Sintagma verbal isolado · Sintagma verbal precedido de não concordância 	400
*	Faixa etária	<ul style="list-style-type: none"> · 7-14 anos · 15-25 anos · 26-49 anos · 50 anos ou mais 	-
*	Gênero/Sexo	<ul style="list-style-type: none"> · Masculino · Feminino 	-
*	Explicitude do sujeito	<ul style="list-style-type: none"> · Sujeito explícito · Sujeito nulo 	-

Nos capítulos 4 e 5, apresentaremos novamente essas variáveis, juntamente com as análises dos resultados para cada uma delas.

3.5 TRATAMENTO ESTATÍSTICO

A Sociolinguística Variacionista às vezes recebe o nome de Sociolinguística Quantitativa, pois lida com análises quantitativas dos dados de cada pesquisa. É importante destacar que “a realização de análises quantitativas possibilita o estudo da variação linguística, permitindo ao pesquisador apreender sua sistematicidade, seu encaixamento linguístico e social e sua eventual relação com a mudança linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 73). Além disso, a

quantificação também é uma ferramenta fundamental para os estudos comparativos, pois, com os estudos descritivos sendo feitos segundo as mesmas bases, é possível avaliar a extensão e as especificidades de um fenômeno variável.

O programa computacional que utilizamos para realizar as codificações e tratamento estatístico dos dados é o *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), parte do pacote *Varbrul*, para ambiente Windows. Este programa dispõe de uma janela na qual se inserem as entrevistas (ou outro tipo de *corpus*) para se fazer a leitura, identificação e codificação dos dados que compõem cada tipo de fenômeno. Para realizar esta pesquisa, identificamos primeiro cada ocorrência de verbo em primeira ou terceira pessoa do plural, com ou sem a desinência do plural, e utilizamos diversos códigos, segundo as variáveis já citadas, seguindo os parâmetros que o programa exige para identificação dos dados. Após esse procedimento, é possível que o *GoldVarb X* forneça a frequência absoluta de cada fator, com número de dados e percentuais em relação a cada variante analisada, bem como os percentuais globais de uso de cada variante e sua significância estatística.

Além de fornecer percentuais, o *GoldVarb X* gera, como produto final, pesos relativos. Nas palavras de Guy e Zilles (2007, p. 239), “o peso de um fator é um valor calculado pelo *Varbrul* (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto.”. No caso desta pesquisa, os pesos relativos verificarão a significância estatística e o efeito dos fatores elencados anteriormente nos Quadros 3 e 4 sobre a concordância verbal em 3PP e 1PP, respectivamente. Os pesos relativos variam numa escala de 0 a 1, sendo que os valores próximos a 0 são interpretados como desfavorecedores da variante analisada; os valores próximos a 1, como favorecedores da variante analisada; e os valores próximos a 0,50, como tendo efeito neutro. No entanto, Sankoff (1988) orienta que a leitura dos pesos relativos seja feita sempre comparando uns com os outros e calculando suas diferenças. Nesta dissertação, colocamos os pesos relativos com três dígitos após a vírgula, da maneira como o *Goldvarb* os traz.

Em algumas tabelas, apresentamos *ranges*, que são os resultados da diferença entre os pesos relativos de maior valor e os de menor valor de uma mesma variável. São representados por números inteiros, sem o uso da vírgula. Segundo Tagliamonte (2006, p. 251), “O valor do

range não é o peso de um fator. É simplesmente um número e não deve aparecer com um decimal.”¹⁵

¹⁵ Cf. no original: “The range value is not a factor weight. It is simply a number and should not appear with a decimal.”

4. ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA NA AMOSTRA PORTVIX

4.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A não marcação de plural nos verbos de 3PP pode ser saliente aos ouvidos dos falantes do português brasileiro, especialmente os mais escolarizados, causando uma impressão negativa sobre o falante, como se ele não soubesse falar “um bom português”. Entretanto, veremos a seguir que esse julgamento ocorre em situações linguísticas restritas, sendo que os próprios falantes com maior escolarização podem apresentar variação na concordância verbal – sem perceberem – em alguns contextos linguísticos específicos.

Nesta seção, revisamos alguns trabalhos já realizados no Brasil sobre a concordância na 3PP. Posteriormente, descrevemos cada uma das variáveis linguísticas e sociais atuantes sobre esse fenômeno, apresentando e discutindo os resultados encontrados para a amostra Portvix, sempre em comparação com as pesquisas já desenvolvidas.

É importante esclarecer que nem todos os dados de fala com verbos na 3PP entraram em nossas análises. Os sujeitos indeterminados, por exemplo, ocorrem quase que invariavelmente na terceira pessoa do plural. Excetuam-se alguns casos com a expressão “diz que”, pouco recorrente na amostra, como em: “por falta de policiamento... mas **DIZ** que agora tem né?...mas eu não sei... porque eu não não tenho mais ido pra aquele lado de lá” FEM/FUN/26-49.

Casos especiais com o verbo *ser* também não entraram em nossas codificações, por se configurarem de formas muito peculiares, que necessitam de um estudo mais específico. Alguns casos inesperados com outros verbos, que não se enquadravam em nenhuma categoria, também foram separados, mas eles serão revistos e, possivelmente, serão futuramente analisados. A seguir, alguns exemplos desses casos.

Sujeito indeterminado

(3a) “minha mãe tinha deixado... uma bolsa... eu morava lá em cima... **EM CIMA** do sofá... e a janela aberta... e **OH!** que o portão tava fechado... e foi trabalhar não tinha ninguém em casa e a janela continuou aberta... **PUXA::RAM** a roupa dela com um ferro... **PUXARAM** a bolsa dela e

PEGARAM TODOS os documentos dela dinheiro documento TUDO TUDO TUDO cartão:: ...”
FEM/FUN/15-25

Casos especiais com o verbo ser

- (3b) “**É** quarenta minutos de aula” MASC/FUN/7-14
 (3c) “**SÃO** várias músicas que eu gosto” MASC/FUN/15-25
 (3d) “**ERA** vinte minutos de recreio” FEM/FUN/15-25
 (3e) “quem atirou nele **FOI** dois rapaz” MAS/MED/15-25

Casos inesperados

- (3f) “ele **TROCAM** e tem tem uns que não GOSTAM de trocar ... então começa a discussão...”
MASC/MED/15-25
 (3g) “o pessoal ali **FIZERAM** um:: acho que foi assim... pra mim foi uma coisa bonita botou uma...
uma placa grandona com o nome dela...” MASC/MED/15-25
 (3h) “Lá os colegas d/ os colegas do Ralf que eu conheço não:: que não são da igreja não... ele **SÃO**...
é:: ah... **VÃO** pra badala..” MASC/MED/15-25
 (3i) “mas eu sei que no outro dia ele **QUEREM** me sacanear de novo...” MASC/MED/15-25
 (3j) “um detalhe básico o ano deles não **TERMINARAM** ainda de dois mil e dois né?...”
FEM/MED/15-25
 (3k) “hospital porque alega que ele sabia que ele não **TINHAM** responsabilidade ... entendeu?”
FEM/MED/50 ou mais

Casos com sujeito “os pessoal”

- (3l) “aí começaram a bater aí minha ga/ minha/ os pessoal lá né que **TAVA** junto comigo eu falei sai
dai” MASC/FUN/7-14
 (3m) “é tem vez que o pessoal leva assim :: compra camarão na mão deles aí o camarão vai começa a
deitar:: aí os pessoal... não **GOSTA** tem vez que eles leva assim mesmo” FEM/FUN/15-25
 (3n) “agora os pessoal **FALA** assim ‘eu mereço mais que isso...’” MASC/MED/15-25
 (3o) “o filme é todo assim os pessoal **ROU::ba** e tem política que tá atrás deles” MASC/UNI/15-25

4.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

São vários os trabalhos sobre concordância verbal desenvolvidos no Brasil nas últimas décadas. A pesquisa pioneira sobre este tema realizada no país foi de [Lemle e Naro \(1977\)](#), analisando a fala carioca com base em dados de três falantes. Um ano depois, os mesmos autores realizaram uma pesquisa com uma amostra de 20 falantes do Movimento Brasileiro de

Alfabetização (MOBRAL), parte do *Projeto Competências Básicas do Português*, no Rio de Janeiro.

Com o decorrer dos anos, muitos artigos, dissertações e teses foram desenvolvidos sobre este tema. Com fins de comparação com os resultados para a fala da cidade de Vitória, trazemos aqui resultados de pesquisas com amostras de Anjos (1999), sobre a fala de João Pessoa; de Monguilhott (2001), sobre a fala de Florianópolis; Rubio (2008; 2012), sobre a fala da região de São José do Rio Preto, no noroeste do estado de São Paulo; além dos inúmeros trabalhos de Naro (1981), Naro e Scherre (1999a; 1999b; 2013), Scherre (1988; 1998), Scherre e Naro (1991; 1993; 1998; 2010; 2014) e sobre a fala da cidade do Rio de Janeiro. Ressaltamos que estas foram as pesquisas selecionadas para comparação em decorrência da similaridade dos procedimentos de composição das amostras dessas localidades. Consideramos aqui que todas consistem em amostras de fala urbana, pois os falantes residem em núcleos urbanos, mesmo que não sejam sempre capitais, tal como São José do Rio Preto,

Os trabalhos de Marta Scherre e Anthony Naro, sobre a fala do Rio de Janeiro, foram feitos com base no banco de dados do Programa de Estudos do Uso da Língua (PEUL). Em linhas gerais, o principal objetivo dos fundadores do PEUL era “a busca da norma não culta do português falado no Brasil, uma vez que, antes mesmo de sua existência, já estava em funcionamento o grupo de pesquisa NURC, cujo objetivo principal era a busca da norma urbana culta.” (SCHERRE, 1996, p. 31). Trazemos aqui os resultados de duas amostras desse banco de dados: uma de 1980, a amostra Censo, que é constituída de 64 gravações com informantes estratificados em função do seu gênero/sexo, faixa etária (7-14 anos, 15-25 anos, 26-49 anos e mais de 49 anos) e anos de escolarização (1-4 anos, 5-8 anos e 9-11 anos); e uma de 2000, que é constituída de 32 gravações, com a mesma estratificação que as variáveis sociais de 1980.

O trabalho de Anjos (1999), sobre a fala de João Pessoa, foi feito com base no banco de dados do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). A amostra é constituída de entrevistas com 60 informantes, estratificados segundo seu gênero/sexo (masculino e feminino), sua faixa etária (15 a 55 anos, 26 a 49 anos e mais de 50 anos), e sua escolarização (sem escolarização, 1 a 4 anos [antigo primário], 5 a 8 anos [antigo ginásio], 9 a 11 anos [antigo segundo grau], mais de 11 anos [superior]).

O trabalho de Monguilhott (2001), sobre a fala da região urbana de Florianópolis, foi feito com base no banco de dados do Projeto Interinstitucional Variação Linguística Urbana da

Região Sul (VARSUL). A amostra é composta por 24 entrevistas com informantes estratificados de acordo com seu sexo (masculino e feminino), sua faixa etária (15 a 24 anos, 25 a 45 anos, 52 a 76 anos) e sua escolaridade (4 anos [primário] e 11 anos [colegial]).

O trabalho de Rubio (2008), sobre a fala região de São José do Rio Preto, foi feito com base no banco de dados Iboruna. Este banco de dados foi composto pelo projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (ALIP), e abrange sete municípios da região noroeste do estado de São Paulo: Bady Bassitt, Cedral, Guapiaçu, Ipiranga, Mirassol, Onda Verde e São José do Rio Preto. Das 152 entrevistas que compõem a amostra, o pesquisador selecionou 76, sendo que os informantes estão estratificados também segundo seu gênero/sexo (masculino e feminino), faixa etária (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos), e sua escolaridade (1 a 4 anos de escolarização [fundamental I], 5 a 8 anos [fundamental II], 9 a 11 anos [médio], 12 anos ou mais [superior]).

Na tabela a seguir, apresentamos os índices gerais de concordância das amostras citadas.

TABELA 1 – ÍNDICES GERAIS DE CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL EM CINCO LOCALIDADES

Vitória (esta pesquisa)	Rio de Janeiro Scherre e Naro (2014, p. 335)	João Pessoa Anjos (1999, p. 60)	Florianópolis Monguilhott (2001, p. 42) (2009, p. 115) ¹⁶	São José do Rio Preto Rubio (2008, p. 81)
	1980	1993-1994	1988-1994	
	73% (3399/4660)	54% (1653/3034)	79% (1251/1583)	
2001-2003	2000		2006-2007	2004-2007
78,8% (2439/3095)	83% (1708/2059)		80% (640/794)	70% (2314/3308)

A partir de uma leitura desta tabela, é possível notar que a única cidade cujo índice se distancia mais do resultado da amostra Portvix (78,8%) é João Pessoa (54%), com uma diferença de 24,6 pontos percentuais. Um fato que diferencia o trabalho de Anjos (1999) sobre a capital paraibana é que esse é o único que inclui em seu *corpus* dados de fala de pessoas sem escolarização formal. Mais adiante, na análise da variável escolarização, serão comparadas as frequências entre todas estas amostras para verificar sua interferência sobre

¹⁶ É importante ressaltar que a amostra de Florianópolis coletada no período 2006-2007 não foi constituída de forma semelhante às demais e, por essa razão, seus resultados não foram utilizados para comparação na análise das variáveis dependentes. Trouxemos para análise os índices gerais para apontar as curiosidades em torno do fenômeno.

esse índice geral. Afora o resultado de João Pessoa, as demais cidades apresentam percentuais de concordância mais próximos. São José do Rio Preto (70%) é a segunda cidade cujo índice é mais distante do da amostra Portvix, apresentando uma diferença de 8 pontos percentuais.

Todavia, é importante notar que houve um aumento de concordância na fala do Rio de Janeiro quando comparados os resultados da primeira com a segunda linha de percentuais. Esse fato aponta para uma tendência de aquisição de concordância da comunidade (conforme veremos mais a frente), a qual já possuía um índice de concordância elevado na década de 80, em comparação com as demais amostras. Essa diferença de concordância do Rio de 80 e 2000 com as demais amostras coloca a cidade, de certa forma, em evidência no mapa e, ainda, nos permite fazer algumas conjecturas. Podemos considerar que aqui estão envolvidas as seguintes questões para a interpretação desse quadro: visibilidade nacional e internacional, localização geográfica e representatividade política da cidade.

Ao apontarmos a visibilidade nacional e internacional, nos referimos, principalmente, à cidade do Rio de Janeiro, conhecida mundialmente, ao ponto de ser confundida com a capital do Brasil. É onde há intenso fluxo turístico, é onde se concentram muitas atividades empresariais, é onde já ocorreram (e ocorrerão) eventos internacionais de grande porte (jogos da Copa do Mundo, Rock in Rio, Olimpíadas, Jornada Mundial da Juventude etc.), é onde se gravam inúmeras novelas e jornais televisivos. Em suma, essa caracterização do Rio de Janeiro o coloca em lugar de destaque, e a expectativa sobre uma localidade de destaque é que esta respeite as normas, ou, ainda, dite as normas. Em se tratando de concordância de número, a norma da comunidade de mais influência cultural seria “faça concordância”, em se tratando de concordância verbal de 3PP e 1PP¹⁷. Podemos citar aqui a cidade de São Paulo, que possui visibilidade comparável ao Rio de Janeiro. Em pesquisa com dados do Grupo de Estudos e Pesquisas em Sociolinguística (GESOL) coletados em 2009 e 2013, Oushiro (2014, p. 172) relata percentual de 88,3% de concordância para a capital paulista.

Outra cidade em posição de destaque é Florianópolis, por também possuir um forte complexo turístico (embora não da mesma forma que o Rio de Janeiro), e por fazer parte da região Sul do país, região considerada pelo senso comum como a mais desenvolvida do Brasil e, até mesmo, comparada aos países europeus.

São José do Rio Preto é a única dessas cidades que não é capital – por essa razão, colocamos representatividade política como um possível fator que condicionasse a posição desta cidade

¹⁷ E também de concordância nominal. Cf. Tabela 7 de Scherre e Naro (2014, p.348).

com um dos menores índices de concordância. Consideramos aqui que a condição de capital atribui uma característica mais urbana e mais desenvolvida às cidades, e, por isso, um compromisso mais normativista com a língua – o qual São José do Rio Preto não possui. Os resultados encontrados por Rubio (2008, p. 142) apontam que não há tendência de aquisição de concordância com a gradação das faixas etárias, fato que diferencia São José do Rio Preto das demais cidades. Há que se considerar, ainda, que a composição desta amostra data da década de 2000, fato que nos permite inferir que esta cidade se aproximaria do índice de João Pessoa, o menor desta lista, caso se elaborasse novo *corpus* na capital paraibana.

Vitória está no meio termo: é capital, está na região Sudeste, mas não possui visibilidade como Rio de Janeiro e Florianópolis. A cidade que deixa mais questões é João Pessoa: é capital, possui visibilidade relativamente alta (quando comparada a Vitória e outras capitais do Brasil), mas menor índice de concordância. Há que se considerar, mais uma vez, a data de gravação do *corpus* e a presença de falantes não escolarizados na amostra de João Pessoa. Isso poderia colocar a cidade lado a lado com São José do Rio Preto e, até mesmo, Vitória.

Ressaltamos que essas razões elencadas para discutir os percentuais globais de concordância das referidas localidades são hipotéticas, há que se discutir, ainda, outros fatores que poderiam se mostrar relevantes, tais como grau de letramento e exposição à mídia desses falantes. Com o crescente número de *corpora* de língua falada e de pesquisas quantitativas sobre concordância verbal em todo o Brasil, será possível, em outras pesquisas, realizar um mapeamento mais detalhado sobre o qual se façam interpretações mais claras dos fatores que se relacionam com os índices globais de concordância de diversas cidades.

No que se refere aos resultados mais específicos das pesquisas destas localidades, Anjos (1999), Monguilhott (2001), Naro (1981), Naro e Scherre (1999a; 1999b), Rubio (2008) e Scherre e Naro (2010) nos revelam que a marcação de plural é mais frequente em verbos que apresentam maior diferença em sua forma plural e singular, ou seja, maior saliência fônica. Veremos logo mais que os nossos resultados também seguem esse padrão.

Outra variável atuante sobre o fenômeno de concordância em 3PP é o paralelismo linguístico, que pode se dar no nível discursivo, oracional, sintagmático e no plano da palavra, segundo Scherre (1988; 1998). Neste capítulo tratamos paralelismo no nível oracional e discursivo. O princípio que subjaz a essa variável é que formas semelhantes tendem a ocorrer juntas, no caso da concordância, marcas explícitas de plural precedentes levam a marcas explícitas subsequentes e ausência de marcas precedentes leva a ausência de marcas subsequentes. As

demais pesquisas apontam para essa mesma direção, e a expectativa é que a fala de Vitória siga a mesma linha.

Para todas as amostras, os sujeitos com traço [+ humano] tendem a favorecer a marcação de plural nos verbos de 3PP.

Sobre a posição do sujeito em relação ao verbo, a expectativa é que sujeitos posicionados anteriormente ao verbo apresentem maior concordância que o sujeito posicionado posteriormente ao verbo. Assim confirma a pesquisa de [Monguilhott \(2001\)](#). As pesquisas de [Anjos \(1999\)](#) e [Rubio \(2008\)](#) comprovam esta tese, e ainda comprovam que quanto mais distante o núcleo do sujeito está em relação ao verbo menor será o índice de concordância.

4.3 AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

4.3.1 Saliência Fônica

Os primeiros estudos sobre a concordância verbal de 3PP no português do Brasil apontam que existem algumas formas verbais que tendem a exibir maior uso de concordância do que outras, como mostram, por exemplo, as pesquisas de [Lemle e Naro \(1977\)](#), [Naro \(1981\)](#), [Scherre e Naro \(2010\)](#). As pesquisas selecionadas para comparação seguem esta mesma linha, como apresentaremos, em breve, ainda nesta seção.

Nos termos de [Naro \(1981\)](#), os verbos com maior diferenciação de material fônico entre suas formas singular e plural tendem a apresentar mais concordância. Sendo assim, verbos como *bater*, no presente do indicativo (*bate/batem*), que sofrem apenas o processo de nasalização ao serem conjugados no plural, tendem a ser pronunciados com menos concordância do que, por exemplo, o verbo *fazer* no pretérito perfeito do indicativo (*fez/fizeram*), em que ocorre mudança da vogal do radical e acréscimo de segmentos que fazem aumentar o número de sílabas. [Naro \(1981\)](#) considerou, então, os diversos graus de diferenciação de material fônico entre a forma singular e a forma plural dos verbos de terceira pessoa e também a tonicidade desses verbos como base para a criação de uma hierarquia de saliência fônica, e sugeriu dois grandes níveis, os quais foram retomados por [Naro e Scherre \(1999a, 1999b\)](#).

A seguir, dois exemplos de cada variante, com e sem a desinência de plural nos verbos.

NÍVEL 1 (OPOSIÇÃO FONICAMENTE MENOS MARCADA OU MENOS SALIENTE)

1A nasalização da vogal na forma plural [*entende/entendem; bate/batem*]

(4a) “Inf – [...] aí meu cachorro late aí eles **BATEM** palmas...” MASC/FUN/15-25

(4b) “os carinha **BATE** a cabeça...” FEM/FUN/7-14

1B nasalização e/ou mudança na qualidade da vogal [*acaba/acabam; acha/acham*]

(4c) “os pais **ACABAM** não gostando do canal e tiram...” FEM/FUN/7-14

(4d) “as crianças **ACHA** que é mesma coisa e faz...” FEM/FUN/7-14

1C acréscimo de segmentos vocálicos [*diz/dizem; faz/fazem*]

(4e) “minhas colegas **DIZEM** que é muito bom...” FEM/FUN/7-14

(4f) “isso aqui tem certas pessoas que não **FAZ...**” MASC/FUN/15-25

NÍVEL 2 (OPOSIÇÃO FONICAMENTE MAIS MARCADA OU MAIS SALIENTE)

2A ditongação com mudança na qualidade da vogal [*está/estão*]

(4g) “Inf – [...] as quadra todinhas **ESTÃO** ótimas...” MASC/FUN/15-25

(4h) “Inf – [...] as quadras da Praça dos Desejos **ESTÁ** ótima...” MASC/FUN/15-25

2B acréscimos de segmentos consonânticos sem alteração na vogal da desinência

[*assistiu/assistiram; sofreu/sofreram*]

(4i) “Inf – [...] eles **ASSISTIRAM** aquele filme então...” MASC/FUN/15-25

(4j) “Inf – [...] essas pessoas que já **SOFREU** esses problema...” MASC/FUN/26-49

2C acréscimos de segmentos e com alteração na vogal da desinência [*começou/começaram;*

restou/restaram]

(4k) “Inf – [...] no começo eles b/ queria botar li::xo... aí **COMEÇARAM** aterrar com li::xo...”

MASC/FUN/26-49

(4l) “Inf – [...] **RESTOU** três dias perdido...” MASC/FUN/50 ou mais

2D classe especial – caso único – mudança completa [*é/são*]

(4m) “Inf – [...] os deputado tudo num **SÃO** autoridades?” MASC/FUN/50 ou mais

(4n) “Inf – [...] tem pessoas que **É** mais lenta...” FEM/FUN/15-25

2E mudanças na sílaba tônica [*fez/fizeram; veio/vieram*]

(4o) “Inf – [...] eles **FIZERAM** uma excursão pros Estados Unidos...” MASC/MED/15-25

(4p) “Inf – [...] pessoas que não são daqui e **VEIO** estudar aqui... entendeu?” MASC/MED/50

ou mais

É importante colocar que, inicialmente, Naro (1981, p. 75) estabelece para o nível 2 as categorias 2A, 2B, 2C, 2D e 2E, considerando a distinção morfológica entre os verbos deste nível. Entretanto, após uma primeira análise, ele constata que a diferença de efeitos não é estatisticamente significativa entre os três últimos, pois os índices de concordância são muito próximos. Por essa razão, Naro (1981, p. 77) agrupa as três formas na categoria 2C. Mesmo assim, tenho controlados estes subníveis, para observar detalhadamente os resultados do fator saliência fônica. Enquanto na categoria 2C os verbos mostram mudança na vogal tônica (de [o] para [a]) e acréscimo de segmentos silábicos, na categoria 2D, a mudança na forma é mais complexa. O autor explica: “O presente do verbo ser (é/são) é único: é um monossílabo no qual não é possível separar claramente a desinência da raiz – e no qual, como na desinência tônica da Classe 2C, singular e plural não têm segmento compartilhado”. (p. 75)¹⁸. Os verbos da categoria 2E se diferenciam dos demais pois, além de haver mudança na vogal tônica e acréscimo de segmentos silábicos, o radical também é modificado.

Além de fazermos o controle detalhado do nível 2, também controlamos os dados do nível 1, mais especificamente do nível 1C, codificando separadamente os verbos no futuro do subjuntivo e no infinitivo flexionado. A seguir, exemplos dessas formas verbais, cuja saliência consiste no acréscimo de segmentos vocálicos na forma plural, assim como os exemplos 1C vistos anteriormente.

1C ACRÉSCIMO DE SEGMENTOS VOCÁLICOS

Futuro do subjuntivo

(5a) “Inf – [...] se os pais dele **PERMITIREM** aí tudo bem namorar...” MASC/FUN/7-14

(5b) “Inf – [...] só pretendo ir no cinema quando as meninas **FOR** e me **CHAMAR** assim...”

FEM/FUN/7-14

Infinitivo flexionado

(5c) “Inf – [...] o que leva pessoas a **ENTRAREM** nisso aí... é bobeira...” MASC/FUN/50 ou mais

(5d) “Inf – [...] que a gente tinha que descer lá embaixo... né? pra eles **DAR** presença... se não a gente ficava com falta...” FEM/FUN/26-49

¹⁸ Cf. no original: “The present of the verb *ser* ‘to be’ (*é/são* ‘is/are’) is unique: it is a monosyllable in which no clear separation of root from desinence is possible - and in which, as in the stressed desinences of Class 2c, singular and plural have no shared segment.”

Agora, serão apresentados os resultados da análise inicial, com todos os dados passíveis de variação em terceira pessoa, em todas as categorias de saliência explanadas.

TABELA 2 – EFEITO DA SALIÊNCIA FÔNICA NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
Nível 1A (come/comem)	214/311	68,8%	0,322
Nível 1B (ganha/ganham)	843/1216	69,3%	0,297
Nível 1C (faz/fazem)	110/158	69,6%	0,258
Nível 2A (dá/dão)	385/433	88,9%	0,673
Nível 2B (comeu/comeram)	195/214	91,1%	0,691
Nível 2C (ganhou/ganharam)	382/398	96,0%	0,843
Nível 2D (é/são)	153/163	93,9%	0,793
Nível 2E (fez/fizeram)	98/100	95,3%	0,917
Infinitivo (1C) (dar/darem)	39/61	63,9%	0,184
Fut. do Subj. (1C) (der/derem)	20/41	48,8%	0,132
TOTAL	2439/3095	78,8%	

É perceptível que há diferenças entre os efeitos dentro dos níveis 1 e 2. Além de haver uma gradação bem pequena de concordância no nível 1, os pesos relativos comprovam que não há a regularidade esperada na sequência. Sua ordem é decrescente, temos pesos relativos de 0,322 no nível 1A, em que há apenas a nasalização da vogal na forma plural; 0,297 no nível 1B, em que há nasalização e/ou mudanças na qualidade da vogal temática; e 0,258 no nível 1C, em que há acréscimo de segmentos vocálicos. Entretanto, esses valores são muito próximos, indicando que 1A, 1B e 1C são bastante semelhantes entre si.

O nível 2 já apresenta uma regularidade que atende as expectativas, nos termos de Naro (1981), tanto nos pesos relativos quanto nos percentuais. Temos 0,673 no nível 2A, em que há ditongação com mudança na qualidade da vogal; 0,691 no nível 2B, em que há acréscimos de segmentos consonânticos sem mudanças vocálicas no radical; e 0,843, 0,793 e 0,917, respectivamente, nos níveis 2C, 2D e 2E, em que há acréscimos de segmentos consonânticos com mudanças em pontos diversos ou na forma toda do verbo.

Ao lançar um olhar mais atento sobre os dados, foi percebido que os verbos no futuro do subjuntivo e no infinitivo apresentavam um comportamento peculiar. O esperado acerca

desses fatores era que apresentassem mais concordância, por se enquadrarem no nível 1C, especialmente os verbos no futuro do subjuntivo, em decorrência da variabilidade morfológica apresentada por verbos irregulares neste tempo e modo, a qual não existe no infinitivo flexionado. Observando mais de perto os dados de futuro do subjuntivo, constatamos que, dos 20 casos sem concordância, as formas verbais *for*, *tiver* e *quiser* somam 17 ocorrências sem a marcação da desinência, demonstrando que o falante de Vitória conhece a estrutura do subjuntivo, mas não a flexiona para o plural. Houve apenas um caso de verbo irregular com o radical flexionado fora da norma, “se acontecer assim... eles QUERER se casar os dois não vão querer saber de nada...”. Essa fala é de uma menina, de 7 a 14 anos, de ensino fundamental.

Pela análise dos resultados é possível perceber que, apesar destas pequenas divergências dentro dos níveis 1 e 2, os pesos relativos demarcam fortemente o favorecimento da concordância no nível 2, com todos os pesos acima de 0,50 e o desfavorecimento da concordância no nível 1, com todos os pesos abaixo de 0,50. Na tabela 3 temos a amalgamação dos fatores nos dois grandes níveis, com os dados do infinitivo flexionado e do futuro do subjuntivo sendo incluídos e excluídos do nível 1.

TABELA 3 – EFEITO DA SALIÊNCIA FÔNICA NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX COM AMALGAMAÇÃO DOS NÍVEIS

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
Nível 1 (- saliente) <i>com dados de futuro e infinitivo</i>	1226/1787	68,6%	0,299
Nível 2 (+ saliente)	1213/1308	92,7%	0,762
<i>Range</i>			463
Nível 1 (- saliente) <i>sem dados de futuro e infinitivo</i>	1167/1685	69,3%	0,298
Nível 2 (+ saliente)	1213/1308	92,7%	0,751
<i>Range</i>			453

Em ambos os casos (com a inclusão ou exclusão das duas formas verbais), a variável saliência fônica foi selecionada como estatisticamente significativa pelo *GoldVarb X*, evidenciando a significância estatística dos resultados. A proximidade dos *ranges* atesta que, com ou sem os dados de futuro e infinitivo, os resultados são semelhantes, justamente pelo fato de seu comportamento ser semelhante aos demais dados do Nível 1. Mesmo com algumas irregularidades em cada nível, a hipótese de Naro (1981) de que os verbos com plural mais

marcado foneticamente possuem índices mais elevados de concordância é confirmada por nossos resultados.

O Portvix apresenta resultados semelhantes aos de outras amostras, como pode ser visto na tabela 4. Para uma comparação mais equilibrada, fizemos uma amalgamação de todas as ocorrências de nível 1C (incluindo o futuro do subjuntivo e o infinitivo flexionado) e de nível 2C (incluindo as variáveis 2D e 2E).

TABELA 4 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA SALIÊNCIA FÔNICA NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL ENTRE A AMOSTRA PORTVIX E OUTRAS AMOSTRAS

	Vitória (esta pesquisa)	Rio de Janeiro ¹⁹		João Pessoa Anjos (1999, p. 68)	Florianópolis Monguilhott (2001, p. 42)
		1980	2000		
Nível 1A	0,325	0,135	0,273	0,24	0,02
Nível 1B	0,300	0,360	0,363	0,39	0,46
Nível 1C	0,214	0,345	0,423	0,43	0,13
Nível 2A	0,676	0,643	0,604	0,60	0,88
Nível 2B	0,694	0,687	0,716	0,81	0,65
Nível 2C	0,842	0,769	0,698	0,79	0,75

Nota-se que Vitória segue a mesma linha que as amostras do Rio de Janeiro, Florianópolis e João Pessoa, quando observados em conjunto os níveis 1 e 2. Algumas irregularidades, entretanto, aparecem quando comparados A, B e C do nível 1 de Vitória e Florianópolis e nível 2 de Florianópolis. Mesmo assim, confirma-se o padrão de verbos mais salientes (nível 2) apresentarem mais concordância que verbos de menor saliência (nível 1).

4.3.2 Paralelismo Oracional

O significado da variável paralelismo oracional deriva de uma compreensão mais global que se tem do conceito de *paralelismo*, que, aqui, é compreendido como uma repetição de padrões, de quaisquer naturezas – não apenas linguística –, como coloca Scherre (1998), no excerto a seguir.

¹⁹ Os resultados da amostra do Rio de Janeiro foram cedidos por Marta Scherre, de arquivo pessoal.

O que subjaz à variável paralelismo, ou seja, à capacidade de repetição, subjaz também a outros aspectos do comportamento humano. O comportamento humano exhibe com nitidez a produtividade ou a funcionalidade da realização de atividades em bloco, com aproximação pelas semelhanças, observado nas mais diferentes situações: na produção linguística oral, na produção linguística escrita, num jogo de futebol, na ‘moda, entre outros aspectos; e, também, na própria necessidade de o ser humano formar e proteger grupos. (p. 50)

Segundo Scherre e Naro (1991; 1993), o fato que rege o *paralelismo linguístico* na concordância é que marcas linguísticas precedentes tendem a gerar outras marcas e a falta de marcas precedentes tende a gerar a falta de outras marcas. Essa restrição pode ocorrer entre cláusulas (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático) e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra), nos termos de Scherre (1998, p. 30).

São muitas as discussões em torno dessa variável (paralelismo linguístico), de forma que se dividem as opiniões sobre como analisá-la, especialmente do ponto de vista funcionalista. No capítulo 6, faremos uma apresentação mais detalhada das interpretações já feitas sobre este tema por alguns pesquisadores da área e desenvolveremos uma análise dos resultados do paralelismo discursivo, unindo dados de 1PP e 3PP. Aqui, trazemos resultados específicos do paralelismo oracional em 3PP.

No plano oracional, o paralelismo pode ocorrer conforme os exemplos (6a) e (6b) ilustram. (6c) e (6d) são exemplos em que não há paralelismo.

(6a) “Inf – [...] os casais **TÃO** traindo muito um ao outro...” MASC/FUN/15-25

(6b) “Inf – [...] as moça aqui **ADORA** jaca...” MASC/MED/25-49

(6c) “Inf – [...] as pessoa **OLHAM** assim...” FEM/FUN/15-25

(6d) “Inf – [...] eu vou lembrando várias coisas que **ACONTECEU**...” FEM/FUN/7-14

Em nossa amostra, foram analisadas apenas 2310 ocorrências para esta variável independente, pois só se incluem neste grupo sujeitos que são pronomes ou sintagmas nominais antepostos ao verbo. Os resultados do paralelismo em terceira pessoa do plural na amostra Portvix encontram-se na tabela a seguir.

TABELA 5 – EFEITO DO PARALELISMO ORACIONAL NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
Variante explícita em todos os elementos do sujeito	1797/2190	82,1%	0,523
Variante zero no último elemento do sujeito	56/120	46,7%	0,158
<i>Range</i>			365

Dos 2310 dados codificados, 1853 apresentam a variante explícita no último elemento do sujeito, sendo que, desses casos, 1797 verbos concordam em número com o sujeito, totalizando 82,1% do número de dados e 0,523 de peso relativo. Ainda desse total de dados, 120 estruturas apresentam a variante zero no último elemento do sujeito à esquerda, entre as quais há 56 dados de verbo com a concordância de número, totalizando 46,7%, com 0,158 de peso relativo. Considerando o índice geral de concordância entre esses dados de 3PP (77,7%), é bastante notável a queda de mais de 30 pontos percentuais para os dados com variante zero no último elemento do sujeito. O *range* elevado também evidencia bastante o efeito da variável.

Assim como esta pesquisa, vários estudos sobre o português brasileiro já evidenciaram o efeito dessa variável sobre a concordância verbal. Na tabela seguinte temos uma comparação com os resultados de Scherre (1998), Anjos (1999), Monguilhott (2001) e Rubio (2008).

TABELA 6 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DO PARALELISMO ORACIONAL NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL ENTRE A AMOSTRA PORTVIX E OUTRAS AMOSTRAS

	Vitória (esta pesquisa)	Rio de Janeiro Scherre (1998, p. 36) ²⁰	João Pessoa Anjos (1999, p. 88)	Florianópolis Monguilhott (2001, p. 48)	São José do Rio Preto Rubio (2008, p. 86)
Variante explícita no último elemento do sujeito	0,52	[1980] 0,56 [2000] 0,54	0,56	0,54	0,56
Variante zero no último elemento do sujeito	0,16	[1980] 0,18 [2000] 0,13	0,27	0,32	0,17
<i>Ranges</i>	36	38 41	29	22	39

²⁰ Os resultados da amostra de 2000 foram cedidos por Marta Scherre, de arquivo pessoal.

Colocamos apenas dois dígitos após a vírgula dos pesos relativos do Portvix para os *ranges* ficarem mais comparáveis. Todas as cidades apresentam resultados praticamente iguais para essa variável, especialmente na primeira variante. Os *ranges* nos mostram que em algumas cidades o efeito dessa variável é mais forte, como São José do Rio Preto, Rio de Janeiro e Vitória. Em João Pessoa os *ranges* são menores em relação aos demais, mas a variável é estatisticamente significativa.

Cabe pontuar que, em suas codificações da amostra de João Pessoa e Florianópolis, [Anjos \(1999\)](#) e [Monguilhott \(2001\)](#) abrangeram todos os tipos de sujeito, não só os sintagmáticos, e encontraram resultados para três categorias nesta variável, a saber: [1] presença da forma de plural explícita no último (ou único elemento); [2] presença da forma de plural zero no último elemento; [3] presença de numeral no último elemento. Para Florianópolis, a diferença de pesos relativos entre as categorias [1] e [3] foi pequena (0,54 e 0,53, respectivamente) comprovando que o fator numeral no último elemento mantém a mesma tendência que a marcação de plural no último elemento. João Pessoa segue na contramão, com a presença do numeral rebaixando a concordância, com 0,19 de peso relativo.

Em São José do Rio Preto foi feito um controle mais detalhado tal como [Scherre e Naro \(1993\)](#) fizeram para a amostra da década de 80 do Rio de Janeiro. Para além das categorias apresentadas na tabela 6, foram controlados os casos de presença e ausência de plural em sintagmas preposicionados, casos de sujeito numeral e casos de neutralização. Estes últimos [Rubio \(2008, p. 72\)](#) define como casos “em que é impossível detectar se o ‘s’ pronunciado entre o SN-sujeito e o verbo pertence a um ou outro elemento”. Em ambas amostras, os resultados para os casos de sintagmas preposicionados mantiveram a mesma tendência que sintagmas não preposicionados; os casos de sujeito numeral ficaram com 0,34 no Rio de Janeiro e 0,47 em São José do Rio Preto; e os casos de neutralização ficaram com 0,58 no Rio de Janeiro e 0,50 em São José do Rio Preto.

Os resultados do Portvix também comprovam o princípio de que marcas precedentes explícitas levam a marcas subsequentes, e ausência de marcas precedentes leva a ausência de marcas subsequentes.

4.3.3 Traço humano do sujeito

As pesquisas sociolinguísticas realizadas sobre o português brasileiro atestam o que [Scherre e Naro \(1998\)](#) apontam para esta variável: “na língua falada, sujeito [+humano] controla a concordância explícita de plural de forma mais acentuada do que sujeito com traço [-humano].” (p. 48).

Não há dúvidas, a princípio, sobre a compreensão do que é humano e do que não é humano. Entretanto, alguns exemplos da amostra Portvix possuem uma propriedade discutível, como *bandas, rádios, colégio, tropas, empreiteiras*, e etc. Esses nomes, em determinados casos, foram empregados denotando um agrupamento de pessoas, e, por essa razão, foram classificados como [+coletivo] e [+humano]. Fizemos um controle detalhado dessa variável baseada em [Scherre \(1988\)](#), usando combinações dos traços [+humano], [+coletivo] e [+animado] para caracterizar os nomes. A seguir, alguns exemplos extraídos do Portvix para ilustrar as formas de ocorrência deste fator.

Sujeito [-humano] [-animado]

(7a) “Inf – [...] as coisas **TÃO** ficando muito moderna” FEM/UNI/15-25

(7b) “Inf – [...] muitas vezes **ACONTECEU** assaltos” MASC/FUN/7-14

Sujeito [-humano] [+animado]

(7c) “Inf – [...] se eles comprar uma dúzia pra comer:: **VAI** vir doze camarão” FEM/FUN/15-25

(7d) “Inf – [...] os desenhos [animados] hoje... não **SÃO** tão monótonos” MASC/UNI/15-25

Sujeito [+humano] [-coletivo]

(7e) “Inf – [...] não vou dizer um ateu mas cê vê pessoas que não **TÃO** envolvidas na religião e **TÃO** ali num voluntariado **TÃO** ali ajudando...” MASC/UNI/26-49

(7f) “Inf – [...] **EXISTE** as pessoas que fazem o curso de oficiais” MASC/UNI/26-49

Sujeito [+humano] [+coletivo]

(7g) “Inf – [...] se::... principalmente as grandes empresas não **SONEGASSEM**... mas como **SONEGAM**... e **SONEGAM** mu::Ito...” MASC/MED/15-25

(7h) “Inf – [...] um:: sindicalista lá tava falando que **EXISTE** cooperativas dentro do::... do hospital” MASC/MED/26-49

Ao longo da codificação dos dados, um substantivo específico chamou atenção por sua polissemia. Ele foi utilizado duas vezes em um mesmo turno, com traços semânticos distintos: “os **hospitais** TÃO lotado... os **hospitais** TÃO atendendo as pessoas nos corredores”. A primeira ocorrência alude ao espaço físico do hospital, ou seja, o sujeito é [-humano] e [-coletivo]; já a segunda ocorrência alude ao grupo de funcionários que trabalha no hospital, ou seja, o sujeito é [+humano] e [+coletivo]. Fizemos uma revisão dos dados para examinar se outros nomes apresentavam essa mesma polissemia, mas não encontramos mais nenhum além de *hospitais*.

Na tabela 7, apresento os resultados para essa variável. Na tabela 8, foram amalgamadas as categorias [-humano] [-animado] com [-humano] [+animado], representadas por [-humano]; e [+humano] [+coletivo] com [+humano] [-coletivo], representadas por [+humano]. Ao se comparar com as demais capitais, nota-se que os resultados seguem todos a mesma tendência, mesmo com a amalgamação das categorias com o traço [+coletivo] e [-coletivo]. Apenas em João Pessoa os pesos relativos entre as duas variantes são um pouco mais próximos.

TABELA 7 – EFEITO DO TRAÇO HUMANO DO SUJEITO NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
[-humano] [-animado]	192/276	69,6%	0,342
[-humano] [+animado]	36/48	75,0%	0,542
[+humano] [-coletivo]	2181/2725	80,0%	0,520
[+humano] [+coletivo]	30/46	65,2%	0,274
<i>Range</i>			268
TOTAL	2439/3095	78,8%	

As três primeiras linhas da tabela 7 mostram que o índice de concordância é crescente na medida em que os substantivos adquirem vida e traço humano. Para [-humano] [-animado], grau em que os referentes não têm vida, o índice é de 69,6% com peso relativo de 0,342; para [-humano] [+animado], grau em que os referentes são animais, desenhos animados ou espíritos, o índice é de 75,0%, com peso relativo de 0,542; para [+humano] [-coletivo], grau em que os referentes são seres humanos, o índice é de 80,0%, com peso relativo de 0,520. A expectativa sobre a categoria [+humano] [+coletivo] era que ela apresentasse um índice mais próximo de [+humano] [-coletivo], uma vez que os referentes são metonímias que remetem a grupos de pessoas. Entretanto, o peso relativo (0,274) se aproximou mais da categoria [-

humano] [-animado]. Uma hipótese é que esses referentes (*times, americanos, tropas, faculdades, bandas, igrejas, e etc.*) distanciam a ideia que se faz do sujeito, tornando-o indeterminado, de forma que o falante, no momento do discurso, não imagine pessoas por detrás das ações, e, por isso, as associe a instituições ou entidades, que poderiam configurar substantivos sem vida.

TABELA 8 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DO TRAÇO HUMANO DO SUJEITO COM AMALGAMAÇÃO DOS FATORES NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL ENTRE A AMOSTRA PORTVIX E OUTRAS AMOSTRAS

	Vitória (esta pesquisa)	Rio de Janeiro ²¹		João Pessoa Anjos (1999, p. 100)	Florianópolis Monguilhott (2001, p. 49)
		1980	2000		
[-humano]	0,390	[-animado] 0,31	[-animado] 0,32	0,42	0,28
[+humano]	0,513	[+animado] 0,53	[+animado] 0,52	0,51	0,55
<i>Ranges</i>	<i>12</i>	<i>22</i>	<i>20</i>	<i>9</i>	<i>27</i>

O que se constata com esses resultados é que os verbos com sujeito com traço [+humano] possuem maior probabilidade de serem flexionados no plural do que verbos com sujeito com traço [-humano], apresentando uma diferença mais elevada nas cidades do Rio de Janeiro e Florianópolis.

4.3.4 Posição e explicitude do sujeito

Falantes nativos do Brasil aprendem na escola que o português brasileiro é uma língua que, via de regra, obedece à estrutura SVO (*sujeito + verbo + objeto*), com o verbo concordando em número com o sujeito. Rocha Lima (2013, p. 290-292) escreve um subtópico na seção “Sujeito” em sua gramática, chamado “Colocação do sujeito na oração”, no qual discorre sobre a *ordem direta* e a *ordem inversa* dos elementos de uma oração, sendo que a primeira consiste na ordem canônica SVO e a segunda consiste na inversão de elementos, especialmente do sujeito em relação ao verbo. O autor assevera que essas inversões já são consagradas pelo uso tradicional da norma culta. Em seguida, no subtópico “Inversão *normal* do sujeito” (grifo nosso), o autor enumera condições de uso da língua que favorecem essa

²¹ Os resultados do Rio de Janeiro foram cedidos por Marta Scherre, de arquivo pessoal.

inversão *verbo + sujeito*, e, ainda, procede com o subtópico “Uma inversão que requer cuidado”, no qual o autor salienta o caso específico de verbos intransitivos:

É habitual, ainda que não sistemática, a inversão do sujeito a VERBOS INTRANSITIVOS como *aparecer, chegar, correr, restar, surgir*, etc. – o que pode levar o leitor a interpretar como objeto direto o sujeito posposto. Convirá, então, lembrar-lhe que, ao analisar uma oração, a primeira coisa que se faz é examinar a natureza do verbo (se ele é intransitivo, ou transitivo) e, logo após, procurar seu sujeito. (ROCHA LIMA, 2013, p. 292).

Cabe questionar: o gramático não estaria considerando essa uma inversão “anormal” do sujeito, em decorrência da não marcação de plural do verbo? Essa assistemática a que Rocha Lima (2013) se refere vem sendo revista pelos estudos sociolinguísticos.

Lemle e Naro (1977) afirmam que a marcação de plural nos verbos é muito mais provável quando o sujeito vem antes do verbo. Naro (1981, p. 67) completa justificando que a ausência de concordância quando o sujeito vem imediatamente anteposto ao verbo é muito mais saliente do que quando o sujeito está distante ou posposto. Em outras palavras, é muito mais perceptível para o falante-ouvinte do português brasileiro a não marcação de concordância com sujeitos na 3PP imediatamente antepostos ao verbo do que quando pospostos, distantes ou elípticos.

Os exemplos a seguir, extraídos do Portvix, mostram os tipos de dados recolhidos para o controle da variável posição e explicitude do sujeito. Os exemplos de (8a) a (8d) são de sujeitos de diversos tipos morfológicos antepostos ao verbo: com o pronome eles, com o pronome vocês, sintagmático e numérico, respectivamente. Os exemplos de (8e) a (8h) são de sujeitos também de diversos tipos morfológicos pospostos ao verbo: com o pronome vocês, sintagmático, numérico e composto. Os exemplos (8i) e (8j) são de sujeitos elípticos. É importante salientar que não foi feito o controle da distância do núcleo do sujeito em relação ao verbo, como outros trabalhos apresentam (ANJOS, 1999, p. 94; RUBIO, 2008, p. 107.).

Sujeito anteposto ao verbo

(8a) “Inf – [...] eles **PAGA** imposto...” MASC/MED/50 ou mais

(8b) “Inf – [...] até os quinze anos vocês **VÃO** ficar muito desengonçados...” FEM/FUN/7-14

(8c) “Inf – [...] muitas crianças **MORREU** aqui...” MASC/MED/26-49

(8d) “Inf – [...] as duas **FICAVAM** o dia todo no pc...” MASC/UNI/15-25

Sujeito posposto ao verbo

(8e) “Inf – [...] o rapaz veio apresentando siglas apresentando desenhos aí e::sse **VINHA** as frases embaixo...” MASC/UNI/50 ou mais

(8f) “Inf – [...] sempre **ROLA** né.. umas espetadinhas...” MASC/UNI/15-25

(8g) “Inf – [...] **DEVIAM** os dois terminar na cadeia...” FEM/FUN/26-49

Sujeito elíptico

(8h) “eles melhoraram nesse sentido... e... muitas pessoas não VALORIZAM... **FAZEM** uma quizumba... danada... e::... não::... se **COLOCAM** um::... vamos dizer assim... uma preferência no caso de emergência...” MASC/MED/15-25

(8i) “ah:: fazer um projeto pô... botar educação::o ensinar eles uma profissã::o... tipo assim um jeito pra eles PODER voltar pra sociedade também e::... e **TER** também o que fazer...” FEM/MED/15-25

TABELA 9 – EFEITO DA POSIÇÃO DO SUJEITO NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
Antes do verbo	1853/2310	80,2%	0,536
Depois do verbo	45/109	41,3%	0,116
Sujeito elíptico	541/676	80,0%	0,459
<i>Range</i>			420
TOTAL	2439/3095	78,8%	

Os resultados para essa variável nos mostram que, de um total de 2310 dados de sujeitos antepostos ao verbo, houve 1853 casos de concordância, com percentual de 80,2% e com um peso relativo de 0,536, ao passo que, dos 109 dados de sujeitos pospostos ao verbo, houve 45 casos de concordância, com um percentual de 41,3% e peso relativo de 0,125. Das 676 ocorrências de sujeitos elípticos, houve 541 casos de concordância, com um percentual de 80,0% e peso relativo de 0,459. Esses resultados nos mostram um padrão mais claro de desfavorecimento da concordância quando o sujeito é posposto ao verbo, com peso relativo baixo e um *range* de 420 evidenciando a diferença entre a anteposição e posposição. Nos casos de sujeito anteposto e elíptico, os resultados percentuais foram praticamente iguais e os pesos relativos bastante próximos um do outro e do ponto neutro, mostrando efeito semelhante.

Na tabela 10, vemos que a única pesquisa com resultados mais comparáveis é da amostra de Florianópolis. As demais fizeram um controle da posição do sujeito envolvendo também a distância entre o núcleo e o verbo, por isso não entraram nessa comparação²².

TABELA 10 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA POSIÇÃO DO SUJEITO NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL ENTRE A AMOSTRA PORTVIX E OUTRAS AMOSTRAS

	Vitória (esta pesquisa)	Florianópolis Monguilhott (2001, p. 46)
Sujeito antes do verbo	0,536	0,58
Sujeito depois do verbo	0,116	0,17
Sujeito elíptico	0,459	-

Percebemos que Vitória segue a mesma linha que Florianópolis, com sujeitos antepostos ao verbo apresentando mais concordância que sujeitos pospostos ao verbo.

4.4 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

Aqui apresentaremos o que a literatura variacionista traz sobre as variáveis sociais escolarização, faixa etária e gênero/sexo e traremos uma análise e discussão dos resultados para os dados de 3PP da amostra Portvix.

4.4.1 Escolarização

4.4.1.1 Sobre a variável escolarização

Sabemos que a CV é um fenômeno gramatical que é objeto de ensino escolar e que não é neutro: possui uma variante de prestígio e outra fortemente estigmatizada. Podemos dizer que a metodologia tradicional de ensino no Brasil, prescritiva, tem por base os conteúdos das gramáticas normativas, as quais exploram, à exaustão, os casos particulares de concordância (que se excetua à regra geral), “aprendidos” através de mecanismos mnemônicos. Os documentos oficiais do governo problematizam este fato já desde o último século, como nesse

²² Naro e Scherre (1999) ainda fizeram distinção entre sujeito elíptico próximo e sujeito elíptico distante na amostra de 1980 do Rio de Janeiro. Os resultados apontaram que os elípticos próximos desfavoreciam a concordância e os elípticos distantes favoreciam.

excerto dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para Ensino Médio (BRASIL, 2000, p. 16):

O estudo gramatical aparece nos planos curriculares de Português, desde as séries iniciais, sem que os alunos, até as séries finais do Ensino Médio, dominem a nomenclatura. [...] O que deveria ser um exercício para o falar/escrever/ler melhor se transforma em uma camisa de força incompreensível.

Na escola, a avaliação feita sobre o aprendizado da CV não se dá exclusivamente através de provas e trabalhos: ela também é feita através da interação verbal, com professores e, por vezes, alunos, sendo verdadeiros “fiscais” da linguagem, como aponta Votre (2015, p. 54):

Os exercícios de concordância se verificam em todos os níveis de ensino, com graus crescentes de exigência, à medida que os alunos avançam no processo de escolarização. [...] A aplicação da regra de concordância é parcialmente controlada pelo discurso e está sujeita a diferentes graus de estigmatização.

Na página 18, citamos o caso da polêmica em torno do livro didático *Por uma vida melhor*, de Heloísa Ramos (2011). Mesmo trabalhando na direção orientada pelos documentos oficiais do Governo, a autora foi alvo de críticas e seu livro saiu de circulação de salas de aula. Na cartilha dos PCNs de Ensino Fundamental (BRASIL, 1998) é fortalecida a ideia de que a escola deve desconstruir os mitos de que existe apenas uma forma “certa” de falar, e de que essa forma se parece com a escrita. Muitos profissionais da educação reproduzem uma realidade de “[...] desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico.” (BRASIL, 1998, p. 31).

Já que a escola prima pela homogeneização da língua, “compreende-se, nesse contexto, a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança.” (VOTRE, 2015, p. 51) No caso da CV, a tendência é de que haja mecanismos que promovam a mudança, no sentido de aquisição das formas padrão de concordância.

4.4.1.2 Resultados

A hipótese que subjaz a essa variável social é a de que falantes com maiores níveis de escolarização tendem a favorecer mais as formas de prestígio que falantes com menores níveis de escolarização. Sendo assim, a expectativa em torno do fenômeno em estudo é a de que falantes com maiores níveis de escolarização obtenham índices mais elevados de CV. A tabela a seguir apresenta as frequências e pesos relativos sobre esta variável na amostra Portvix.

TABELA 11 – EFEITO DA VARIÁVEL ESCOLARIZAÇÃO NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
Fundamental	987/1388	71,1%	0,332
Médio	804/991	81,1%	0,528
Superior	648/716	90,5%	0,769
<i>Range</i>			332
TOTAL	2439/3095	78,8%	

Assim como esperado, os resultados apresentam-se de forma crescente: na medida em que a escolarização aumenta, o índice de concordância aumenta. Para informantes que possuem apenas ensino fundamental, 71,1% de concordância, com 0,332 de peso relativo; para ensino médio, 81,1% de concordância, com 0,528 de peso relativo; para informantes do ensino superior, 90,5% de concordância, com 0,769 de peso relativo.

Mais uma vez, se comprova que a escola exerce grande influência sobre fenômenos da fala, dando enfoque ao que é de mais prestígio social. Nas palavras de [Votre \(2015\)](#): “O ensino prescritivo está dividido entre as tarefas de aquisição das formas de prestígio e as tarefas de erradicação das formas sem prestígio, com ênfase para as estigmatizadas” (p. 53).

Na tabela a seguir, constam os dados das outras amostras para comparação, com a identificação de seus respectivos critérios para controle dessa variável.

TABELA 12 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA ESCOLARIDADE NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL ENTRE A AMOSTRA PORTVIX E OUTRAS AMOSTRAS

Vitória (esta pesquisa)	Rio de Janeiro Scherre e Naro (2014, p. 348)		João Pessoa Anjos (1999, p. 106)	Florianópolis Monguilhott (2001, p. 60)	São José do Rio Preto Rubio (2008, p. 93)
-	-	-	Nenhum ano 30% 0,26 (147/484)	-	-
1-8 anos 71,1% (987/1388) 0,332	1-4 anos 62,9% (1128/1794) 0,43	1-4 anos 71,8% (516/719) 0,26	1-4 anos 35% (209/597) 0,34	4 anos 78% (660/850) 0,44	1-4 anos 56% (317/570) 0,28
	5-8 anos 77,9% (1378/1170) 0,55	5-8 anos 85,3% (726/851) 0,50	5-8 anos 55% (326/595) 0,50	11 anos 81% (591/733) 0,57	5-8 anos 60% (653/1084) 0,40
9-11 anos 81,1% (804/991) 0,528	9-11 anos 81,5% (893/1096) 0,54	9-11 anos 95,3% (466/489) 0,82	9-11 anos 68% (447/654) 0,63	-	9-11 anos 74% (568/167) 0,52
Mais de 11 anos 90,5% (648/716) 0,769	-	-	Mais de 11 anos 74% (524/704) 0,69	-	Mais de 11 anos 87% (776/887) 0,73
78,8% (2439/3095)	73% (3399/4660)	83% (1708/2059)	54% (1653/3034)	79% (1251/1583)	70% (2314/3308)

Mesmo com escalas diferentes para medir o grau de escolarização, todas as amostras comprovam a tese de que quanto mais tempo se passa estudando, mais se adquire a norma de prestígio. Na análise da [Tabela 1](#) comentamos sobre o fato de João Pessoa ser a única cidade com informantes sem escolarização formal e sobre a possibilidade disso interferir no percentual geral de concordância, tornando João Pessoa a cidade com menor índice, entre as amostras comparadas. Entretanto, ao observarmos os percentuais de cada nível de escolarização de cada cidade, é notável que João Pessoa está sempre com uma diferença razoável em relação às demais amostras. Apenas no caso de 9-11 anos de escolarização João Pessoa se aproxima um pouco mais de outra cidade, São José do Rio Preto, em 6 pontos percentuais. A hipótese da visibilidade nacional e localização geográfica há que ser testada em um estudo mais específico sobre os resultados globais.

4.4.2 Faixa Etária

4.4.2.1 Sobre a variável faixa etária

Considerando a língua como sistema heterogêneo e ordenado, é possível admitir a existência de fatores que interferem em seu dinamismo, seja na direção de uma mudança linguística, seja na permanência concomitante de duas ou mais formas. É necessário frisar que nem todo processo de variação desencadeará uma mudança linguística.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006), a compreensão dos processos de mudança não é simples, pois a extinção de uma variante e predominância de outra envolve questões como: (a) os *fatores condicionantes* do sistema; (b) os estágios das variantes dentro do processo de mudança, ou seja, a *transição*; (c) o *encaixamento* das diversas mudanças que ocorrem na estrutura da língua; (d) a *avaliação* social sobre o fenômeno; e (e) os motivos para *implementação* de determinadas formas em determinados contextos históricos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 122-124).

Nesta pesquisa, o fator faixa etária permite interpretações sobre o desenvolvimento diacrônico da língua a partir da análise das diversas sincronias (faixas etárias). Por meio dessa análise, em *tempo aparente*, é possível fazer uma projeção de como a língua se comporta no determinado momento histórico. Segundo Naro (2015b, p. 44), a hipótese clássica sobre esses estudos diz que o “processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir desse momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável”. O mesmo autor afirma que essa hipótese se apoia em pesquisas da psicologia desenvolvimentista, e é a mais bem aceita pelos diversos grupos de estudiosos da linguagem. Para confirmá-la, é necessária a realização de pesquisas empíricas em *tempo real*, comparando diversas gerações, com amostras das mesmas comunidades.

Muitas pesquisas variacionistas apontam para a tendência dos falantes mais velhos a preferir utilizar formas antigas, ao passo que os mais jovens tendem a trazer inovações. Isso se deve à construção social vigente, em que há maior pressão normalizadora para os mais velhos, assim como há para mulheres e para pessoas que exercem atividades que exigem uma postura conforme as normas prescrevem (NARO, 2015b, p. 43). Veremos como que essa tendência pode ser interpretada nos resultados para a CV.

Naro e Scherre (2010) acreditam que existem fluxos e contrafluxos nas comunidades de fala brasileiras, podendo haver movimentos conflitantes de perda, restauração ou estabilidade.

Como o falante forçosamente pertence a diversos grupos sociais, dão-se conflitos dentro da comunidade, dentro de subgrupos da população, e até mesmo dentro do indivíduo, especialmente quando traços de prestígio explícito estão envolvidos, como é o caso da concordância verbal. (p. 87)

4.4.2.2 Resultados

TABELA 13 – EFEITO DA FAIXA ETÁRIA NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
7-14 anos	346/410	84,4%	0,715
15-25 anos	863/1027	84,0%	0,566
26-49 anos	565/760	74,3%	0,401
50 anos ou mais	665/898	74,1%	0,405
<i>Range</i>			<i>314</i>
TOTAL	2439/3095	78,8%	

Podemos observar que existe uma tendência crescente de concordância para as faixas etárias mais jovens, com um *range* de 314. A análise em tempo aparente permitiria apontar para um movimento de mudança no sentido de aquisição de concordância para a comunidade de fala de Vitória. Segundo a hipótese clássica, o falante permanece com seu sistema estável a partir da puberdade, sendo assim, quando os informantes da primeira faixa etária tiverem 50 anos ou mais, a comunidade apresentará mudanças em seu sistema (e não o indivíduo). Outra possibilidade, apontada por Naro (2015b, p.48), é a de que a comunidade permaneceria com seu sistema estável e o indivíduo mudaria, ou seja, em nosso caso, os informantes da primeira faixa etária apresentariam mudança no sentido de perda de concordância, acompanhando o padrão etário apresentado na tabela 13.

Uma interpretação para estes resultados já foi feita por Naro e Scherre (2010), que, com dados de fala do Rio de Janeiro de duas amostras do PEUL, de 1980 e 2000, encontraram a mesma tendência de aquisição de concordância, sendo as mulheres de 7-14 anos as líderes desse processo. Segundo esses autores, “novos *inputs* estão se instalando, via maior vivência com ambientes de letramento, em que se usam mais as variantes de prestígio explícito, a saber, a presença de concordância plural” (NARO; SCHERRE, 2010, p. 86-87).

Na próxima sessão, apresentaremos um cruzamento da faixa etária com a variável gênero/sexo para observar se há um padrão de homens ou mulheres liderando esse processo de aquisição de concordância na fala de Vitória.

TABELA 14 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DA FAIXA ETÁRIA NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL ENTRE A AMOSTRA PORTVIX E OUTRAS AMOSTRAS

Vitória (esta pesquisa)	Rio de Janeiro Naro e Scherre (2013)		João Pessoa Anjos (1999, p. 113)	Florianópolis Monguilhott (2001, p. 61)	São José do Rio Preto Rubio (2008, p. 93)
	1980	2000			
7-14 anos 84,4% (346/410) 0,715	7-14 anos 0,37	7-14 anos 0,55	-	-	7-15 anos 56% (343/609) 0,39
15-25 anos 84,0% (863/1027) 0,566	15-25 anos 0,50	15-25 anos 0,62	15-25 anos 64% (711/1117) 0,57	15-24 anos 81% (446/553) 0,52	16-25 anos 75% (405/539) 0,50
26-49 anos 74,3% (565/760) 0,401	26-49 anos 0,58	26-49 anos 0,38	26-49 anos 46% (425/915) 0,42	25-45 anos 75% (362/482) 0,42	26-35 anos 68% (387/565) 0,44
50 anos ou mais 74,1% (665/898) 0,405	50 anos ou mais 0,51	50 anos ou mais 0,51	Mais de 50 anos 52% (517/1002) 0,49	52-76 anos 81% (443/548) 0,55	36-55 anos 75% (584/776) 0,56
-			-	-	Mais de 55 anos 73% (595/819) 0,57
78,8% (2439/3095)	73% (3399/4660)	83% (1708/2059)	54% (1653/3034)	79% (1251/1583)	70% (2314/3308)

Na tabela 14, em que observamos nossos resultados ao lado dos de outras amostras, identificamos a existência de três diferentes fluxos. No primeiro, os mais jovens apresentam maiores índices de concordância, conforme já mencionamos. É o caso de Vitória, Rio de Janeiro e João Pessoa. No segundo, os mais velhos apresentam maiores índices de concordância. É o caso de São José do Rio Preto. A expectativa, para Vitória, em torno dessa variável era conforme Rubio (2008) encontrou para a referida cidade do interior de São Paulo, uma vez que a literatura preconiza que os falantes de faixa etária mais elevada tendam ao uso de variantes mais prestigiadas. No terceiro, os mais velhos e os mais jovens apresentam índices semelhantes, e mais altos que o da faixa etária intermediária. É o caso de Florianópolis.

Essas disparidades requerem um olhar mais minucioso, considerando ainda outros fatores condicionantes, não controlados nesta pesquisa, a fim de compreender as diversas dinâmicas

das comunidades de fala brasileiras. Conforme citado, Naro e Scherre (2010, p. 87) já apontavam para a possibilidade de resultados conflitantes em relação à faixa etária, no sentido de haver fluxos e contrafluxos, especialmente quando se trata de uma variável estereotipada como a CV.

4.4.3 Gênero/sexo

4.4.3.1 Sobre a variável gênero/sexo

A codificação aqui empregada para o gênero/sexo falante diz respeito à abordagem biológica (sexo) dos indivíduos entrevistados e à abordagem sociocultural (gênero).

De acordo com Labov (2001a, p. 261-293), o efeito da variável gênero/sexo pode se manifestar de diferentes maneiras, variando conforme a estabilidade do fenômeno que se observa e conforme a impressão social que existe sobre ele. Como já vimos em páginas anteriores, segundo o mesmo autor, em relação à estabilidade do fenômeno, ele pode ser caracterizado como [1] estável, [2] em processo de mudança acima do nível da consciência (*change from above*) ou [3] em processo de mudança abaixo do nível da consciência (*change from below*). Em relação à impressão social sobre o fenômeno, o falante do gênero masculino ou feminino pode apresentar conformidade com os padrões sobre determinadas variáveis (*conforming*) ou pode apresentar ruptura com esses padrões (*nonconforming*).

Com base nessas noções, o teórico aponta algumas tendências em relação ao gênero/sexo do falante. Para variáveis sociolinguísticas estáveis, homens tendem a usar formas não padrão com mais frequência que as mulheres, mostrando que estas apresentam um comportamento mais conservador, *em conformidade* com o que se convencionou como forma de prestígio. Quando há mudança acima do nível da consciência, as mulheres tendem a adotar a variante de prestígio com maior frequência que os homens, mostrando-se inovadoras e, novamente, *em conformidade* com o que é mais prestigiado. Quando há mudança abaixo do nível da consciência, as mulheres tendem a ser, mais uma vez, inovadoras, entretanto, *sem conformidade* com as normas (LABOV, 2001a, p. 266; 274; 279). Esse comportamento ambíguo das mulheres – ora conservadoras, ora inovadoras –, é interpretado por Labov através do *Paradoxo do Gênero* nos seguintes termos: “As mulheres se conformam mais fortemente do que os homens às normas sociolinguísticas que são explicitamente prescritas,

mas se conformam menos do que os homens quando as normas não são explicitamente prescritas.” (LABOV, 2001a, p. 293)²³.

Considerando a CV, de modo geral, um fenômeno fortemente estereotipado, conforme já colocado, e com índices de concordância aumentando com a gradação do tempo, caracterizamo-lo como fenômeno com mudança acima do nível da consciência (*change from above*). Sendo assim, a expectativa sobre a variável gênero/sexo é de que as mulheres utilizem com maior frequência do que os homens a variante de prestígio, com marca explícita de plural.

Para além das noções de conformidade e não conformidade de Labov, Scherre e Yacovenco (2011) destacam que é válido considerar o Princípio da Marcação Linguística e Social de Givón para interpretar os fenômenos com variação estável e variação com consciência e sem consciência. As autoras estabelecem duas generalizações: “em configurações menos marcadas – e não necessariamente mais prestigiadas – as mulheres estão à frente na variação ou na mudança; em configurações mais marcadas – e não necessariamente menos prestigiadas – os homens estão à frente na variação ou na mudança.” (Scherre e Yacovenco, 2011, p. 139). Na CV, podemos considerar mais marcada a forma verbal sem a desinência plural – sendo assim, a expectativa é de que as mulheres estejam na liderança de aquisição de concordância.

Chambers (2002) questiona algumas generalizações de Labov sobre gênero/sexo, com base nos resultados da pesquisa de Shuy (1969) sobre a múltipla negação no inglês falado por homens e mulheres afro-americanos, de quatro classes sociais, da cidade de Detroit. Os resultados confirmaram o pressuposto geral, com mulheres utilizando significativamente menos a variante estigmatizada (múltipla negação), mas apontaram também um novo padrão: mulheres da classe trabalhadora utilizando muito mais a forma estigmatizada, com índice mais próximo ao dos homens. Sendo assim, um olhar mais clínico deve ser lançado a cada comunidade estudada, pois a dinâmica das relações de trabalho e de papéis sociais de gênero podem constituir fatores preponderantes nos resultados das pesquisas, especialmente quando se trata de fenômenos estereotipados.

Uma explicação plausível vem da atribuição de papéis de gênero, da divisão sociocultural do trabalho para homens e mulheres. Em muitos enclaves da classe trabalhista as mulheres tendem a ter mais mobilidade do que os homens, trabalhando fora da comunidade, em posições interacionistas como

²³ No original: “Women conform more closely than men to sociolinguistic norms that are overtly prescribed, but conform less than men when they are not.” (LABOV, 2001a, p. 293).

receptionistas, caixas, ou faxineiras de escritório, e as mulheres, mais do que os homens, tendem a se comunicar em nome da família em reuniões com professores, diretores, corretores e gerentes de banco. É nestas comunidades onde a discrepância feminino-masculino é maior. No entanto, as diferenças de papéis de gênero dificilmente podem ser toda a explicação, porque a vantagem sociolinguística feminina também ocorre nas sociedades em que não há distinção clara na mobilidade de gênero, como nas classes médias, em praticamente todas modernas, em sociedades industrializadas ocidentais. (Chambers, 2002, p. 354-355)²⁴

Apesar de não fazer referência direta aos papéis sociais de gênero, Labov (2001a, p. 272) já identificava a interação da variável gênero/sexo com a classe social. O autor observa na pesquisa de Wolfram (1969), também sobre o inglês afro-americano de Detroit, sobre a concordância, que as mulheres de classe média tendem a apresentar maiores índices de concordância que as mulheres da classe trabalhadora, sendo que as duas classes intermediárias (de um total de quatro) apresentam maior diferenciação entre gêneros: mas mulheres sempre com maiores índices de concordância. Segundo Labov (2001a, p. 272), esse padrão de interação entre gênero e classe social é característico de fenômenos linguísticos que são facilmente reconhecidos pela comunidade de fala, os estereótipos.

4.3.3.2 Resultados

A tabela a seguir mostra os resultados desta variável na amostra Portvix.

TABELA 15 – EFEITO DO GÊNERO/SEXO NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
	N	%	
Masculino	1231/1536	80,1%	[0,498]
Feminino	1208/1559	77,5%	[0,502]
TOTAL	2439/3095	78,8%	

²⁴ No original: One plausible explanation comes from the assignment of gender roles, the sociocultural division of labor for males and females. In many working-class enclaves women tend to be more mobile than men, working outside the community in interactive positions as clerks, tellers, or office cleaners, and women rather than men tend to speak for the family in meetings with teachers, principals, land-lords, and bank managers. It is in these communities where the female-male discrepancy is greatest. However, gender role differences can hardly be the whole explanation because the female sociolinguistic advantage also occurs in societies in which there is no clear distinction in gender mobility, as in the middle classes in virtually all modern, industrialized Western societies. (Chambers, 2002, p. 354-355)

Como se pode observar, não houve significância estatística para a variável gênero/sexo. Homens e mulheres de Vitória apresentam resultados muito similares de concordância: os homens, com 80,1% de concordância, com peso relativo de [0,498], e mulheres com 77,5% de concordância e [0,502] de peso relativo.

Os trabalhos de Silva e Scherre (2013) e Scardua (2014) sobre a concordância nominal na fala de Vitória, que utilizaram a mesma amostra e a mesma metodologia de pesquisa, apontam que homens possuem índices de concordância maiores que os das mulheres, mas ainda não há cruzamentos de variáveis e análises mais detalhadas sobre este resultado. Ou seja, na cidade de Vitória há uma dinâmica social de gênero que ainda não está clara e que diverge dos pressupostos labovianos. Por essa razão, fizemos algumas rodadas cruzando os fatores gênero/sexo com faixa etária e gênero/sexo com escolarização, para observar se esses outros fatores exercem alguma influência nos resultados do gênero/sexo.

TABELA 16 – EFEITOS DO CRUZAMENTO DE GÊNERO/SEXO COM FAIXA ETÁRIA E GÊNERO/SEXO COM ESCOLARIZAÇÃO NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA NA AMOSTRA PORTVIX

	FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO
		N	%	
GÊNERO/SEXO E FAIXA ETÁRIA	Mulher – 7-14 anos	153/202	75,7%	0,633
	Mulher – 15-25 anos	464/561	82,7%	0,595
	Mulher – 26-49 anos	267/348	76,7%	0,429
	Mulher – 50 anos ou mais	324/448	72,3%	0,390
	Homem – 7-14 anos	193/208	92,8%	0,811
	Homem – 15-25 anos	399/466	85,6%	0,526
	Homem – 26-49 anos	298/412	72,3%	0,371
	Homem – 50 anos ou mais	341/450	75,8%	0,412
GÊNERO/SEXO E ESCOLARIZAÇÃO	Mulher – fundamental	475/719	66,1%	0,317
	Mulher – médio	358/432	82,9%	0,568
	Mulher – superior	375/408	91,9%	0,782
	Homem – fundamental	512/669	76,5%	0,364
	Homem – médio	446/559	79,8%	0,489
	Homem – superior	273/308	88,6%	0,733
TOTAL		2439/3095	78,8%	

Quando rodada em conjunto a variável gênero/sexo com faixa etária e gênero/sexo com escolarização, o programa *Goldvarb X* selecionou todas como estatisticamente significativas. Na parte superior da tabela 16, podemos perceber que a tendência de aquisição de concordância permanece a mesma tanto para homens quanto para mulheres, com pesos relativos mais elevados para informantes mais jovens. A única faixa etária em que os resultados para homens e mulheres apresentam diferença é na de 7-14 anos, com os meninos favorecendo a concordância em terceira pessoa do plural, apresentando 0,811 de peso relativo, ao passo que as meninas, 0,633 de peso relativo. Mesmo assim, não é uma diferença tão saliente.

Na parte inferior da tabela, vemos que os pesos relativos e os percentuais apontam para um aumento gradativo de concordância na medida em que se aumenta a escolarização para ambos os gêneros. A análise dos percentuais nos permite também observar que, no primeiro nível de escolarização, os homens apresentam aproximadamente 10 pontos percentuais a mais de concordância que as mulheres, sugerindo um suave favorecimento da norma de prestígio por parte dos homens. Novamente, se percebe influência da faixa etária neste fator, visto que é no ensino fundamental em que se situam todos os informantes de 7-14 anos.

Sendo assim, a constatação é de que o único contexto em que há, de fato, variação de gênero, e, em contraposição à teoria laboviana (que postula que as mulheres estão uma geração à frente dos homens), é com a primeira faixa etária.

A tabela a seguir contém resultados das outras amostras para compararmos com o Portvix.

TABELA 17 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DO GÊNERO/SEXO NA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL ENTRE A AMOSTRA PORTVIX E OUTRAS AMOSTRAS

	Vitória (esta pesquisa)	Rio de Janeiro ²⁵		João Pessoa Anjos (1999, p. 119)	Florianópolis Monguilhott (2001, p. 63)	São José do Rio Preto Rubio (2008, p. 116)
		1980	2000			
Masculino	80,1% (1231/1536) [0,507]	67,3% (1381/2053) 0,44	79,9% (686/859) 0,39	57,0% (880/1549) [0,51]	79,0% (515/678) [0,45]	68,0% (1129/1666) 0,47
Feminino	77,7% (1208/1559) [0,493]	77,4% (2018/2607) 0,55	83,0% (1708/2059) 0,58	52,0% (773/1485) [0,49]	81,0% (736/905) [0,53]	72,0% (1185/1642) 0,53
	78,8% (2439/3095)	73% (3399/4660)	83% (1708/2059)	54% (1653/3034)	79% (1251/1583)	70% (2314/3308)

²⁵ Os resultados do Rio de Janeiro foram cedidos por Marta Scherre, de arquivo pessoal.

Os resultados nos mostram que Vitória segue a mesma linha que João Pessoa e Florianópolis, com a variável gênero/sexo não se apresentando como estatisticamente significativa. Mas o Rio de Janeiro, tanto da amostra de 1980 quanto da amostra de 2000, e São José do Rio Preto, obtiveram resultados que correspondem à hipótese laboviana, com mulheres favorecendo a forma de prestígio, mesmo que os números não se mostrem tão discrepantes. No entanto, há de se considerarem dois aspectos para uma análise menos generalizada: as datas de gravação de cada *corpus* e as relações intergênero dentro de cada localidade.

Na tentativa de identificar alguma especificidade deste fenômeno em Vitória, buscamos os dados de cada um dos 8 informantes da faixa etária 1, para observar se havia grande disparidade entre os números de dados ou entre os índices de concordância de cada gênero, mas os números se mostraram equilibrados. Ainda, comparamos as ocorrências sem concordância de ambos os gêneros dessa faixa etária a fim de verificar se havia a predominância de alguma forma verbal específica que mostrasse a inclinação das mulheres dessa faixa etária para a não concordância. Entretanto, constatamos que as manifestações de não concordância eram bastante similares: alguns casos com o verbo ser, vários casos com sujeito posposto e muitos casos com saliência no nível 1B. Cabe apontar que, além de as mulheres apresentarem essas ocorrências comuns com os homens, elas também apresentaram vários casos de marca zero de concordância nos níveis 1A e 1C de saliência.

Esses resultados nos instigaram a debater sobre o que poderia influenciar a dinâmica de gênero na sociedade de Vitória.

Relembrando alguns fatos históricos do século XX sobre o povoamento de Vitória, brevemente apresentado no capítulo 3 desta dissertação, destacamos o intenso fluxo migratório para a capital em decorrência da instalação das duas grandes indústrias, a *Companhia Vale do Rio Doce* e a *Companhia Siderúrgica Tubarão* (atual *ArcelorMittal*). Moradores da capital afirmam que os empregos gerados atendiam majoritariamente a população masculina, ao passo que, às mulheres, competia cuidar da casa e da família ou trabalhar como professoras, diaristas ou comerciantes. Mesmo reconhecendo que, milenarmente, nas sociedades ocidentais, a estrutura tradicional de relações intergênero do Brasil e de diversos outros países foi essa mesma, acreditamos que, em Vitória, essa estrutura perdurou mais, demorou mais tempo para começar a se modificar.

Nesse contexto, era mais intensa a pressão social sobre os homens: deviam ser bem sucedidos profissionalmente para dar sustento à sua família. Sendo assim, o uso das formas linguísticas de prestígio era mais bem quisto por eles. Essa seria uma hipótese para justificar o índice de concordância similar ao das mulheres – e não inferior, como esperávamos. [Rodrigues \(2004\)](#) constatou essa mesma configuração no português popular de São Paulo, com dados de 3PP, em 1986.

A força de trabalho do migrante do sexo masculino é aproveitada ou assimilada pelos centros urbanos mais facilmente do que a do sexo feminino. Ainda que precárias, o homem tem mais opções profissionais na cidade grande do que as mulheres, ou têm mais possibilidade de acesso a atividades que lhe conferem um estatuto ocupacional e, conseqüentemente, uma identidade social. Para isso, ele precisa adaptar-se mais rapidamente ao modus-vivendi da capital, adquirir novos hábitos, novas formas de comportamento social, em que se inclui o comportamento verbal, abandonando, com rapidez, o estilo de vida rural. Ele precisa mudar seus hábitos linguísticos porque os adquiridos nas suas regiões de origem o identificam como migrante e são estigmatizados nos grandes centros urbanos industrializados. (p. 128)

Apesar de não haver o estigma do migrante em Vitória, havia a necessidade de adequação a um padrão menos marcado de falar e de se comportar.

Ao final da década de 90, com o surgimento de mais faculdades particulares e com a disseminação de ideologias igualitárias de gênero, mais mulheres passaram a ocupar o mercado de trabalho, inclusive em profissões que antes eram de exclusividade masculina. Numa sociedade como a de Vitória, à época de gravação do *corpus* Portvix (entre o ano 2001 e 2003), em que mulheres ainda começavam a gozar da mesma mobilidade social e do mesmo acesso ao mercado de trabalho que os homens, a expectativa, conforme vimos, segundo [Chambers \(2002, p. 354\)](#), era a de que homens e mulheres se valessem de formas linguísticas semelhantes. Entretanto, este autor observou na pesquisa de [Shuy \(1969\)](#) que a tendência era que mulheres utilizassem a forma **sem prestígio**, como a dos homens, diferentemente do que ocorreu em Vitória, com mulheres e homens usando igualmente a forma **com prestígio**.

Essas colocações, no entanto, ainda não elucidam o outro padrão por trás da CV em Vitória: o índice de concordância mais elevado na fala da faixa etária de 7-14 anos.

5. ANÁLISE DA CONCORDÂNCIA EM PRIMEIRA PESSOA NA AMOSTRA PORTVIX

5.1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A concordância verbal em 1PP, como já falado em páginas anteriores, constitui um fenômeno ainda mais estereotipado que a concordância em 3PP, pois é mais perceptível para o ouvinte a não marcação de plural nos verbos. O alto status que se atribui a essa variável é refletido pela diferença de 11,8 pontos percentuais entre os índices de concordância: enquanto temos 78,6% de concordância na 3PP, temos 90,4% de concordância na 1PP.

O significado social que os falantes de área urbana, especialmente de capitais, atribuem a não marcação de plural em verbos, tanto em 1PP quanto em 3PP, é de pouco conhecimento da norma padrão, associado, principalmente, ao seu grau de escolarização e classe social. Isso constitui um dos estereótipos que caracterizam o fenômeno variável CV. Entretanto, quando se trata especificamente da concordância em 1PP, um novo estereótipo surge, que é o de associação ao dialeto caipira. Rubio (2008) coloca:

Para a ausência de marcas nos verbos de 3PP, ainda que haja estigma social por parte da comunidade em geral, não há qualquer estereótipo quanto à origem geográfica do falante, visto ser característica comum encontrada, se não em todos, em grande número de estados do país, incluindo as capitais (p. 25).

Os trabalhos variacionistas sobre a fala de centros urbanos que envolvem verbos de 1PP em suas amostras costumam enfatizar a alternância entre *nós* e *a gente*, isto é, o grau de incorporação do *a gente* à variedade das respectivas localidades. Sendo assim, deixam a CV de lado, relegada prioritariamente a pesquisas com verbos em 3PP. Por essa razão, e também por causa da caracterização do fenômeno em mãos, os trabalhos escolhidos para comparação são sobre amostras de comunidades de fala bastante diferenciadas, como veremos na próxima seção.

Alguns dados de fala foram eliminados das análises. Casos de expressões cristalizadas, com alta fixidez estrutural, foram eliminados por serem invariáveis, como pode ser visto nos exemplos (8a), (8b) e (8c). Também não entraram nas análises expressões de caráter diretivo,

em que o locutor convida, estimula ou, mesmo, direciona o seu ouvinte a fazer determinada coisa. A forma verbal associada a esse caráter é “vamos” ou seu correspondente mais coloquial “vão”, exemplificados em (8d) e (8e). Esses casos invariáveis somam 67 ocorrências, todas no plural.

(8a) “Inf – [...] o gol mais maneiro que eu fiz... foi um meio olímpico... que eu peguei: êh... eu fui bater um escanteio da:: aqui é o campo assim tá a linha né?... **VAMOS DIZER** que aqui é o gol...” MASC/MED/15-25

(8b) “Inf – [...] **VAMOS SUPOR** eu tô assistindo um programa aí tem gente gritando lá do outro lado Gol::... ah que vontade de tacar um jarro na cabeça [[risos]]...” FEM/FUN/7-14

(8c) “Inf – [...] já foi melhor... como dizem nossos pais já foi muito melhor... ah... o sistema público... **DIGAMOS** assim... as escolas federais funcionam muito bem né... mas o nível estadual principalmente não/ não é muito bom mesmo...” MASC/UNI/15-25

(8d) “Inf – [...] Não... e:: que esse mesmo médico/ Não os médico de fora é que traziam esses remédios pra eu tomar... Quer dizer... tava “ah lá em Salvador o pessoal tá se dando super bem com esse remédio... lá no São Paulo o pessoal tá dando super bem com esse remédio”... tava assim... “**VAMO** experimentar... Vera?” Eu falei: “Então **VAMO**...” FEM/UNI/26-49

(8e) “Inf – [...] não meu amigo falou comigo **VÃO VÃO... VÃO** fazer um negó::cio aí:: e tal tal etcetera você entra na política assina a fi::cha ... aí eu falei não mas eu não quero isso não rapaz...” MASC/UNI/50 ou mais

Como esses dados não entram em nosso escopo, não foi controlada a alternância entre “vamos” e “vão”. Mas esses dados podem ser considerados em pesquisas futuras.

5.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A abordagem neste capítulo toma como ponto de partida o trabalho de [Naro, Görski e Fernandes \(1999\)](#) sobre a fala do Rio de Janeiro, para tecer algumas das expectativas sobre os resultados da amostra Portvix. Estes pesquisadores propuseram três principais fatores variáveis sobre o uso explícito de –mos, são eles: 1) Tempo verbal: *-mos* ocorre com mais frequência no pretérito do que no presente, a fim de diferenciar foneticamente os dois tempos; 2) Faixa etária: falantes mais novos usam o *-mos* com mais frequência para sinalizar pretérito mais do que falantes mais velhos; 3) Saliência fônica: o uso do –mos é mais frequente em verbos que exibem maior diferenciação fônica com relação a sua forma singular,

correspondente à terceira pessoa do singular. Na presente pesquisa, apresentamos resultados sobre o tempo verbal, mas não sobre a saliência fônica, embora essas duas categorias estejam imbricadas uma na outra, como veremos nas páginas a seguir.

Apresentamos agora uma breve descrição sobre as comunidades de fala escolhidas e sobre a composição de suas respectivas amostras para comparação com os resultados do Portvix, com base nos trabalhos de Rubio (2012) sobre a fala de São José do Rio Preto, de Mattos (2013) sobre a fala de Goiás, de Foeger (2014) sobre a fala de Santa Leopoldina e de Naro et al (2014)²⁶, que fizeram uma análise comparativa entre as cidades de Vitória, Santa Leopoldina e a região da Baixada Cuiabana, e Scherre et al (2014)²⁷ que incluíram na referida análise comparativa a cidade de Goiás.

O trabalho de Rubio (2012) é sobre a fala da região de São José do Rio Preto. No capítulo anterior, apresentamos resultados de um primeiro trabalho deste mesmo autor, com a mesma comunidade de fala, sobre CV em 3PP. Desta vez, em um trabalho sobre a CV em 3PP e 1PP e alternância pronominal em 1PP no português brasileiro e no português europeu, a amostra de São José do Rio preto é menor: em vez de 76 informantes, são 64. Da mesma forma, eles estão estratificados segundo seu gênero/sexo (masculino e feminino), faixa etária (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos e mais de 55 anos), e sua escolaridade (1 a 4 anos de escolarização [fundamental I], 5 a 8 anos [fundamental II], 9 a 11 anos [médio], 12 anos ou mais [superior]).

Outra comunidade de fala a ser comparada é a Baixada Cuiabana, região no estado do Mato Grosso. A amostra possui 19 falantes, de ambos os sexos (masculino e feminino), três faixas etárias (15-25 anos, 26-19 e acima de 49), e quatro níveis de escolarização (sem escolarização, 1-4 anos, 5 a 8 anos, 9 a 11 anos e mais de 11 anos). Segundo Dettoni (2003, p. 19), a responsável pela composição da amostra, a região possui uma variedade de fala urbana considerada marcada, por conter aspectos fonológicos incomuns no português brasileiro, que podem causar estranheza ou, até mesmo, dificuldade no entendimento de pessoas de outras regiões do Brasil. A seguir, alguns exemplos que ilustram algumas das especificidades do falar desta cidade:

²⁶ Trabalho inédito, submetido à publicação, apresentado no 1st Internacional Symposium on Variation in Portuguese, na Universidade do Minho, Portugal, por Anthony J. Naro, Maria Marta Pereira Scherre, Camila Candeias Foeger e Samine de Almeida Benfica, em 2014.

²⁷ Trabalho inédito, apresentado no XLIII New Ways of Analyzing Variation, na University Illinois of Chicago, Estados Unidos, por Maria Marta Pereira Scherre, Anthony J. Naro, Shirley Eliany Rocha, Camila Candeias Foeger e Samine de Almeida Benfica, em 2014.

(9a) “(...) **NÓI MUDAMO** de lá da beira da roça e **FOMO** morar lá, (...) era duas vez melhor do que aonde **NÓS MORAVA** né” [1-4 anos escolarização, feminino, 65 anos]

(9b) “Então aquela parma benta **NÓS TEMO** ele com grande valor em nossa casa. (...) Se **NÓS TÁ** com uma dor, **PANHA** três raminho, **COZINHA** com boa fé que aquele é abençoado por Deus, a dor que for **nós tamos** curado dele.” [1-4 anos de escolarização, feminino, 39 anos]

(9c) “Sempe **NÓIS METXIA** co horta. **PRANTAVA** cove, cebola, arface, essas coisinha... (...) **NÓIS PRANTAVA** só pra despesa, só pra tchupá. **NÓIS TCHUPAVA** cana caiana.” [sem escolarização, feminino, 44 anos]

O trabalho de Foeger (2014) é sobre a cidade de Santa Leopoldina, cidade serrana situada no Espírito Santo. Esta pesquisa é sobre a alternância entre *nós* e *a gente*, mas a autora faz uma abordagem preliminar sobre a concordância em 1PP, que foi um pouco mais aprofundada por Naro et al (2014) e Scherre et al (2014) no que diz respeito à variável linguística tempo verbal. A amostra possui 32 falantes, de ambos os sexos (masculino e feminino), quatro faixas etárias (07-14 anos, 15-25, 26-49 e acima de 49) e dois níveis de escolarização (1-4anos e 5-8 anos). Os entrevistados vivem na zona rural do município, que é o que possui maior proporção rural do Espírito Santo (78,6%). A seguir, dois exemplos da amostra de Santa Leopoldina.

(10a) “Joana tem vez pega o periquito... Aí **nós faz** carinho nele... aí um dia eles se assustaram... que **nós pegamo** o periquito (...) (...) Aí **nós pegamo** ali...? (...) **nós viemo** pra fora... (...) antes as rolinha entrava lá dentro do galinheiro das postura... **nós tirava** elas lá de dentro” [1-4 anos de escolarização, feminino, 07-14 anos]

(10b) “(...) é porque **nós fica** brincando de o mestre mandou... Aí tem vez **nós pede** umas florzinha... mas **nós não pega** tanta flor... **nós pega** mais é folha... de coco... de banana... de um monte de coisa... aí eu até já mandei eles trazer água aí ele jogaram tudo em mim [risos]” [1-4 anos de escolarização, feminino, 07-14 anos]

O trabalho de Mattos (2013) é sobre a fala de Goiás. A amostra é composta por 55 entrevistas, de ambos os sexos (masculino e feminino), três faixas etárias (16-24 anos, 25-40 anos, 41-86 anos) e dois níveis de escolarização (10 a 11 anos, 11 anos ou mais). Segundo a pesquisadora, Goiás possui uma variedade linguística bem marcada, associada ao dialeto caipira. A comunidade goiana tem ciência de suas tradições linguísticas e se coloca como preservadora dessas marcas, que especificam sua identidade.

Não há dúvida de que o caráter rural moldou a cultura e a língua falada em Goiás. E um dos traços dessa ruralidade na fala se conserva ainda hoje no uso do *nós* com singular verbal. Mesmo o êxodo do campo para a cidade, no

século XX, não alterou esse uso, pois o meio urbano não apresentava diferença qualitativa relevante para impulsionar qualquer alteração (MATTOS, 2013, p. 119).

Instigadas e orientadas por Marta Scherre e Anthony Naro, as autoras dos trabalhos de concordância na fala de Vitória, Goiás, baixada cuiabana e Santa Leopoldina se reuniram para desenvolver os referidos trabalhos, cujos resultados começam a ser apresentados a partir da tabela a seguir.

TABELA 18 – ÍNDICES GERAIS DE CONCORDÂNCIA NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL EM QUATRO LOCALIDADES

Vitória (esta pesquisa)	Goiás (Naro et al, 2014)	Baixada Cuiabana (Naro et al, 2014)	Santa Leopoldina (Naro et al, 2014)	São José do Rio Preto Rubio (2012, p. 262)
90,4% (471/521)	76,3% (440/577)	51,4% (216/420)	47,5% (172/363)	85,5% (488/570)

Os índices gerais seguem nessa sequência, em ordem crescente de concordância: Santa Leopoldina < Baixada Cuiabana < Goiás < São José do Rio Preto < Vitória. A única cidade cujos entrevistados vivem na zona rural é Santa Leopoldina, a qual possui o menor índice de CV (47,4%) – além de ser a única, inclusive, com número de casos de verbos em 1PP sem a marcação do *-mos* (52,6%) maior do que o número de casos de verbo com marcação do *-mos*. Em seguida, temos a Baixada Cuiabana, com 51,4% de concordância. Trata-se de uma região urbana, mas com traços linguísticos bem marcados (sendo alguns estigmatizados), os quais dividem atitudes dos falantes nativos: “(i) uma que se identifica com o conteúdo das pressões externas e ratifica o estigma; (ii) outra que tem consciência do estigma e se sente pressionada a anular sua identidade local; (iii) uma terceira que procura preservar a identidade cultural, apesar das atitudes contrárias.” (DETONI, 2003, p. 231).

Já em Goiás, a atitude linguística dos falantes, como aponta Mattos (2013), é de orgulho de sua identidade, com traços linguísticos associados ao dialeto caipira. Entretanto, apresentam um resultado bem mais elevado de presença de concordância, com 24,8 pontos percentuais a mais que a Baixada Cuiabana. Em seguida, temos São José do Rio Preto, que também é zona urbana, mas localizada no interior do estado de São Paulo. Apresenta 85,5% de concordância em 1PP, sendo a região que mais se aproxima do resultado de Vitória, com 90,4% de concordância.

Através desses resultados já é possível constatar duas tendências gerais sobre a concordância em 1PP: 1. quanto mais urbano, maior é o índice de concordância; 2. mesmo em meio urbano, se a comunidade possui uma variedade linguística bem marcada, a concordância também será marcada pela ausência da desinência plural de 1PP.

5.3 AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

5.3.1 Tempo verbal

Como já fora brevemente citado, o trabalho de [Naro, Görski e Fernandes \(1999\)](#) aponta para uma grande tendência em relação à variável tempo verbal: a desinência *-mos* tem adquirido a função de morfema do pretérito perfeito, ao passo que o presente tem morfema zero, em razão dos resultados que vêm sendo encontrados nas pesquisas sobre concordância em 1PP.

Essa tendência pode ser melhor compreendida quando se constata que verbos regulares do português brasileiro na 1PP no presente e no pretérito perfeito apresentam a mesma forma, como pode ser observado nos exemplos (11a) ao (11e). Os demais exemplos são dos tempos verbais com formas diferentes controlados em nossa amostra.

Pretérito perfeito com a mesma forma que o presente

(11a) “Inf – [...] não... aí num quisemo mais não... aí só **FICOU** nós aqui e o : peri:quito”
FEM/MED/26-49

(11b) “Inf – [...] aí nós **COMEÇAMOS** a conversa::r e **COMEÇOU** a namorar...” FEM/FUN/26-49

(11c) “Inf – [...] **ASSISTIMOS** o [trono] da premonição ...e:: American Pie Dois ... foi legal aí
FICAMOS lá assistindo não deu nem vontade de assistir o jogo do Brasil” MASC/FUN/7-14

Presente com a mesma forma que o pretérito perfeito

(11d) “Inf – [...] não nós **TOMA** bastante cuida::do... caixa bem tampa::da... não **DEIXA** água no quintal na::da...” MASC/FUN/26-49

(11e) “E2 - e lá na sua casa cês tomam algum cuidado? Inf - **TOMAMOS** sempre” MASC/MED/15-25

Pretérito perfeito com forma diferente d o presente

(11f) “Inf – [...] eu não sabia de nada depois que: eu batizei já era ADULTA ... quando nós **FOI** pra igreja crente né? FEM/FUN/50 ou mais

(11g) “Inf – [...] já **FOMOS** pro PlaneTÁRIO ... ia pra passeio/ já **FOMOS** pra passeio em SeTiba:... vários lugaRES ... proje::to Tamar::” MASC/FUN/15-25

Presente com forma diferente do pretérito perfeito

(11h) “Inf – [...] nós num dependemo só de carro de/de de nada... nois **VEM** a pé mesmo...” MASC/MED/50 ou mais

(11i) “Inf – [...] nos **TEMOS** consultório próprio deles ali” MASC/FUN/7-14

Imperfeito

(11j) “porque QUANdo eu trabalhava empregado nós **TÍNHAMOS** uma carteirinha... do INSS uma carteirinha da firma...” MASC/FUN/50 ou mais

(11k) “nós **TINHA** que fazer isso... partir pra essa opção...” MASC/FUN/50 ou mais

Como pode ser visto nos exemplos acima, (11a) e (11b) são casos de pretérito perfeito com a mesma forma verbal do presente, ao passo que (11c) e (11d) são casos de presente com a mesma forma verbal do pretérito perfeito. Sobre os verbos no pretérito perfeito e presente com formas diferentes, a expectativa é de que esses tempos apresentem índices de CV próximos à média geral. Sobre os verbos no pretérito imperfeito, é necessário colocar que [Naro, Görski e Fernandes \(1999\)](#) eliminaram os dados desse tempo verbal, pois ele apresentava efeito quase categórico de ausência da desinência *-mos*. Para esta pesquisa, esses dados foram mantidos, pois se fazem necessários para a compreensão do encaixamento sociolinguístico da variável estudada neste capítulo.

Na tabela a seguir encontram-se os resultados sobre o efeito do tempo verbal na concordância em 1PP na amostra Portvix.

TABELA 19 – EFEITO DO TEMPO VERBAL NA CONCORDÂNCIA EM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	FREQUÊNCIA		PESOS RELATIVOS
	N	%	
Pretérito perfeito com a mesma forma do presente	171/174	98,3%	0,690
Presente com a mesma forma do pretérito perfeito	31/33	93,9%	0,387

Pretérito perfeito com forma diferente do presente	89/90	98,9%	0,797
Presente com forma diferente do pretérito perfeito	163/170	95,9%	0,508
Imperfeito	17/54	31,5%	0,009
<i>Range</i>			788
TOTAL	471/521	90,4%	

Comparando as duas primeiras linhas, é possível notar, embora não de forma tão evidente, o efeito dos tempos verbais com a mesma forma, mesmo com uma diferença grande entre o número de dados: são 174 casos de verbos no pretérito perfeito com a mesma forma do presente, apresentando 98,3% de concordância; e 33 casos de verbos no presente com a mesma forma do pretérito perfeito, apresentando 93,9% de concordância. São, respectivamente, três e dois casos de verbos sem concordância nesses dois casos. Entretanto, ao ler a coluna de pesos relativos, fica nítido o efeito dos verbos com formas iguais, com o presente apresentando um índice baixo (0,387) em relação ao pretérito (0,690).

Na linha seguinte, temos o pretérito perfeito com forma diferente do presente apresentando o peso relativo mais alto da tabela (0,797), ou seja, é o tempo verbal em que mais se favorece o uso da desinência *-mos*, apresentando apenas 1 caso sem concordância. Em seguida, o presente com forma diferente do pretérito perfeito apresenta 95,9% de concordância, com apenas 7 dados sem concordância, de um total de 170. Entretanto, seu peso relativo apresenta efeito intermediário em relação aos demais tempos (0,508), e também está bem próximo ao ponto neutro na escala de peso relativo. A expectativa para esses resultados era que apresentassem elevado índice de concordância em decorrência da alta saliência fônica entre a forma singular/plural, na escala de [Naro, Görski e Fernandes \(1999\)](#).

Os pesos relativos mais elevados desta tabela são do pretérito perfeito, com forma igual ou diferente do presente, o que nos permitiria confirmar o que esses autores postularam acerca da função de morfema de pretérito que o *-mos* tem adquirido.

Em relação ao pretérito imperfeito, o cenário é bastante diferente: dos 54 casos de verbos nesse tempo, 17 não apresentaram a desinência *-mos*, equivalendo a um índice baixo de concordância verbal (31,5%), com um peso relativo de 0,009. A respeito do uso do pretérito imperfeito, é importante colocar que sua forma na 1PP é pouco frequente no português brasileiro em decorrência da forma alternante à 1PP *a gente* ser mais utilizada nesse tempo

verbal, o qual apresenta a desinência de 3PP. Ou seja, é mais comum ouvirmos “a gente brincava” do que “nós brincávamos”. Segundo Scherre et al (2014), Naro et al (2014) e [Tamanine \(2010, p. 135\)](#), subjaz a esse fenômeno a esquia à proparoxítona, uma vez que são menos comuns no português brasileiro palavras proparoxítonas.

Na tabela seguinte, apresentamos os resultados do Portvix em comparação com as amostras já citadas. Apenas São José do Rio Preto não entra na comparação, pois [Rubio \(2012\)](#) sua análise foi sobre saliência fônica, e não sobre tempo verbal.

TABELA 20 – COMPARAÇÃO DOS EFEITOS DO TEMPO VERBAL NA CONCORDÂNCIA EM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL ENTRE A AMOSTRA PORTVIX OUTRAS AMOSTRAS

	Vitória (esta pesquisa)	Goiás (Naro et al, 2014)	Baixada Cuiabana (Naro et al, 2014)	Santa Leopoldina (Naro et al, 2014)
Pretérito perfeito com a mesma forma do presente	98,3% (171/174) 0,690	85,6% (172/201) 0,655	97,9% (47/48) 0,980	99,5% (187/188) 0,999
Presente com a mesma forma do pretérito perfeito	93,9% (31/33) 0,387	41,0% (16/39) 0,146	23,8% (20/84) 0,199	7,8% (9/116) 0,261
Pretérito perfeito com forma diferente do presente	98,9% (89/90) 0,797	84,3% (91/108) 0,592	96,3% (26/27) 0,963	100,0% (101/101) +
Presente com forma diferente do pretérito perfeito	95,9% (163/170) 0,508	87,0% (107/123) 0,734	80,3% (106/132) 0,789	69,8% (90/129) 0,885
Imperfeito	31,5% (17/54) 0,009	50,9% (54/106) 0,098	13,2% (17/129) 0,071	0,4% (1/283) 0,007
TOTAL	90,4% (471/521)	76,3% (440/577)	51,4% (216/420)	47,5% (172/363)

Mesmo com diferentes números de dados para cada tempo verbal e com índices bastante diversificados de concordância verbal, o padrão de variação permanece o mesmo em todas as comunidades de fala desta análise. As tendências gerais que envolvem o tempo verbal se

resumiriam, portanto, Naro et al (2014) apontam: nos casos de formas iguais de pretérito e presente, a forma explícita do *-mos* é utilizada como marcação de tempo pretérito; nos casos de pretérito e presente com formas diferentes, a forma explícita do *-mos* é bastante utilizada para ambos os tempos verbais; nos casos de pretérito imperfeito, as proparoxítonas são evitadas, para se adequar ao padrão paroxítono, mais geral no português brasileiro.

5.3.2 Explicitude do sujeito

O controle dessa variável foi proposto com base na premissa de que sujeitos ocultos apresentam tendência a gerarem mais marcas de plural no verbo, pois, como não há presença formal de sujeito, a desinência de número é mais necessária no contexto discursivo. A tabela 21 nos mostra os resultados para a amostra Portvix e também para outras amostras que fizeram o controle dessa variável.

TABELA 21 – EFEITO DA VARIÁVEL EXPLICITUDE DO SUJEITO NA CONCORDÂNCIA EM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

	Vitória (esta pesquisa)	Goiás (MATTOS, 2013, p. 81)	São José do Rio Preto (RUBIO, 2012, p. 274)
Sujeito explícito	86,1% (272/316) [0,453]	75,0% (337/449)	84,2% (401/475) 0,453
Sujeito oculto	97,1% (199/205) [0,572]	75,0% (150/200)	91,8% (87/95) 0,710

Como podemos observar, no Portvix a variável não foi selecionada como estatisticamente significativa pelo programa *Goldvarb X*, entretanto, seus percentuais ilustram uma diferença de 11 pontos percentuais, com sujeitos ocultos favorecendo um pouco mais a concordância verba. Em São José do Rio Preto, a variável foi selecionada como estatisticamente significativa, com sujeitos ocultos favorecendo a marca de concordância. Em Goiás, as tendências foram as mesmas, com os mesmos percentuais para sujeitos explícitos e ocultos.

Apesar de diversificados, esses resultados não apontam para uma tendência oposta à expectativa sobre essa variável.

5.4 AS VARIÁVEIS SOCIAIS

As expectativas para as variáveis sociais em 1PP são as mesmas que para as variáveis sociais em 3PP, conforme colocado no capítulo anterior, na [página 53](#) para escolarização, [página 57](#) para faixa etária e [página 60](#) para gênero/sexo. Na tabela a seguir, constam os resultados dos efeitos de todas as variáveis sociais.

TABELA 22 – EFEITO DAS VARIÁVEIS SOCIAIS NA CONCORDÂNCIA EM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO	
	N	%		
ESCOLARIZAÇÃO	Fundamental	226/259	87,3%	0,318
	Médio	149/163	91,4%	0,469
	Universitário	96/99	97%	0,900
<i>Range</i>				582
FAIXA ETÁRIA	7-25 anos	129/131	98,5%	[0,796]
	26-49 anos	153/167	91,6%	[0,358]
	50 anos ou mais	189/223	84,8%	[0,410]
GÊNERO/SEXO	Masculino	289/315	91,7%	[0,551]
	Feminino	182/206	88,3%	[0,422]
TOTAL		471/521	90,4%	

Todos os resultados de 1PP seguem a mesma tendência que os resultados de 3PP. Com relação à escolarização, ocorreu conforme o esperado para essa variável: quanto maior o tempo de escolarização, maior o índice de concordância. Com relação à faixa etária, os mais novos apresentam tendência de aquisição de concordância. É necessário destacar que as faixas etárias 1 e 2 foram amalgamadas (7-14 anos e 15-25 anos) pois os informantes de faixa etária 1 apresentaram categoricidade de concordância: 100% de concordância. Com relação ao gênero/sexo, a variável não foi selecionada como estatisticamente significativa.

As amostras com resultados sobre a concordância com o *nós* são as de São José do Rio Preto e Goiás. Mesmo com diferenças na estratificação da variável escolarização – [Rubio \(2012, p. 277\)](#) com quatro níveis, em São José do Rio Preto e [Mattos \(2013, p. 84\)](#) com dois níveis, em Goiás –, foi comum a todas a mesma tendência: quanto maior a escolarização, maior o favorecimento da norma de prestígio. Sobre a variável faixa etária, [Mattos \(2013, p. 84\)](#) apresenta resultados que atestam a hipótese clássica de que os mais velhos tendem a favorecer as formas mais conservadoras, e neste caso, de prestígio – em oposição ao que acontece em

Vitória. Já Rubio (2012, p. 279) não apresenta um padrão claro na comunidade de fala de São José do Rio Preto: os falantes de faixa etária intermediária (mas mais próximos dos mais velhos) lideram na comparação de percentuais e pesos relativos, com índices maiores de concordância verbal, ao passo que os demais informantes apresentam um padrão relativamente estável. Sobre a variável gênero/sexo, em São José do Rio Preto a variável também não é selecionada como estatisticamente significativa, assim como em Vitória. Já em Goiás, os homens estão à frente, favorecendo a concordância. É importante lembrar que, em Goiás, a ausência do *-mos* é menos marcada, mesmo que não seja prestigiada, pois constitui marca identitária dessa comunidade. Segundo Mattos (2013, p. 99), essas tendências mostram que “os jovens, assim como as mulheres, estariam atualizando o valor de uma herança cultural difundida ao longo do tempo.”

6. PARALELISMO DISCURSIVO

6.1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Como já colocado na [página 44](#), quando falamos sobre o paralelismo oracional em verbos de terceira pessoa, o paralelismo linguístico pode ocorrer entre cláusula (plano discursivo), no interior da oração (plano oracional), no interior do sintagma (plano sintagmático) e entre palavras e no interior da palavra (plano da palavra), nos termos de [Scherre \(1998, p. 30\)](#).

A variável paralelismo discursivo no fenômeno linguístico concordância verbal diz respeito à tendência de agrupamento de formas verbais semelhantes em determinadas sequências discursivas. Em outras palavras, quando se usa um verbo em 1PP ou em 3PP sem marca de plural, a tendência é que os verbos subsequentes sigam o mesmo padrão, sem a marca de plural; o mesmo vale para sequências de verbos com a marca de plural ([POPLACK, 1980, p. 63](#); [WEINER E LABOV, 1983, p. 56](#); [SCHERRE, 1988, p. 301](#)). Os exemplos a seguir ilustram algumas dessas sequências de verbos.

[12a] “Inf - [...] tem pessoas que não **ACEITAM** porque se já ta assi:m... num estado muito né? parece que eles não **ACREDITAM** muito em Deus porque **TÃO** sofrendo demais né? mas mesmo assim a gente **FA** né? da palavra de Deus né? [...] se a pessoas **QUISER** bem se não **QUISER** não é obrigada né?...” FEM/FUN/50 ou mais

[12b] “Inf - [...] é:: porque:: bastan/uma ve/um tempo atrás:: **tentaram** assaltar a venda dele... ele reagiu... ele deixou... mas aí eles **PEGARAM** os caras... ele foi lá fez o reconhecimento... mostrou a carona dele né?... aí acabou e ah:: e **era** dois moleques novinho e [inint] quem atirou nele **foi** dois rapaz:: então assim... **CHEGOU** esses dois rapaz aí... **DERAM** dois tiros neles e **SAÍRAM** correndo... que tinha muita gente passando na ho/ foi de dia... né?...” MASC/MED/15-25

Dedicamos um capítulo exclusivo da dissertação a essa variável em decorrência do tipo de codificação e análise realizadas. Como é levada em conta a natureza do elemento precedente para avaliar as relações de concordância, é importante que se considere sua pessoa verbal. Buscamos investigar se a tendência de repetição é maior em sequências com o verbo da mesma pessoa, ou se o padrão é o mesmo independentemente da pessoa verbal. Em outras

palavras, a questão é: será que qualquer marca plural em verbos desencadeia concordância?, ou qualquer marca zero desencadeia não concordância?

Essa é a única variável linguística aqui tratada que estuda as relações entre esses dois fenômenos, considerados distintos em nossa abordagem.

A seguir, faremos uma revisão bibliográfica dos estudos sobre concordância verbal que envolveram esta variável. Logo depois, apresentaremos uma descrição de como esta variável foi controlada ao longo do trabalho de codificação e interpretação dos dados desta pesquisa. Por fim, faremos uma análise e uma discussão dos resultados encontrados, em comparação com os resultados de outras pesquisas.

6.2. REVISÃO DE BIBLIOGRAFIA

Em 1980, Poplack apresenta uma pesquisa com dados de fala do espanhol de Porto Rico e identifica o paralelismo discursivo como variável importante a ser considerada nas análises sobre a noção de plural. A autora foi a primeira a registrar a tendência que já mencionamos em outras páginas: “a presença de um marcador plural antes de um dado favorece a marcação de plural nesse dado, ao passo que a ausência de um marcador anterior favorece eliminação da marca de plural” (POPLACK, 1980, p. 63)²⁸. Ela observou que a tendência de marcas zero nos dados era maior quando havia dois precedentes com marcas zero (94%) do que quando havia somente um precedente com marca zero (82%).

Poplack interpreta esse fato linguístico através de uma perspectiva funcionalista da linguagem, associando a noção de repetição de padrões à lei do menor esforço, postulada por Martinet: “Concordância é redundância, e ao contrário do que se esperaria, redundância resulta, como uma regra, do menor esforço: as pessoas não se importam em repetir, pois, dessa forma, o esforço mental é reduzido” (MARTINET, 1962, p. 55 apud POPLACK, 1980, p. 65).²⁹

²⁸ Cf. no original: “presence of a plural marker before the token favors marker retention on that token, whereas absence of a preceding marker favors deletion.” (POPLACK, 1980, p. 63)

²⁹ Cf. no original: “Concord is redundancy, and contrary to what could be expected, redundancy results as a rule from least effort: people do not mind repeating if mental effort is thereby reduced (MARTINET, 1962, p. 55 apud POPLACK, 1980, p. 65)

Labov (1994) apresentou diversos contrapontos às teorias funcionalistas em seu texto *The Overestimation of Functionalism*, inclusive ao uso da lei do menor esforço para justificar a repetição de padrões na língua falada.

Dada uma variação fonológica ou morfológica, a hipótese funcionalista prediz uma tendência para os falantes escolherem uma ou outra variante de forma que a informação seja preservada. A maioria dos resultados citados aqui mostram o oposto: na cadeia da fala, uma variante ou outra é escolhida sem olhar a maximização da informação. Pelo contrário, os principais efeitos que determinam tais escolhas são mecânicos: condicionamentos fonéticos e simples repetição da estrutura precedente”. (LABOV, 1994, p. 548, 549, 550; 568)

Segundo o autor, as repetições devem-se a fatores mecânicos de nossos cérebros, não havendo relação com a escolha de uma ou outra forma que tornaria mais eficiente o diálogo.

Scherre (1988; 1998) admite a natureza funcionalista do fenômeno paralelismo, e ainda o associa a um princípio de base cognitiva que o permite repetir os padrões da língua.

[...] considero que a variável paralelismo é indubitavelmente de natureza funcional, não por causa de sua função dentro do discurso, seja em que extensão este termo for usado, mas, sim, porque esta variável só encontra sua explicação em forças de natureza externa à língua.

Também [...] o paralelismo que perpassa pelos diferentes subsistemas lingüísticos pode ser interpretado através de um só princípio [...], um princípio de base cognitiva que possibilita ao ser humano fazer agrupamentos, formar blocos pelas semelhanças formais, que encontra sua atuação maximizada quando atua em conjugação com a função, no sentido mais amplo que se possa atribuir a este termo.

O que subjaz à variável paralelismo, ou seja, à capacidade de repetição, subjaz também a outros aspectos do comportamento humano. O comportamento humano exhibe com nitidez a produtividade ou a funcionalidade da realização de atividades em bloco, com aproximação pelas semelhanças, observado nas mais diferentes situações: na produção lingüística oral, na produção lingüística escrita, num jogo de futebol, na moda, entre outros aspectos; e, também, na própria necessidade de o ser humano formar e proteger grupos. (SCHERRE, 1998, p. 50)

6.3. DESCRIÇÃO DA VARIÁVEL

Em um primeiro momento da codificação do paralelismo discursivo, fizemos o controle apenas da marca plural ou zero dos verbos precedentes: sem diferenciá-los quanto à pessoa verbal. Como aqui tratamos de dois fenômenos distintos (concordância variável em 1PP e em

3PP), partimos para o segundo momento da codificação desta variável: diferenciando os verbos precedentes quanto à presença da marca plural ou zero e também diferenciando sua pessoa verbal.

Em um segundo momento, fizemos um controle bastante detalhado, considerando múltiplas possibilidades de contexto:

- SV totalmente isolado, sem nenhum precedente próximo. É importante colocar que não foi especificado um número de orações intervenientes para se considerar um caso de SV totalmente isolado.
- SV primeiro de uma série sem precedente próximo. Vale salientar que aqui consideramos série como uma sequência de dois ou mais verbos com o mesmo sujeito, esteja ele explícito ou elíptico.
- SV primeiro de uma série com precedente próximo (podendo ser de 1PP ou 3PP, com ou sem concordância, na fala do entrevistador ou na fala do próprio informante). Para cada combinação desses casos foi atribuído um diferente código.
- SV não primeiro de uma série.
- SV entre séries. São os casos de verbos isolados em meio a uma sequência discursiva que não iniciam uma nova série, eles se encerram em si mesmos.

Em um terceiro momento, fizemos algumas amalgamações para apresentar de forma mais objetiva nossas intenções. Constam a seguir, os exemplos do controle feito desta variável no terceiro momento de nossas codificações. O dado referente a cada exemplo vem em negrito e caixa alta, e o seu elemento precedente vem apenas em caixa alta.

DADOS DE PRIMEIRA PESSOA

SV de 1PP precedido de concordância em 1PP

(13a) “Inf - [...] e aliás que ele vende camarão mais caro que nós... nós **VENDEMOS**/ ele vende a dois reais a dúzia nós **VENDEMOS** a um real e cinquenta...” FEM/FUN/15-25

SV de 1PP precedido de não concordância em 1PP

(13b) “Inf - [...] nós ERA incluído no primeiro mundo... porque capacidade pra isso nós **TEMOS**...” MASC/FUN/50 ou mais

SV de 1PP precedido de concordância em 3PP

(13c) “Inf - [...] então por isso que eu preciso que vocês me APÓIEM para **COMPRARMOS** mais brinquedos...” FEM/UNI/26-49

SV de 1PP precedido de não concordância em 3PP

(13d) “Inf - [...] eles FALA isso aí “ ah ...cê num ta gostando muito do canal”... mas é muito difícil... por exemplo você gosta do programa... eu gosto de um ele gosta de outra aí já é difícil ela tem influência sim ... agora... cabe o que? Cabe às pessoas também saber o que é bom o que é ruim ...é você que tem que separar... se a tevi/ você não pode ficar sem televisão...pode? cê num pode... nós **TÃO** num/num na era de/ tudo moderno” MASC/MED/50 ou mais

SV de 1PP sem precedente próximo

[13e] “Inf - [...]foi ontem ele chegou e/eu não sei acho que tava na casa de mamãe... ai ele falo assim cadê/cadê Sonia falou com meu filho né?...a não sei não... ele eu em Sonia sumiu onde é que ta aí eu falei me roubaram... aí ele tomou té um susto que eu tava/ele tava/eu tava atrás dele. [[risos]] mais é dezoito anos nós **TÃO** junto ta ótimo...” MASC/MED/26-49

DADOS DE TERCEIRA PESSOA

SV de 3PP precedido de concordância em 1PP

(não há)

SV de 3PP precedido de não concordância em 1PP

(13g) “Inf - [...] hoje nós não TEMOS aquela prioridade que nós TINHA de primeiro não... hoje em dia tá muito as pessoas **DIZEM** ‘ah num sei o quê num sei o quê por causa do computador” MASC/FUN/50 ou mais

SV de 3PP precedido de concordância em 3PP

(13h) “Inf - [...] ah tem muito intercâm:bio né? eles FAZEM agora mesmo a igreja vai pra ... os jovens **VAI** lá pra Pedro Canário...” FEM/FUN/50 ou mais

SV de 3PP precedido de não concordância em 3PP

(13i) “Inf - [...] antes tava bom porque VINHA às vezes dois três/duas três viatura **PARAVA** aí...” FEM/MED/26-49

SV de 3PP sem precedente próximo

(13j) “E1 - você conhece alguma pessoa que tenha feito promessa já pra Deus... assim se você curar meu filho... eu vou servir... eu vou fazer esse trabalho?”

Inf - oh... lá na minha igreja não tem muito isso não... mas aquele motivo de oração... assim... tipo um pessoa tá doente... e coisa e tal aí eles **VÃO VÃO** lá e **PASSAM** o que tem que acontecer lá...” MASC/FUN/7-14

É importante salientar que aqui também não entraram em nossa amostra os dados de casos invariáveis de sujeito indeterminado com verbos na 3PP e casos especiais com o verbo ser, como já colocado; entretanto, os dados subsequentes a esses foram considerados nessa análise de paralelismo discursivo. Ou seja, os casos invariáveis e casos especiais foram considerados como contextos dos verbos que constam nessa análise, mas não entram como dados em nossa quantificação, conforme ilustram os exemplos abaixo.

(14a) “Inf - [...] é o Harry foi com Elaine... e foi mandando um monte de gente com ele no começo do programa porque **acharam** que ele era forte e acabou derrubando um monte gente... aí o pessoal começou a ficar com medo dele... aí no final do programa eles **MANDARAM** a baiana com a Viviane/ acabou Viviane saindo” MASC/FUN/7-14

(14b) “Inf - [...] é:: porque:: bastan/uma ve/um tempo atrás:: **tentaram** assaltar a venda dele... ele reagiu... ele deixou... mas aí eles **PEGARAM** os caras... ele foi lá fez o reconhecimento... mostrou a carona dele né?... aí acabou e ah:: e **era** dois moleques novinho e [inint] quem atirou nele **foi** dois rapaz:: então assim... **CHEGOU** esses dois rapaz aí... **DERAM** dois tiros neles e **SAÍRAM** correndo... que tinha muita gente passando na ho/ foi de dia... né?...” MASC/MED/15-25

Os casos especiais com verbo ser e com sujeito indeterminado (acharam, tentaram, era, foi) não foram codificados, mas foram considerados como contextos precedentes dos verbos subsequentes (mandaram, tentaram, chegou, deram, saíram), pois acreditamos que eles exerçam influência sobre os dados da sequência.

6.4. RESULTADOS

A tabela 23 nos mostra os resultados gerais ainda sem controle da pessoa verbal do elemento precedente a nossos dados. Na primeira coluna os dados são apenas de primeira pessoa do plural; na segunda coluna, de terceira pessoa do plural; e, na terceira coluna, a soma destes dois, para mostrar a semelhança dos resultados e pra ter uma noção conjunta.

TABELA 23 – RESULTADOS GERAIS PARA O PARALELISMO DISCURSIVO EM PRIMEIRA E TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX

FATOR	DADOS DE TERCEIRA PESSOA	DADOS DE PRIMEIRA PESSOA	DADOS EM CONJUNTO
SV precedido de concordância	87,4% (1365/1561) 0,598	94,4% (235/249) 0,557	88,3% (1637/1854) 0,592
SV sem precedente próximo	77% (895/1262) 0,459	89,2% (206/231) 0,513	78,9% (1146/1452) 0,468
SV precedido de não concordância	47,8% (179/372) 0,235	73,2% (30/41) 0,157	50,2% (212/422) 0,231
<i>Ranges</i>	363	400	361
TOTAL	78,8% (2439/3095)	90,4% (471/521)	80,3% (2995/3728)

As três colunas de resultados nos permitem confirmar a tendência geral de concordância: marcas geram marcas (0,598, 0,557, 0,592), zeros geram zeros (0,235, 0,157, 0,231) e verbos sem precedentes se aproximam do ponto neutro (0,459, 0,513, 0,468). Apesar de os dados precedidos de concordância não apresentarem pesos relativos altos, os *ranges* elevados ilustram bem a discrepância entre precedentes com marca e com zero.

Na próxima tabela, apresentamos o detalhamento dessa variável com controle da pessoa verbal do elemento precedente.

TABELA 24 – RESULTADOS PARA O PARALELISMO DISCURSIVO EM PRIMEIRA E TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA PORTVIX COM CONTROLE DA PESSOA DO ELEMENTO PRECEDENTE

FATOR	DADOS DE TERCEIRA PESSOA	DADOS DE PRIMEIRA PESSOA
SV precedido de concordância em 3PP	87,8% (1293/1473) 0,603	97,5% (79/81) 0,825
SV precedido de concordância em 1PP	81,8% (72/88) 0,517	92,9% (156/168) 0,417
SV precedido de não concordância em 3PP	47,6% (172/361) 0,234	83,3% (19/23) 0,185
SV precedido de não concordância em 1PP	63,6% (7/11) 0,445	61,1% (11/18) 0,111
SV sem precedente próximo	77,0% (895/1662) 0,459	89,2% (206/231) 0,502
TOTAL	78,8% (2439/3095)	90,4% (471/521)

Olhando para a coluna de resultados de 3PP, nota-se que eles acompanham a expectativa da literatura para essa variável. Quando precedido de verbo com marca em 3PP, o dado de 3PP tende a apresentar um pouco mais concordância (0,603) que quando precedido de dado de 1PP com marca. Quando precedido de verbo em 3PP sem concordância, a tendência é que apresente menos concordância (0,234) que quando precedido de verbo em 1PP sem concordância. E quando é dado sem precedente próximo, a tendência é que se aproxime do ponto neutro (0,459).

A coluna de resultados para dados de primeira pessoa nos mostra que o padrão não é tão claro com relação ao precedente marcado, pois SVs precedidos de SVs marcados na terceira pessoa apresentam percentual pouco mais elevado (97,6%) que SVs marcados na primeira pessoa (92,8%) e pesos relativos ainda mais díspares, com 0,825 para verbos em terceira pessoa e 0,415 para verbos marcados em primeira pessoa. Como esse resultado é o oposto do esperado para essa variável, procuramos alguma irregularidade na distribuição da amostra de 1PP e

notamos que, dos 46 informantes do Portvix, 21 apresentavam categoricamente dados de marca de plural ou zero. Por essa razão, fizemos uma rodada apenas com os 15 informantes que apresentavam variação em 1PP: para nossa surpresa, a variável não foi selecionada, o que significa que não é a variação individual interferindo nesses resultados.

É possível que o uso recorrente do *a gente*, variante de 1PP, influencie nos pesos relativos de 1PP uma vez que ele quebra o paralelismo gramatical, com o verbo conjugado na terceira pessoa do singular, embora mantenha o referente sem prejuízo de sentido.

Abaixo na tabela, nesta mesma coluna, os resultados para dados de primeira pessoa precedidos de SV não marcado apresentam um padrão mais claro: pesos relativos baixos (0,104, 0,190), sendo que os precedentes em 1PP sem marca apresentam tendência pouco maior a gerar verbos sem marca que verbos em 3PP sem marca.

O peso relativo para SVs sem precedente próximo situam-se no ponto neutro (0,500), mostrando que não há favorecimento de uma ou outra forma quando o verbo vem isolado na fala ou é o primeiro de uma série.

Em linhas gerais, para ambos os fenômenos, constata-se que a ausência de marca plural gerando ausência de marca plural é um padrão mais evidente que a presença de marca plural gerando presença de marca plural.

7. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VARIAÇÃO ESTILÍSTICA

Nos termos de Labov (2008 [1972], p. 111), o *corpus* utilizado para análise da variação estilística nesta pesquisa é de fala *casual*, em contexto *informal*, em que nenhuma atenção é dirigida à linguagem. Essa concepção difere da fala *espontânea*, que é aquela que pode ser encontrada nas entrevistas de fala monitorada em situações em que o constrangimento é deixado de lado.

É importante lembrarmos que a distribuição dos informantes da amostra de fala casual não foi equilibrada como a do Portvix, conforme apresentado no [Quadro 1](#) e [Quadro 2](#) dessa dissertação. Por essa razão, mas também pelo pequeno número de dados, alguns fatores tiveram seus resultados comprometidos. Na tabela 25, temos os índices gerais de concordância em 3PP e 1PP nas duas amostras, para compararmos.

TABELA 25 – ÍNDICES GERAIS DE CONCORDÂNCIA EM PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL E TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA DE FALA CASUAL E NA AMOSTRA PORTVIX

	Fala casual		Fala monitorada (Portvix)	
	N	%	N	%
CONCORDÂNCIA EM 1PP	60/67	89,6%	471/521	90,4%
CONCORDÂNCIA EM 3PP	45/64	70,3%	2439/3095	78,8%

Apesar de poucos dados, a distribuição foi equilibrada entre 3PP e 1PP. Percebemos que uma tendência de fala casual é a mesma que a de fala monitorada: verbos de 1PP apresentam maior índice de concordância que verbos de 3PP. A maior expectativa em torno dessa comparação era de que os dados de fala casual apresentassem menos concordância que os dados de fala monitorada. Entretanto, apenas na 3PP isso se confirmou, e ainda, com pouca diferença (8,5 pontos percentuais). Os índices gerais de 1PP foram praticamente os mesmos para as duas amostras.

Na tabela a seguir, os resultados dos fatores da terceira pessoa do plural.

TABELA 26 – RESULTADOS DE DIVERSOS FATORES DA CONCORDÂNCIA EM TERCEIRA PESSOA DO PLURAL NA AMOSTRA DE FALA CASUAL

FATOR	FREQUÊNCIA		PESO RELATIVO	
	N	%		
SALIÊNCIA FÔNICA	Nível 1	15/31	48,4%	0,228
	Nível 2	30/33	90,9%	0,759
PARALELISMO DISCURSIVO	Sem verbos precedentes	28/39	71,8%	[0,487]
	Verbo precedente com concordância	15/19	78,9%	[0,646]
	Verbo precedente sem concordância	2/6	33,3%	[0,171]
EXPLICITUDE DO SUJEITO	Sujeito explícito	36/53	67,9%	[0,501]
	Sujeito implícito	9/11	81,8%	[0,493]
ESCOLARIZAÇÃO	Fundamental	10/12	83,3%	[0,777]
	Médio	13/23	56,5%	[0,562]
	Universitário	22/29	75,9%	[0,329]
GÊNERO	Masculino	21/12	63,3%	[0,291]
	Feminino	24/31	77,4%	[0,721]
TOTAL	45/64 = 70,3%			

A única variável selecionada como estatisticamente significativa foi a saliência fônica, que apresentou a tendência esperada: verbos de menor saliência (nível 1) com menores índices de concordância; verbos de maior saliência (nível 2) com maiores índices de concordância. Nesta rodada, constam apenas dados de terceira pessoa, mas foi possível controlar a variável paralelismo discursivo. Mesmo não tendo sido selecionada como estatisticamente significativa, os resultados em percentuais e em pesos relativos apontam para a mesma tendência do Portvix: verbos analisados sem verbo precedente plural próximo tendem a acompanhar o índice geral; verbos com verbo precedente próximo com a marca de concordância apresentam maior índice de concordância; e verbos com verbo precedente próximo sem marca de concordância apresentam índice mais baixo de concordância. O fator traço humano do sujeito não foi apresentado, pois houve apenas casos de sujeito humano, por isso não tem como estabelecer contrastes. O fator posição do sujeito não entrou na análise, pois havia apenas um caso de sujeito posposto ao verbo.

Sobre a variável escolarização e gênero: o fato de a amostra não estar equilibrada com relação ao número de falantes mulheres e homens e aos três níveis de escolarização fez com que

alguns falantes apresentassem número bastante elevado de dados e outros falantes apresentassem poucos ou nenhum dado. Esta configuração interfere diretamente na análise dos fatores sociais, que, aqui, não apresentaram um padrão claro. Com relação à variável faixa etária, o motivo de esta variável não estar presente na tabela é que os dados se concentram quase que categoricamente na faixa etária 3 (26-49 anos): 62 na faixa etária 3 e 2 na faixa etária 4, sendo que os da faixa etária 4 apresentam 100% de concordância.

Com relação aos resultados para os fatores de concordância em primeira pessoa do plural, o programa *Goldvarb X* não selecionou nenhuma variável como estatisticamente significativa. Apenas os dados do fator explicitude do sujeito ficaram distribuídos de forma mais clara para se interpretar: 80,8% dos dados de sujeito explícito possuem marca de plural, e 95,1% dos dados de sujeito nulo possuem marca de plural, de forma semelhante ao Portvix.

Esses resultados atestam que, para um estudo mais eficaz sobre concordância verbal e variação estilística, na fala casual, é necessária uma amostra mais extensa e com uma distribuição mais equilibrada dos informantes. Não é tarefa fácil realizar uma gravação que preencha esses quesitos, uma vez que existem fatores como ruídos externos, interrupção de turnos, sobreposição de vozes e distância do gravador que dificultam esse processo. Outra forma de se realizar um estudo estilístico é buscando a fala espontânea, dentro da entrevista laboviana monitorada (LABOV, 2001b). A segmentação das entrevistas, no entanto, por meio do isolamento dos estilos contextuais, não é tão simples. Diversos linguistas têm se ocupado com esses estudos, propondo variadas abordagens metodológicas para o tratamento da variação linguística na entrevista monitorada com base nos pressupostos de Labov.³⁰

Outra possibilidade é a abordagem estilística proposta por Bell (2001) de gravação de uma mesma pessoa em diversos contextos de interação, com diferentes interlocutores, em diferentes ambientes e falando de diferentes assuntos. Cardoso (2005) analisou a fala de uma informante em três diferentes contextos: falando sozinha enquanto trabalhava, em entrevista com três universitárias e em entrevista com uma professora universitária. O programa estatístico também não considerou estatisticamente significativo o fator estilo, mas a autora percebeu diferenças percentuais e de pesos relativos nos resultados. Esse experimento aponta para a necessidade de se refinarem ainda mais os métodos de coleta de dados para se captar a variação estilística intrafalante.

³⁰ É o caso de Valle e Görski (2014), Görski e Valle (2014), Freitag (2014) e Dantas e Gibbon (2014), no livro *Variação Estilística*. A referência está em Görski, Coelho e Souza (2014).

Há um estudo de pequena monta feito no Brasil nos moldes de Bell (2001) em que se captou com relativo sucesso a variação estilística: para a concordância verbal, um falante com mais de 11 anos de escolarização apresentou 98% de concordância ao interagir com o patrão, 91% ao interagir com a esposa e 24% ao interagir com seus subordinados, em uma fazenda (PEREIRA; SCHERRE, 1995³¹, apud SCHERRE; NARO, 2014, p. 349).

Apesar de apresentarem abordagens distintas sobre a variação estilística, há que se considerar que é possível que Labov e Bell dialoguem em algum nível: poderíamos pensar que a ideia de maior ou menor monitoramento da própria fala reflete a percepção de como agimos (ou reagimos) a situações de maior ou menor formalidade no dia a dia, o que implicaria levar em conta a nossa audiência. O fato é que a análise dos efeitos da variação estilística, especialmente no estilo de Bell (2001), ainda está por ser feita no Brasil.

³¹ Trabalho de Andréa Kluge Pereira e Maria Marta Pereira Scherre intitulado, *A influência do contexto interacional na concordância de número no português do Brasil*, apresentado no II Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes das IFES mineiras, na Universidade Federal de Uberlândia, em 1995.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo a descrição e análise da concordância verbal (CV) na terceira e primeira pessoa do plural (3PP e 1PP) na fala de Vitória, com a discussão das variáveis linguísticas e sociais que regem esse fenômeno, e com foco principal na terceira pessoa do plural em uma amostra de fala monitorada. Analisamos duas amostras de fala, o Portvix, de fala mais monitorada, e uma amostra de fala casual, sem que os informantes soubessem que estavam sendo gravados.

Com base no que foi apresentado sobre a concordância em 3PP no Portvix, retomamos e sintetizamos aqui algumas conclusões:

1. Com relação aos fatores linguísticos, confirmou-se o que previa a literatura: quanto mais saliente for o verbo, maior é seu índice de concordância; marcas explícitas nos verbos precedentes levam a marcas explícitas nos verbos subsequentes e ausência de marcas leva a ausência de marcas; sujeitos com traço [+humano] apresentam maior concordância que sujeito com traço [-humano]; há mais concordância em casos com sujeitos antepostos ao verbo e sujeitos implícitos do que em casos com sujeitos pospostos ao verbo e explícitos.

2. Com relação aos fatores sociais, confirmou-se o que preconizava a literatura sobre a escolarização: quanto maior o nível de escolarização, maior a aproximação da forma de prestígio. Sobre a faixa etária, o Portvix aponta para uma aquisição de concordância verbal pelas gerações mais jovens, fato que diverge da tendência que outras pesquisas apontam, com falantes mais velhos preferindo a forma mais conservadora, que seria a forma de prestígio, mas que alinha Vitória ao Rio de Janeiro, em que se observou aumento de concordância na década de 2000 (NARO; SCHERRE, 2013). Sobre a variável gênero/sexo, esperava-se que mulheres apresentassem mais concordância que os homens em razão de a CV ser um fenômeno linguístico de maior consciência social, com uma forma de prestígio socialmente explícita (verbos com a marca de plural). Todavia, a variável gênero/sexo foi a única não selecionada como estatisticamente significativa pelo *Goldvarb X*, uma vez que homens e mulheres apresentam resultados muito semelhantes, sem o favorecimento por parte de um ou de outro. Os cruzamentos dessa variável com as demais variáveis sociais apontam para a necessidade de se investigar melhor as dinâmicas sociais de gênero na comunidade de fala de Vitória, e também em outras comunidades, considerando as relações de gênero e classe social,

ou, se possível, de gênero e papel social, em especial em áreas de muita migração europeia como a do estado do Espírito Santo no século XIX.

3. Numa visão conjunta dos resultados globais de diversas amostras do Brasil, pudemos observar que subjaz a este fenômeno a questão da visibilidade nacional: quanto mais visível é a cidade, maior é o seu índice de concordância em relação às demais. Essa visibilidade pode decorrer de fatores como fluxo turístico, participação na mídia televisiva e localização no mapa de regiões do Brasil. Há que ser feito um estudo comparativo com resultados de mais amostras para se averiguar quais outros fatores emergem na análise e a tornam mais nítida.

Com base no que foi apresentado sobre a concordância em 1PP no Portvix, retomamos e sintetizamos aqui algumas conclusões:

1. Com relação aos fatores linguísticos, confirmou-se o que previa a literatura sobre o fator tempo verbal: nos casos em que as formas do pretérito perfeito e presente são iguais, a marca *-mos* é reservada preferencialmente ao pretérito perfeito, em que a oposição singular/plural é mais saliente; nos casos em que as formas não são iguais, é bem frequente o uso do *-mos* também no presente do indicativo; nos casos de pretérito imperfeito, é onde se observa mais tendência de menos concordância para evitar a proparoxítone e se aproximar do padrão paroxítono do português brasileiro.

2. Ainda com relação aos fatores linguísticos: a variável explicitude do sujeito não foi selecionada como estatisticamente significativa, contrariando, assim, previsões clássicas de mais que explicitude do sujeito possa favorecer menos marcas nos verbos.

3. Com relação aos fatores sociais, foram encontrados os mesmos padrões que a 3PP.

No que tange a discussão sobre a concordância em 3PP e 1PP podemos tecer alguns comentários e apontar algumas conclusões.

A primeira diferença observada entre 3PP e 1PP é em relação ao número de dados no Portvix: os dados de 3PP possuem quase seis vezes mais ocorrências que os dados de 1PP (3095 e 521 dados, respectivamente). Acreditamos que isso decorre do uso da forma concorrente de 1PP, *a gente*, que vem acompanhada de verbos na terceira pessoa do singular, como tem sido recentemente demonstrado por análises conjuntas de concordância e de alternância com *nós* e *a gente*, nos moldes de Scherre, Yacovenco e Naro (2014) e Scherre et al (2014), em uma perspectiva ternária.

A segunda diferença observada em relação a essas duas variáveis dependentes está nos índices globais de concordância. No Portvix, 78,8% de concordância em 3PP e 90,4% em 1PP. Na amostra de fala casual, 70,3% em 3PP e 89,6% em 1PP. Os índices mais elevados em 1PP nos sugerem que existem fatores subjacentes a esses verbos que os condicionam a ser mais frequentemente flexionados para o plural. Acreditamos que o que mais interfere nessa estatística é o estigma que carrega a ausência de marca de concordância em verbos de 1PP. Como já discutido, o fenômeno concordância verbal é altamente estereotipado, especialmente nos casos de maior saliência em 3PP e em quase todas as ocorrências de 1PP.

Conforme vimos, a ausência do *-mos* pode constituir uma marca identitária de toda uma comunidade de fala, como, por exemplo, a de Goiás, analisada por [Mattos \(2013\)](#); e da área rural de Santa Leopoldina-ES, analisada por [Foeger \(2014\)](#), mas, de modo geral, é avaliada negativamente e associada à falta de escolarização, a grupos minoritários, a classes na base da pirâmide social, ou, ainda, ao dialeto caipira. Urge a necessidade de se realizarem estudos de percepção e avaliação social nas comunidades de fala urbanas e rurais para ponderar essas questões.

A discussão sobre as variáveis dependentes 3PP e 1PP se estende à análise do paralelismo discursivo na medida em que observamos que não é qualquer marca plural que desencadeia outra marca de plural: verbos de 3PP tendem a gerar mais marcas em verbos de 3PP que em verbos de 1PP, e o mesmo ocorre com a ausência de marcas em 3PP. Os resultados de 1PP não acompanharam rigorosamente esse padrão, acreditamos que por influência do uso recorrente da variante de 1PP *a gente*.

Ainda falando sobre o paralelismo discursivo, os resultados em geral foram de acordo com o que se esperava: marcas gerando marcas, ausência de marcas gerando ausência de marcas e verbos analisados sem verbos precedentes permanecendo no ponto neutro.

Sobre a variação estilística, obtivemos resultados mais ilustrativos para a 3PP que para a 1PP, com um percentual de concordância mais elevado para a amostra de fala monitorada (Portvix) em comparação à de fala casual. Essa era a expectativa, considerando que na amostra de fala casual os falantes não sabiam que estavam sendo gravados, e, portanto, prestavam menos atenção à própria fala ([LABOV, 2008 \[1972\]](#)). Os resultados de 1PP mantiveram a mesma média em ambas as amostras. Entretanto, para testar com mais confiabilidade a análise da variação estilística, é necessário que se realizem estudos mais focados nesse tipo de variação, com revisão dos métodos de coleta de dados.

Os resultados apresentados até então indicam que existem restrições linguísticas atuando sobre a língua, mantendo a heterogeneidade ordenada, e fatores sociais fazendo-a caminhar rumo à variante de prestígio, à norma padrão, na comunidade de fala de Vitória.

Como, aparentemente, não existe um traço saliente na língua que demarque a personalidade linguística do povo de Vitória e de suas redondezas, muitos acreditam que o capixaba é o que mais fala “certo” no Brasil, sem sotaque nenhum. Esse pensamento infla o ego do cidadão que aqui vive e dá ainda mais margem para atitudes de intolerância. Casos como o da polêmica em torno do livro didático *Por uma vida melhor* (RAMOS, 2011) mostram como é necessário, e urgente, o posicionamento e ativismo dos linguistas contra a intolerância linguística e em defesa da preservação das variedades linguísticas naturais no português brasileiro. Damos ênfase na tarefa dos linguistas, pois, quando não são eles os próprios professores de Língua Portuguesa da escola básica, são eles os formadores de professores de Língua Portuguesa da escola básica. Não se pode deixar de lado a tarefa primária do docente que é ensinar a norma padrão das gramáticas, o uso considerado “ideal”, seja por razões sociais, culturais ou políticas, assim como também não se pode deixar de lado a gramática da fala, em seu uso real, cuja abordagem, desde o século passado, já é prevista pelos documentos oficiais do governo e já é discutido nos cursos de licenciatura em Língua Portuguesa.

Reforçando essa última ideia apresentada e retomando a justificativa para os estudos variacionistas, em especial de fenômenos estereotipados como a CV, encerramos com uma citação de Scherre (2005, p. 140), “A gramática normativa, por mais revisada, atualizada e ampliada que seja, nem representa e nem tem condições de representar a complexa rede linguística de uma comunidade de fala”.

REFERÊNCIAS

- ANJOS, Sandra Espínola dos. *Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala pessoense*. 1999. 133f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa. *Usos das estruturas com estar+gerúndio no português brasileiro*. 2011. 121f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- BARBOSA, Astrid Franco. *Alternância de formas indicativas e subjuntivas na fala de Vitória (ES)*. 2011. 216f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- BRAGANÇA, Marcela Langa. *A gramaticalização do verbo IR e a variação de formas para expressar o futuro do presente: uma fotografia capixaba*. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.
- BELL, Allan. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Orgs.) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press, 2001, cap. 9. p. 139-169.
- BERBERT, Aline Tomaz Fonseca Lauar. *Não o vejo mais em Vitória: a substituição do clítico acusativo de terceira pessoa na fala capixaba*. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- CALMON, Elba Nusa. *Ponte da passagem: você e cê transitando na fala de Vitória (ES)*. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.
- CAMPOS JUNIOR, Heitor da Silva. *A variação morfossintática do artigo definido na capital capixaba*. 2011. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.
- CARDOSO, Caroline Rodrigues. *Variação na concordância verbal no indivíduo: um confronto entre o linguístico e o estilístico*. 2005. 126 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.
- CARVALHO, José Augusto. *Gramática superior da língua portuguesa*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. Ed. São Paulo: Nacional, 2008.

CHAMBERS, J. K. Patterns of Variation including Change In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Orgs.). *The handbook of language variation and change*. Cambridge: Blackwell, 2002. p. 375-401.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e mente*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CORRÊA, Vilma Reche. *Oração Relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. 1998. 165 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo. *Variação sintática das orações adverbiais finais: similaridades e diferenças entre fala e escrita*. 2011. 122f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

DETTONI, Rachel do Valle. *A concordância de gênero na anáfora pronominal: variação e mudança linguística no dialeto da Baixada Cuiabana – Mato Grosso*. 2003. 256 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. Introduction. In: _____. *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press, 2001. p. 1-20.

EVANGELISTA, Elaine Meireles. *Fala, Vitória: o imperativo na cidade de Vitória/ES e sua posição no cenário nacional*. 2010. 172f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

FOEGER, Camila Candeias. *A primeira pessoa do plural no português falado em Santa Leopoldina*. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

GÖRSKI, Edair; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. (Orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

GUY, Gregory R. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 19-46.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São

Paulo: Parábola, 2007.

HORA, Dermeval da. Estilo: Uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, Edair; COELHO, Izete Lehmkuhl; SOUZA, Christiane Maria Nunes de. (Orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 19-30.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of Linguistic Change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001a.

_____. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Orgs.) *Style and Sociolinguistic Variation*. Cambridge University Press, 2001b. p. 85-109.

_____. *Padrões Sociolinguísticos*. [1972] São Paulo: Parábola, 2008.

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

LEMLE, M.; NARO, A J. *Competências básicas do Português*. Rio de Janeiro: Mobral/Fundação Ford, 1977.

MATTOS, Shirley Eliany Rocha. *Goiás na primeira pessoa do plural*. 2013. 136 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

MENDONÇA, Alexandre Kronemberg de. *Nós e a gente em Vitória: análise sociolinguística da fala capixaba*. 2010. 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

MEYERHOFF, Miriam. *Introducing sociolinguistics*. London/New York: Routledge, 2006.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos*. 2001. 99 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. 2009. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MONTE, Alexandre. *Concordância verbal e variação: uma fotografia sociolinguística da cidade de São Carlos*. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

MONTE, Alexandre. *Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do português brasileiro e do português europeu*. 2012. 172 f. Tese (Doutorado em Linguística e

Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.

MORAES, Neida Lúcia. *Espírito Santo: história de suas lutas e conquistas*. Vitória: Artgraf, 2002.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimension of a syntactic change. *Language*, v. 57, p. 63-98, 1981.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. [2003]. São Paulo: Contexto, 2015a. p. 15-25

_____. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. [2003] São Paulo: Contexto, 2015b. p. 43-50

NARO, Anthony J.; GORSKI, Edair; FERNANDES, Eulália. Change without change. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, p. 197-211, 1999.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Sobre o efeito do princípio da saliência na concordância verbal na fala moderna, na escrita antiga e na escrita moderna. In: MOURA, Denilda. (Org.) *Os múltiplos usos da língua*. Maceió: EDUFAL, 1999a. p. 26-37.

_____. Influência de variáveis escalares na concordância verbal. *A cor das letras*. Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, v. 3, 1999b, p. 17-34.

_____. Fluxos e contrafluxos – movimentos sociolinguísticos da comunidade de fala brasileira. In: *Usos da Linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 79-90.

_____. Remodeling the age variable: Number concord in Brazilian Portuguese. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press, v. 25, p. 1-15, 2013.

OUSHIRO, Livia. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 394 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: EPU, 2002.

PEREIRA, Marcos Emanuel. Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana. *Ciências & Cognição*, v. 13, p. 280-287, 2008.

POPLACK, Shanna. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William. (Ed.). *Locating language in time and space*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

ROCHA LIMA. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 51. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

RAMOS, Heloísa. *Por uma vida melhor*. São Paulo: Global, 2011.

RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. Concordância Verbal Sociolinguística e História Verbal do Português Brasileiro. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, v. 4, n.1, p. 115-145, 2004.

RUBIO, Cássio Florêncio. *A concordância verbal na língua falada na região noroeste do estado de São Paulo*. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

_____. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. 2012. 392 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTNEIER, Klaus. (Orgs.). *Berlin Sociolinguistics: an International Handbook of the Science of Language and Society*. v. 2. Berlin: Walter de Gruyter, 1988. p. 984-997.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCARDUA, Juliana Rangel. *A concordância nominal na fala capixaba*. In: Anais da Jornada de Iniciação Científica da UFES. v. 5. Vitória: PRPPG, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Reanálise da concordância nominal em português*. 1988. 560 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

_____. Breve histórico do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua. In: SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; SCHERRE, Maria Marta Pereira. (Orgs.). *Padrões Sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996.

_____. Paralelismo linguístico. *Revista Estudos Linguísticos*. Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

_____. *Doa-se lindos filhotes de poodle*. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. Verdadeiro respeito pela fala do outro: uma realidade possível? *Revista Letra*. Rio de Janeiro, n. 8, v. 1 e 2, p. 51-62.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony J. Marking in Discourse: Birds of a Feather. *Language Variation and Change*. Cambridge University Press, v. 3, p. 23-32, 1991.

_____. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância de número no português popular do Brasil. *DELTA: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.

_____. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, Dermeval da (Org.). *Diversidade linguística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 93-114.

_____. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum linguístico*, Florianópolis, n. 1, p. 45-71, 1998.

_____. Efeitos da saliência fônica e do tempo/modo na concordância verbal. In: *Usos da Linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 71-78.

_____. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: variable concord in Rio de Janeiro. *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics: Selected Papers from NAWAV 41*. v. 19, n. 2, p. 181-190, 2013.

_____. Sociolinguistic correlates of negative evaluation: variable concord in Rio de Janeiro. *Language Variation and Change*, Cambridge University Press, v. 26, p. 331-357, 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A variação linguística e o papel dos fatores sociais: o gênero do falante em foco. *Revista ABRALIN*, v. eletrônico, n. especial, p. 121-146, 2011.

SILVA, Janaína Biancardi da; SCHERRE, Maria Marta Pereira. A concordância nominal na fala capixaba: fatores sociais. In: CARDOSO, Caroline Rodrigues; SCHERRE, Maria Marta Pereira; LIMA-SALLES; Heloísa Maria Moreira; PACHECO, Cíntia. [Orgs.] *Variação linguística – contato de línguas e educação*. São Paulo: Pontes, 2013. p. 129-143.

SHUY, Roger. Sociolinguistic research at the Center for Applied Linguistics: the correlation of language and sex. *Giornata Internazionale di sociolinguística*. Rome: Palazzo Baldassini, 1969.

SIMÃO, Rodrigo. *Espírito Santo: uma viagem de cinco séculos*. Vitória: Porto das Letras, 2006.

TAGLIAMONTE, Sali. *Analysing Sociolinguistic Variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

_____. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Blackwell, 2012.

TAMANINE, Andréa Maristela Bauer. *Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal NÓS / A GENTE e a gramaticalização de A GENTE na cidade de Curitiba-PR*. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

TESCH, Leila Maria. *A variação no âmbito do irrealis entre as formas de futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba*. 2007. 153f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. *A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização*. 2011. 192f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 51-57.

WEINER, Judith; LABOV, William. Constraints on the agentless passive. In: *Journal of Linguistics*, n.19, v.1, p. 29-58,1983.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.

WOLFRAM, Walt. *A Sociolinguistic Description of Detroit Negro Speech*. Arlington: VA, Center of Applied Linguistics, 1969.

YACOVENCO, Lilian. *Em busca da identidade capixaba. ABRALIN - Em Cena Espírito Santo*. Universidade Federal do Espírito Santo, 2009.

YACOVENCO, Lilian Coutinho; SCHERRE, Maria Marta Pereira; TESCH, Leila Maria; BRAGANÇA, Marcela Langa; EVANGELISTA, Elaine Meireles; MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de; CALMON, Elba Nusa; CAMPOS JÚNIOR, Heitor da Silva; BARBOSA, Astrid Franco; BASÍLIO, Jucilene Oliveira Sousa; DEOCLÉCIO, Carlos Eduardo; SILVA, Janaína Biancardi da; BERBERT, Aline Tomaz Fonseca; BENFICA, Samine de Almeida. Projeto Portvix: a fala de Vitória/ES em cena. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 56, n. 2, p. 771-806, 2012.

ANEXO A – NORMAS DE TRANSCRIÇÕES DOS EXEMPLOS E SIGNIFICADOS DAS ABREVIÇÕES DOS INFORMANTES

SIGNIFICADO	SÍMBOLO	EXEMPLIFICAÇÃO
Fala do entrevistador 1	E1	E1 – e ... qual é o tipo de filme ... que você mais gosta?
Fala do entrevistador 2	E2	E2 – você pensava que nessa idade
Fala do entrevistado	Inf	Inf – filme ... eu gosto MUIto de filme brasileiro ...
Superposição de falas	Trecho entre colchetes	E2 – aí ele também gosta de forró? [vai junto? I – [gosta ... gosta ele sim que me apresentou
Fala ininteligível	(inint)	essa questão de ficar com carrinho de pipoca na frente do (inint) isso ano existe mais ...
Truncamento	Palavra seguida de barra transversa	eu tava até estudando na época ... é um:: é uma matéria que parecia psi/ é de:: psicologia ...
Repetições	Uso repetido de termos	aí tem uma/ uma pracinha
Alongamento de segmentos	Uso de sequência de dois pontos	o último que eu vi foi::... aquele do:: Rodrigo
Comentários de segmentos	Trecho entre parênteses duplos (())	aquilo eu não esqueço até hoje... que/ que me deu um desespero eu correndo aquelas minhocas caindo da minha calça ((risos))
Entoação enfática	Maiúsculas	eu gosto MUIto de filme brasileiro ... MUIto mesmo...
Onomatopeia	Igual a quadrinhos	E2 – você falou que foi no show do Geraldo Azevedo? I – Ahã-ahã
Silabação	Separação de sílabas	I – ano passado nossa eu não pude ir ano passado quase mor-ri
Interrogação	?	E1 – e ... qual é o tipo de filme ... que você mais gosta?
Exclamação	!	
Pausas de qualquer tipo	...	I – eu acho ... assim eu acho que agora ... depois do/ eu vou dar preferência assim ao ... por exemplo vai tá construindo um shopping aqui no Centro ...

ESCOLARIZAÇÃO	
FUN	Informante de ensino fundamental
MED	Informante de ensino médio
UNI	Informante de ensino Superior (Universitário)
FAIXA ETÁRIA	
7-14	Informante com idade entre 7-14 anos
15-25	Informante com idade entre 15-25 anos
26-49	Informante com idade entre 26-49 anos
50 ou mais	Informante com 50 anos de idade ou mais
GÊNERO/SEXO	
MASC	Informante masculino
FEM	Informante feminino